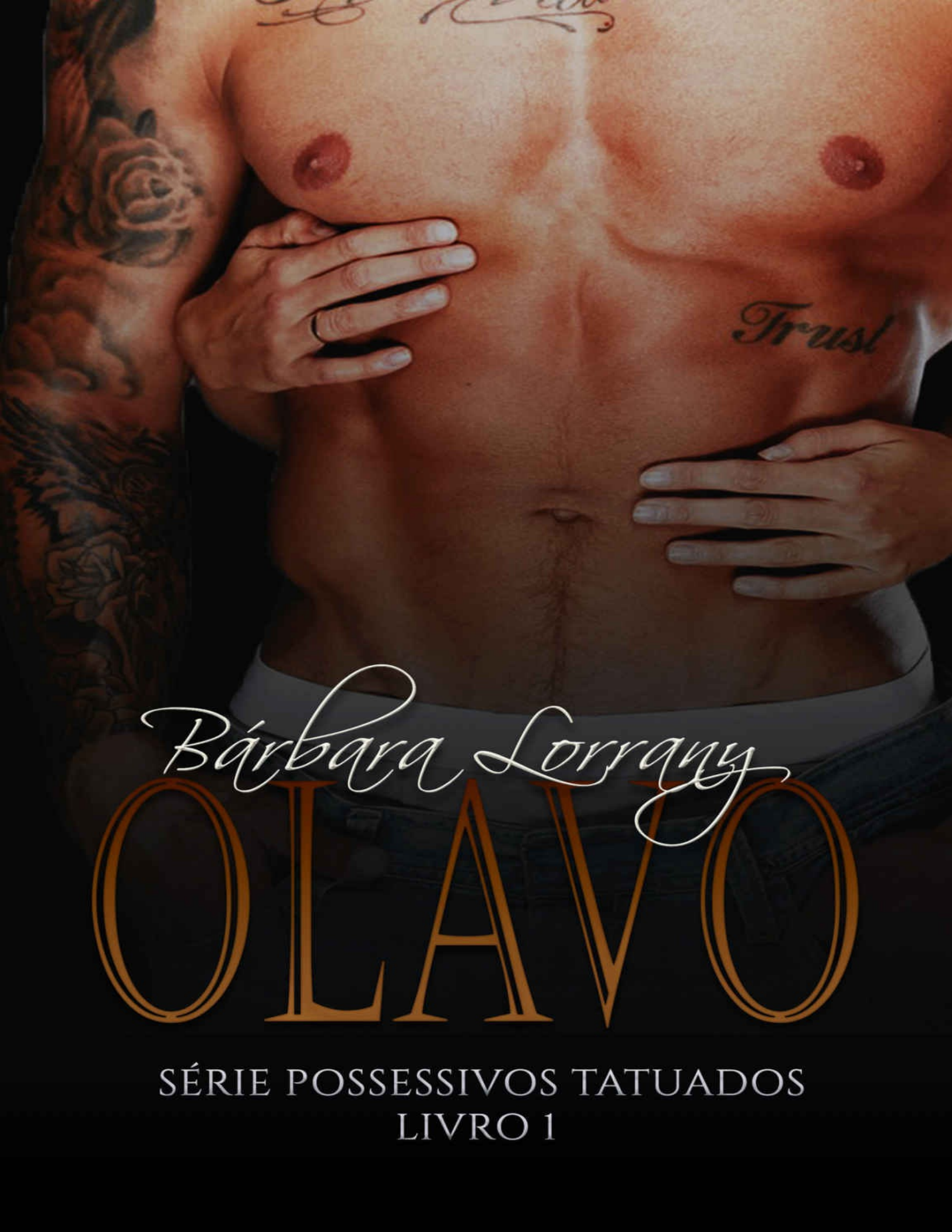


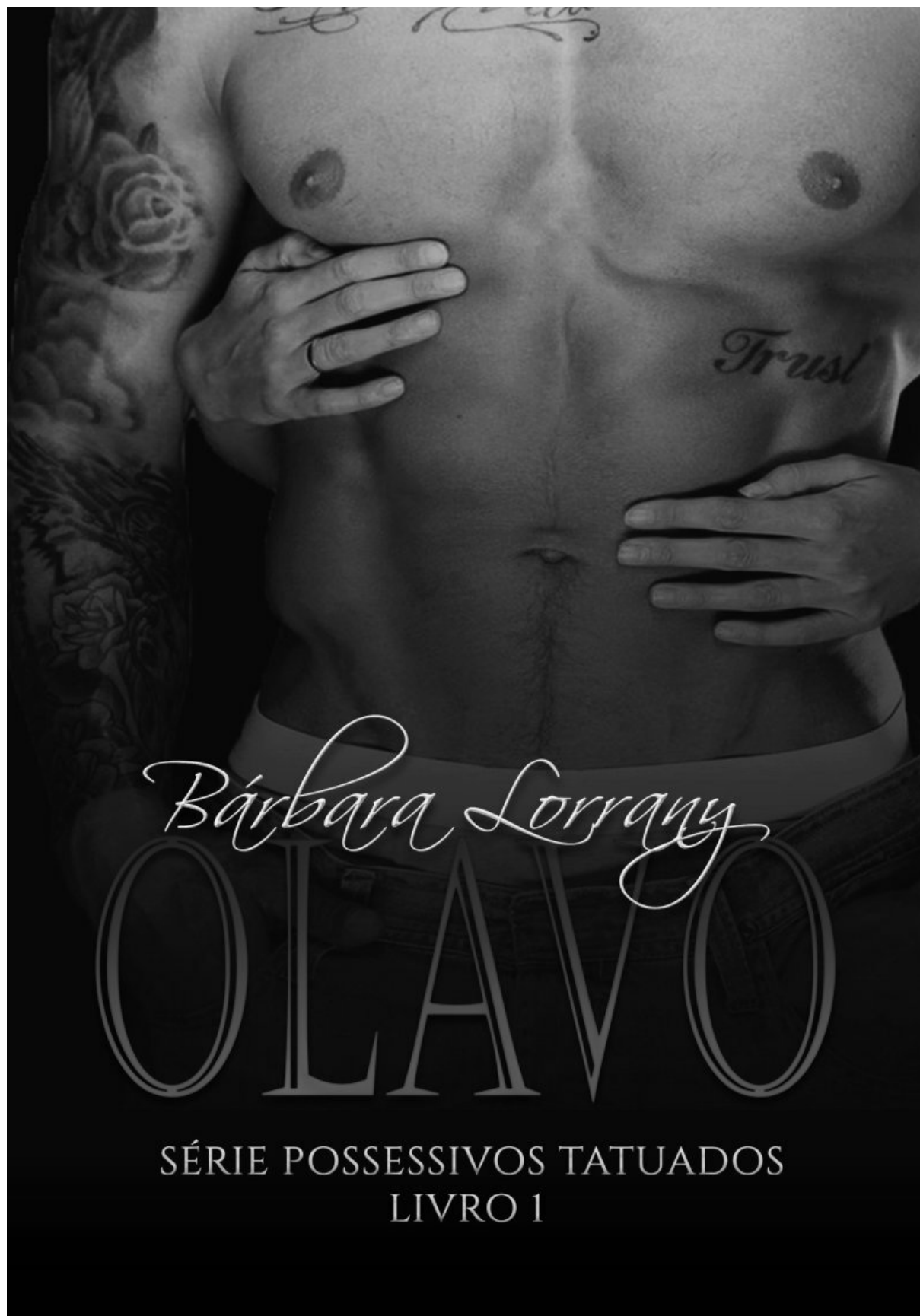


*Barbara Lorrany*

# OLAVO

SÉRIE POSSESSIVOS TATUADOS  
LIVRO 1





*Barbara Lorrany*

# OLAVO

SÉRIE POSSESSIVOS TATUADOS  
LIVRO 1

# OLAVO

SÉRIE SOSSESSIVOS TATUADOS

LIVRO 1

BÁRBARA LORRANY

**1ª Edição**

**2018**

Copyright © 2018 Bárbara Lorrany

Revisão:

© 2018 Pamella Martins

© 2018 Capista – Melissa Kelsey/Thatyanne Tenório

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Edição Digital | Criado no Brasil.

# Sumário

[Sumário](#)

[Agradecimentos](#)

[Dedicatória](#)

[Sobre a autora](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

# Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu pai, a Maria, Jesus e a minha avó, porque sem o apoio deles, com certeza, não teria prosseguido com essa história, e investido nessa carreira como Autora.

*“Obrigada, meu velho e minhas velhas, vocês arrasam sempre. Eu amo vocês!”*

Ao longo da minha jornada como autora, encontrei pessoas que me ajudaram muito, tanto com as suas opiniões, quanto suas críticas. Entre elas, estão: Raianny Corrêa, Raiane Sousa, Thaís Gouveia, Andressa Pereira, Bia Miranda, Victória Murillo, Thatyane Tenório, Pamella Martins, Nicole Pio, Gabrielly Jerônimo, Jacqueline Nunes e Iviny Carvalho, que me ajudaram e continuam ajudando, a divulgar Olavo.

Em especial, gostaria de agradecer a duas pessoas que sempre me apoiaram e estiveram presentes, desde o meu primeiro livro publicado na plataforma digital Wattpad, são elas: Maria de Nazaré e Thamires Régia.

Agradeço também, a todas as minhas leitoras, pois sem elas, Olavo não estaria aqui.



Dedico esse livro a todos os amantes dos romances eróticos e as esposas apaixonadas, que não baixam suas cabeças em hipótese alguma para as vontades descabidas de seus maridos.

## Sobre a autora

Bárbara Lorrany é natural do Piauí, residente na cidade de Teresina. Leitora voraz, que depois de um tempo quis construir seu próprio livro. Começou com uma brincadeira e bem, hoje se tornou uma de suas maiores paixões.

## Sinopse

Olavo Peixoto, é um homem decidido, autoritário e muito possessivo, quando o assunto é a sua mulher. Ele não permite aproximação de outros homens, na vida de Michelle, até porquê, segundo ele, sua esposa só precisa dele. Seu maior sonho é ter um filho, e constituir uma família com sua esposa, mas ela acredita, que esse não é o momento certo para ter um bebê.

Michelle, não é muito diferente do seu marido, quando se trata de autoritarismo e possessividade. A mulher não leva desaforos para casa, principalmente se for do seu marido, que insiste em tentar controlá-la.

Michelle não vai deixar que seu marido a domine.

Não mesmo...

Embarque nessa história cheia de brigas, momentos engraçados e muito amor...

# Capítulo 1

OLAVO PEIXOTO

**A**mor? – chamo minha esposa, assim que entro em nossa casa, depois de um longo dia de trabalho.

Meu dia foi extremamente cansativo, a começar, porque um dos pedreiros não soube fazer uma parede, levando-a a cair e, por sorte, não machucou alguém, mas o prejuízo, esse sim, foi grande. E para completar o caos, o mestre de obras não quis descontar do pedreiro o enorme prejuízo causado, alegando que ele não teria como passar o mês, caso um gasto tão alto com aquele fosse descontado do seu salário.

E adivinhem quem teve que arcar com esse gasto?

Sim...

Exatamente...

Eu!

Sou engenheiro, sempre tive esse sonho desde adolescente e segui com o que eu queria, com o apoio dos meus pais, esses que já não estão mais entre nós, infelizmente. Já faz alguns anos que eles se foram, mas a saudade está sempre aqui em meu peito, palpitando na mesma intensidade do meu coração. Tento ser um exemplo de homem como meu pai foi, assim como tento ser o melhor marido para minha esposa, Michelle, uma linda morena dos olhos castanhos, boca carnuda, rosto limpo e o corpo escultural. Sim, essa mulher aqui sabe muito bem como me deixar completamente louco do juízo, quando resolve que por esse dia será a independente e que não precisa de mim para nada.

Não que eu tenha algum problema com ela querendo ser independente, porque eu não tenho, mas por vezes, ela exagera bastante nos seus discursos e... nas suas roupas. Já perdi as contas dos dias que passamos brigando, porque ela resolveu usar um short muito curto, chamando assim, a atenção de muitos ao seu redor.

Michelle, a única mulher capaz de me enlouquecer em questão de segundos, para logo em seguida, trazer uma paz descomunal para o meu peito, só com a mínima certeza de que ela está perto de mim e que passa bem.

Manteve-se por todo dia no meu pensamento com a sua imagem completamente linda e atraente em um vestido super sexy azul, que formou praticamente uma segunda pele em seu corpo e de calcinha fio dental por baixo. Vestida assim, foi para o seu trabalho. Coisa feita de

caso pensado para me deixar louco o dia inteiro. Posso até apostar, se esse for o caso, que ela conseguiu bem seu objetivo, porque só de pensar o tanto de marmanjo que ficou olhando para ela, um ódio descomunal sobe por meu corpo, fritando minha mente, ao tempo que expulsa meu juízo.

Respiro fundo, tentando não pensar muito nisso e, resolvo ir procurá-la no quarto, talvez ela esteja lá se arrumando, a julgar pelo horário, que é o que ela sempre vai para a academia.

— Amor, estou indo para a academia – diz, antes que eu entre no quarto, fazendo com que a certeza bata em cheio contra meu corpo.

Tomando uma respiração, para procurar juízo dentro do meu ser, adentro o quarto, tendo de parar congelado logo na entrada, ao vê-la tão deliciosa, vestida em um macacão azul legging, que marca cada canto de seu corpo, deixando mais claro ainda, o quanto é gostosa. Sua bunda redonda e muito bem preenchida está dando graças ao meu juízo, juntamente com as suas grossas coxas, que me seduzem a medida que a encaro aqui.

Até parece que vou deixar ela sair de casa assim! E logo para ir à academia, com um monte de homem olhando o que é meu com o mesmo desejo que predomina meu corpo, ao vê-la. Sei bem como é isso e, é claro que não irei permitir tal aproximação.

Nem morto, que deixarei algo como isso tão perto de minhas vistas!

— Você vai para a academia, assim? Nem se eu estivesse com problemas mentais! – digo, a olhando de cima a baixo, ainda com meus olhos arregalados. Puta merda! A porra do macacão a deixa mais gostosa que já é. Curvas generosas, bem trabalhadas por conta da academia, que são apenas para o meu prazer, serão exibidas agora, em um lugar cheio de homens desavergonhados, que tenho certeza, não irão pensar, antes de abordá-la.

Sinto vontade de chorar, só em pensar na luta que terei para que ela não saia assim...

Porque se sair assim os machos da academia não vão querer fazer mais nada a não ser olhar para ela. Negativo, isso não!

Minha mulher! Só eu posso a olhar desse jeito!

Ela deveria se vestir assim só para mim dentro de casa... Se bem que, a forma como ela se veste dentro de nossa casa, está mais que adequado.

— Nos teus sonhos, talvez eu troque de roupa – diz, passando por mim —, com licença!

Atrevida toda essa minha esposa, meu Deus!

A puxo pelo braço, fazendo com que fique de frente para mim e colada ao meu peito, o suficiente para que consiga sentir meus batimentos cardíacos com a devida atenção e precisão.

— Não vai sair de casa vestida desse jeito! – rosno, já vendo em minha cabeça, os olhares maldosos lançados em sua direção.

Seus lábios se contraem, quando ela sorri, mostrando suas lindas covinhas, que derretem o inferno dentro de mim, quando a raiva me toma.

— Meu amor – diz, beijando-me –, não acha que fiquei gostosa?

Suspiro, com essa sua pergunta, acompanhada de um sorriso muito safado para o meu gosto, encantando todo o meu ser e expulsando a minha raiva.

— Não acho, tenho certeza que ficou – digo, vendo-a sorrir, logo em seguida.

Aproxima sua boca da minha e, com seus dentes morde meu lábio inferior e então, se separa o suficiente para olhar em meus olhos.

— Então... vou sair com essa roupa e nem tente me impedir – deposita outro beijo em meus lábios, fazendo-me gemer baixinho. Aperto seu braço, sem ter a coragem e a força de vontade para deixá-la sair assim de nossa casa.

*Como fui me casar com uma mulher desafiadora e provocadora deste jeito?*

A resposta é simples...

Porque a amo.

Tive essa certeza, desde a primeira vez que ficamos juntos e não consigo me ver mais longe dela, porque é uma bruxa que enfeitiçou meu coração com algo permanente. Agora, não pense que foi fácil conseguir que ela aceitasse namorar comigo, imagine casar. Michelle dizia que nosso caso era muito recente e que tínhamos que nos conhecer melhor por mais algum tempo, até que enfim, nos casássemos. Resultado: me enrolou por cinco meses com essa mesma conversa e isso não foi o pior. O fim para mim, foi ver um cara que trabalhava no mesmo hospital que ela, cheio de carinhos e coraçõezinhos para cima dela, enquanto eu apenas tentava me aproximar de seu peito.

A cada dia que passava, minha vontade de matar aquele cara só aumentava...

— Você é surdo? Mande-me soltar! – fala, mais alto, fazendo com que eu saia dos meus devaneios e, automaticamente a solte.

Ela me encara com os olhos semicerrados e a boca, em um bico lindo, que eu adoraria me perder a noite inteira.

— Me espera, vou com você – digo, caminhando para o banheiro que é acoplado ao nosso quarto.

— Não pense que você pode ficar mandando em mim, Olavo – escuto ela dizendo, mas não me prendo muito à isso e, resolvo apenas começar a tirar minha roupa o mais rápido possível, para logo em seguida, entrar embaixo do chuveiro, exibindo um largo sorriso.

Banho calmamente e me deixo levar pelas lembranças, que rondam minha mente, enquanto

contemplo o silêncio que paira por aqui agora, o que acho bastante estranho, a julgar o quanto Michelle pode vir a ser barulhenta, com seus altos pensamentos. Acabo meu banho rindo de minhas lembranças. Enrolo meu quadril, em volta da toalha branca que sempre fica estendida no cabide do banheiro e vou para o quarto, onde trato de vestir minha roupa de academia o mais rápido que posso, tendo em mente o quanto minha mulher deve estar irritada. Assim que termino, pego minhas chaves e vou procurar minha mulher novamente, que deve estar rosnando de raiva em algum lugar da casa.

— Pronto, amor – digo, ao chegar à sala, mas não a vejo aqui.

Migro para outros cantos da casa, mas o resultado é o mesmo. Nada de Michelle, o que só me leva a uma só constatação: foi para a academia sem mim, mesmo que eu tenha a pedido para me esperar.

Custa muito ela me escutar, pelo menos uma vez na vida?

Custa?

Vou diretamente para a garagem, mas como eu já imaginava, seu carro não está aqui, dando lugar apenas para o enorme vazio. Disse que me esperasse, o que diabos iria doer nela se aguardasse míseros minutos?

Estava furiosa, eu sei, mas devia ter me escutado. Só de pensar que os caras estão todos olhando para o corpo dela, me sobe um ódio... Porra de mulher para me deixar louco!

Meu celular toca dentro de meu bolso, fazendo-me romper a onda de ira, que paira dentro do meu ser. Olho o visor e vejo que é Kino, um dos meus melhores amigos, que está querendo me atazanar. Grande maldito.

— Fala.

— Nossa, e esse bom humor? – pergunta, irônico e, sou até capaz de visualizar em minha mente, seu revirar de olhos.

Se ele soubesse que minha paciência está por um fio...

— Não enche! O que você quer? – pergunto, saindo de casa e trancando a porta da frente.

— Vai para a academia? – pergunta, rindo, fazendo-me soltar um bufo desacreditado.

— Vou. Estou de saída já.

— Estou passando aí em dois minutos – diz e depois desliga, deixando-me ainda mais irritado com uma porra de situação como essa.

Infeliz, como pode isso? Agora vou ter que esperar esse projeto de homem, sendo que Michelle está na merda daquela academia exibindo aquele corpo lindo, que pertence apenas à mim.

Meu saco!

Impressionante, que já não basta eu ter que lidar com todos os problemas da minha obra, ainda tenho que ficar esperando Kino chegar por aqui, para que eu possa ver e conversar com a minha mulher, que simplesmente resolveu que iria sair para a academia com uma roupa como aquela.

O que eu fiz, Deus?

Cinco minutos depois, o idiota aparece, sorrindo da minha cara maravilhosamente irritada, por ter de esperá-lo por tanto tempo. Minha paciência já não estava uma das melhores, agora então, se um mosquito voar na frente do meu rosto, com toda a certeza eu irei matá-lo com um murro bem violento.

*Mereço!*

— Onde está Michelle? Não vai hoje? – pergunta, quando entro no carro, sem nem dar tempo que eu feche a maldita porta do carro.

*O que diabos ele tanto quer saber da minha mulher?*

— Já foi – digo, tentando controlar minha raiva, fechando a porta, logo em seguida.

— É por isso que está com cara de bunda? – pergunta, rindo.

— Cara de bunda? – pergunto, o olhando como se tivesse três cabeças, sem ao menos entender o que diabos é que ele faz inventando palavras essa hora da noite, quando nem paciência estou tendo para suportá-lo.

— É essa cara que você está fazendo agora – diz, dando de ombros e, eu apenas prefiro não respondê-lo, já que posso ser bastante ignorante, julgando que a minha paciência nessa hora, já não está sendo uma das melhores.

Quando graças as forças divinas, chegamos em frente à academia sou o primeiro a descer do carro, indo diretamente para dentro do local, à procura do meu pedaço de filé, que insiste em me enlouquecer.

Podem me chamar do que quiser: louco, possessivo, maníaco...

Não me importo, mas uma coisa que não suporto, é imaginar um cara que não seja eu, perto da minha mulher. Esse sim, seria o motivo para que eu quebrasse a porra desse lugar inteiro, só com o meu nível de irritação.

Começo a procurá-la e em poucos segundos, a encontro correndo na esteira, com fones de ouvidos nos mesmos e, já posso até imaginar a trilha sonora que está escutando, a ver a velocidade que está correndo. Aproximo-me dela, tentando pensar em alguma maneira de não deixá-la louca de ódio de mim, mas o que sai por minha boca, é mais inusitado e mais natural possível.



— Eu acho que mandei você me esperar acabar o banho – digo, diminuindo a velocidade de sua esteira.

Minha voz sai com uma ignorância, que não tenho em minha cabeça uma vontade de liberar, mas que apenas sai, derramando por meus lábios sem que eu consiga frear e, agora, posso até imaginar a explosão que isso vai causar na minha frente.

— E quem disse que você manda em mim? – diz, saindo da esteira quando a mesma para, para me encarar com um olhar mortal, enquanto com seu olhar lança algumas adagas afiadas em minha direção, fazendo-me suspirar.

— Por que você não colocou uma blusa? Esse macacão deixa pouco para a imaginação, Michelle – digo, coçando a cabeça, tentando manear um pouco meu tom de voz e procurando não deixá-la tão irritada.

Bem, o que eu recebo de volta é um sorriso, para logo em seguida ela se virar e sair, sem me dizer mais uma palavra, nem voltar seu olhar em minha direção.

*Sério isso? Por que ela faz isso comigo? Gosta de me deixar louco? Quer me punir por algo?*

Vou atrás dela, reprimindo o choro que está beirando minha garganta, com a mais pura exasperação beirando meu interior, sabendo que realmente exagerei ao abordá-la com uma exigência como aquela, sendo que eu já nem sabia.

— Chelle? – uma voz masculina a chama, fazendo com que eu me vire para ver quem quer que esteja a chamando, com tanta intimidade.

Ela também se vira e sorri, fazendo o ódio voltar ao meu peito instantaneamente. Ela está sorrindo? Sério? Minha mulher está sorrindo para outro cara? E ainda com o diabo de uma expressão simpática?

— Neto – diz, indo até o cara, com uma animação tão sincera, que sou capaz de revirar os olhos só em observar essa cena.

Ela não vai abraçá-lo!

Não pode!

Ela... o abraçou e, seus braços estão apertados demais ao redor do pescoço dele. Qual a necessidade disso tudo? Não acredito que ela fez isso comigo! O cara está com as mãos nas costas dela! Só seria meu sonho neste momento, descobrir qual o problema desses homens malditos em ficar todo tempo em contato com o corpo das mulheres alheias comprometidas, sendo que não se dão conta da presença do marido delas os encarando com tanto ódio, como estou agora.

— Quanto tempo, amiga – diz, a soltando, para olhar em seu rosto, com largo sorriso nos lábios.

Respiro fundo três vezes, olho para os lados tentando me concentrar em alguma outra coisa que não seja um cara com as mãos na minha mulher e na minha frente.

— Verdade, Neto. Você não foi mais à clínica. Todos estão sentindo sua falta – diz, minha mulher, para o babaca a sua frente com tanto entusiasmo, que quase, eu disse quase, encarno uma criança para imitá-la. Certo, eu não escutei isto. É só coisa de minha cabeça. Minha mulher não acabou de dizer que estava sentindo falta de outro homem. Não disse... — O que você está fazendo agora?

— Estou prestando serviços como treinador pessoal, nessa e em outras academias – sorrindo para ela, ele responde-a e por momento algum, desviou o olhar do dela, algo que está me incomodando bastante.

Eu tenho autocontrole. Não vou bater nele até que ele fique estirado nesse chão, porque vou ser preso e Michelle vai ficar com muito ódio de mim. Não vou fazer isso, porque tenho autocontrole. Eu disse que tenho autocontrole...

— Nossa, que legal Neto. Fico feliz por você – minha mulher está sorrindo novamente para esse cara? Eu não vou aguentar isso por muito tempo. Vou acabar explodindo na cara dele e, não terá ninguém para me impedir, mas eu tenho autocontrole.

— *Ain* Chelle, altos babados para te contar – o caralho diz, saltitando e batendo palmas, fazendo-me encará-lo com uma careta \_, mas agora não dá. Tenho que ajudar uns bofes. Beijos, gata!

A abraça novamente e, deixando um beijo em seu rosto, sai caminhando rapidamente em direção a um cara que luta para levantar alguns pesos na outra extremidade da academia.

Ok, eu presenciei isso tudo e não fiz nada, logo deveria ganhar o prêmio de maior autocontrole da história do mundo e das pessoas da vida.

— Beijos!

Tomo algumas respirações profundas por cinco vezes, dou meia volta e vou para a esteira, precisando correr, para expulsar a raiva que está concentrada em meu interior, ou então vou acabar falando e fazendo merda aqui mesmo, sem me importar em estar no meio de várias pessoas.

Deveria ser proibido que as esposas se aproximassem de outros homens, só acho. Junto da aliança, deveria vir um termo que exigisse afastamento de qualquer marmanjo por perto, rondando como se a qualquer momento fosse avançar, ameaçando o território que foi marcado apenas pelo marido.

Essa vida não é fácil, não é!

## Capítulo 2

MICHELLE PEIXOTO

**M**eu marido é um louco!

Não consigo acreditar que ele está me ignorando, porque falei com um velho amigo, que por sinal é gay. Ele não percebe o quão está sendo irracional e idiota?

Qualquer pessoa que olha para Neto, diz que ele é gay. Está certo que ele é forte, todo musculoso e tudo mais, mas dá para perceber na hora que ele abre a boca que ele é homossexual. Olavo só pode ter problemas mentais para não perceber isso ou esse ciúme possessivo dele, o cega, não pode ser!

Isso não é o pior no Olavo... O pior nele é que vive querendo me controlar, tentando mandar em mim de todas as formas possíveis, mesmo nos pequenos gestos, nas mais simples palavras disfarçadas de opiniões e, meu bem, isso eu não permito.

Não mesmo.

Homem algum jamais tentou mandar em mim e ele quer dar uma de ofendido, apenas porque fui simpática com um amigo gay, que não representa, de forma alguma, perigo para nosso relacionamento.

Me poupe.

Até parece que não me conhece! Se eu quisesse outro homem, não estaria dividindo esta casa com ele, não estaria dividindo uma vida ao seu lado. Isso deveria ser um seguro para que se sinta melhor, mas não, não é. Para Olavo, tudo que vem de mim, está pouco para ele. É impressionante!

— Olavo, pare de ser ridículo. Esse teu drama não tem nenhum cabimento – digo, indo atrás dele no quarto, que desde o momento em que saímos da academia, não abre a boca de forma alguma, para falar comigo e eu odeio isso.

Eu deveria estar chateada pela forma que ele falou comigo mais cedo, querendo me proibir de ir para a academia com essa roupa que escolhi, pensando que iria trazer um bom momento para nós dois, assim que chegássemos em casa. Pobre de mim por pensar assim. Deveria ter mentalizado e imaginado a possessividade dele predominando em seu corpo.

Olavo vai diretamente em direção ao banheiro, entra e já na parte de dentro, bate à porta com força, deixando mais claro ainda, o quanto não quer conversar comigo.

Nossa, que se foda, então, com esse gênio maldito de machão das cavernas. Vou mesmo estar me estressando, por causa de besteira de meu marido, até porquê, eu sei que isso vai passar logo.

Já pensando nisso, tiro meu macacão, deixando-o em cima da cama e visto um top, para que eu fique mais à vontade aqui dentro de casa. Minha barriga protesta, devido a fome que já estou sentindo e, sendo assim, resolvo ir para a cozinha, preparar algo para comer.

Sem querer passar muito tempo por aqui, preparo um sanduíche e uma vitamina rápidos. Quando os tenho prontos, sento-me à mesa e devoro meu lanche devagarinho, para sentir cada sabor, em cada mastigada.

Minutos depois, ele aparece todo molhado, com as gotas de água escorregando por seu peito tatuado, bastante convidativo para minha língua explorá-lo. Seu quadril está enrolado na toalha, deixando-o ainda mais gostoso. Seus olhos não estão em mim, o que me faz sorrir baixinho, ao ponderar o tamanho de sua birra.

Nos casamos há dois anos e até hoje o tesão que sinto por ele não diminuiu, pelo contrário só aumenta a cada dia que se passa. Nossos momentos juntos, não deixaram de ser mágicos por momento algum. Cada vez que estamos entranhados em nossa cama, ou em qualquer outro lugar da casa, é uma sensação diferente, uma mágica maior que a primeira. Algo delicioso de se ter sempre ao meu redor e, eu só o amo ainda mais.

Olavo vai para a geladeira e pega algumas coisas lá de dentro, para colocar em cima da mesa, em seguida. Seu olhar não vem para mim e eu continuo comendo meu lanche, enquanto o observo com atenção. Seu braço forte mexendo a cada vez que ele precisa flexioná-los. As tatuagens ao longo de seu corpo, me deixam louca! Não sei o que me toma, mas sempre que vejo a cobra que ele tem no peito, tenho vontade de tocar, arranhar, morder... ao mesmo tempo que só quero observar.

Ele pega algumas frutas e coloca no liquidificador, para depois ligá-lo e me encara com o maxilar travado, fazendo-me rir, mesmo que involuntariamente, por conta de sua raiva.

Como se não tivesse me importando, acabo meu lanche e me levanto da mesa, agora não voltando a olhar para ele. Quero que entenda, que a sua raiva está me deixando com raiva também.

Encaminho-me para nosso quarto, mas antes que eu chegue nele, meu querido marido agarra meu braço, empurrando-me contra a parede, para encarar meus olhos com febre, exalando todo o calor, que sua raiva é capaz de produzir.

— Quem era aquele cara que te abraçou na academia? – rosna, me apertando ainda mais, ao tempo que pressiona seu forte corpo contra o meu.

Esse homem está cheiroso demais, meu Deus!

— Um amigo.

Ele fecha os olhos, assim que minha voz sai, respira fundo e logo os abre, agora com muita

raiva refletida nos mesmos.

— Não quero que você tenha amigos assim, já te falei isso! Você não precisa de amigos, meu amor! Você tem a mim. Eu sou seu marido, amigo, amante... tudo que precisar.

Sua voz grossa, está recheada de emoção e, eu tento por alguns segundos entender o que está se passando aqui, porque não acredito que ele falou tal absurdo, com tanta verdade saindo de dentro do seu ser.

Coitado dele se acha que eu vou deixar meus amigos de lado, apenas porquê ele acredita que eu não preciso. Outro problema do Olavo, é pensar que, na minha vida, não deveria existir mais ninguém, a não ser ele, porque ele acredita que ele é o único ser na existência capaz de suprir todas as necessidades que um dia irei vir a precisar. Pelo amor de Deus, sabemos muito bem que, vivemos em torno de uma sociedade, manter contato e aproximação com outras pessoas, é essencial para manter a convivência em um meio.

— Você está ficando louco? – pergunto, já sentindo um calor super anormal, tomar conta de minha cabeça, devido ao nível de raiva que sobe por meu corpo agora.

— Você não precisa dele! Você tem a mim! – rosna, perto de meu rosto, pressionando sua testa contra a minha, enquanto puxa algumas respirações sôfregas.

Respiro fundo, já assumindo que ele não está regulando bem mesmo.

— Querido, pode ir tirando essa ideia da sua cabecinha. Eu não vou parar de falar com meus amigos, por causa de um ciúme sem medidas seu! Que isso fique bem claro! E não ouse repetir uma asneira dessas para mim novamente!

Coloco minhas duas mãos em seu peito e o empurro, o suficiente para que eu passe por ele de vez agora. Saio de seu aperto e corro para o banheiro, onde me tranco, para procurar um meio de respirar melhor, longe do seu controle e irracionalidade. Precisando de um banho para me acalmar um pouco, tiro o resto de roupa que estou vestindo e entro debaixo do chuveiro.

Quem ele pensa que é para me proibir de algo? Para me falar uma coisa dessas? Só nos pensamentos dele que vou deixar meus amigos de lado. Além do que, se eu fizer uma coisa como essa, aí mesmo que ele não vai me dar mais sossego, com seu enorme nível de controle pairando sempre por cima de nós.

Negativo.

Até parece que vou deixá-lo mandar em mim e nas minhas amizades, da forma que quer. Em um casamento deve existir uma coisinha chamada confiança e, ele precisa aprender o significado dessa palavra.

Acabo meu banho, na companhia ainda dos meus pensamentos mortais contra Olavo, me enxugo, pensando que talvez ele mereça uma lição, visto minha camisola, tendo a certeza que uma lição irá fazê-lo tomar alguma coerência e vou para a cama, desfilando lentamente em direção a mesma, sendo seguida por seus olhos atentos. Me deito, puxando as cobertas para meu

corpo e fecho os olhos, escutando seu suspiro, logo em seguida. Depois de um tempinho, ele se deita também e rodeia minha cintura com seus braços, abraçando-me por trás com uma força moderada.

— Desculpa – sussurra, perto de meu ouvido, causando uma série de arrepios em meu corpo, mas não o deixo me influenciar.

Será que ele pensa que eu não o conheço o suficiente para saber que não está nada arrependido? Sei que ele está pedindo desculpas, mas o pensamento continua o mesmo, ou seja, não temos evolução nenhuma aqui.

Resolvo que ficar calada, é o melhor a ser feito nesse momento. De olhos fechados e em meio a vários pensamentos, acabo caindo no sono, sentindo também sua respiração perto da minha, meu perfeito bálsamo.



Ao acordar cedo, faço nosso café da manhã, limpo a cozinha e quando acabo, vou me banhar para ir trabalhar, decidindo em meio a minha limpeza, que não irei chamá-lo, muito menos dar o beijo de “bom dia” que ele tanto preza, respeita e ama, para que, segundo ele, consiga continuar em paz o resto do dia de trabalho.

Quando termino de me arrumar, tomo meu café, pego meu carro e vou para a clínica, onde preciso começar logo a atender meus pacientes, que começam a chegar mais cedo do que estou acostumada. E, pelo que vi quando adentrei o corredor, terei uma longa manhã aqui, na companhia deles.

Olavo não gosta que eu saia de casa sem me despedir dele, e foi por esse motivo, que fiz isso. Não estou me importando com ele hoje, quero que aprecie com moderação o castigo que estou dando nele.

Ainda não esqueci nada que ele me falou ontem à noite e, nem vou esquecer tão cedo.

## Capítulo 3

OLAVO PEIXOTO

**A**cordo com o barulho irritante do despertador, perto de meu ouvido.

Viro-me, tateando ao meu lado e, quando o alcanço, desligo, para apreciar o silêncio maravilhoso que me rodeia, quando assim chega ao fim. Procuro por minha mulher na cama, mas não encontro nada, a não ser um longo colchão com lençóis frios.

Abro meus olhos e vejo que ela não está ali mesmo. Por que ela não está aqui? Pego meu celular para ver as horas e vejo que já são dez e trinta e cinco da manhã, o que significa que estou muito atrasado para o trabalho. Com um gemido de pura preguiça, pulo da cama e corro para o banheiro, me apressando para não perder ainda mais o horário.

Por que Michelle não me acordou? Ela sabe o quanto gosto de acordar com o calor de seu corpo no meu e de fazer um amor preguiçoso logo cedo. Até entendo que esteja com raiva, mas me deixar dormindo para me atrasar não foi legal. Faço de tudo para aquela mulher e ela não pode me acordar, para que eu seja um homem fodido, mas com emprego?

Tomo meu banho rapidamente, visto uma roupa sem me importar com qual seja e vou para a cozinha, em busca de algum alimento para forrar meu estômago, antes da hora do almoço, que já se aproxima com louvor, enquanto estou aqui, ainda em casa. Pelo menos ela deixou o café feito, mas não vou poder comer tudo agora, já que o relógio está contra mim hoje.

Corro para a sala, pego as chaves do carro, carteira, minha pasta e vou para meu carro, onde terei de acelerar bastante, para que enfim eu chegue no meu trabalho.

No caminho para a obra resolvo ligar para ela, querendo saber se está muito irritada, ou se está meio médio. Sei que exagerei ontem à noite, mas estou certo, oras. Ela é minha esposa e eu sou o marido dela. Michelle não precisa de mais homem algum em sua vida, além de mim. Eu sou tudo que ela precisa, não necessita ficar de papinho com outros caras por aí, inferno.

Ligo para ela, já mentalizando em minha cabeça o quanto está zangada. No quinto toque atende. QUINTO! O que ela poderia estar fazendo, que não pode atender a porra do celular no primeiro toque? Odeio quando ela faz isso! Logo, quando sei que faz de propósito.

— Porque você demorou tanto para atender? – pergunto, irritado, assim que sua voz suave chega em meus ouvidos, trazendo paz para o meu sistema.

— Sei que você não é nenhum retardado, e também sei que você sabe que estou trabalhando e não posso estar recebendo ligações direto – fala, rispidamente, deixando-me saber que ela está

muito zangada, ou seja, preciso pensar em algo para que ela suavize um pouco para o meu lado, excluindo a irritação da minha voz para que não acione ainda mais a sua irritação.

— Eu sei, me desculpe. Por que você não me acordou antes de sair? - pergunto, suavemente, para que, de alguma forma, eu consiga fazê-la me tratar da mesma forma.

Sim, ela está irritada e, eu estou irritando-a, mesmo que essa não seja minha intenção no momento.

— Porque eu estava apressada e não lembrei.

— Amor, eu sei que está zangada, por causa daquilo que te falei ontem à noite, mas quero que saiba que falei aquilo, porque te amo e não gosto de ver qualquer um ao seu redor – digo, enviando tanta calma, que nem sei sou capaz de tê-la mesmo em meu organismo.

— Olavo, estou no trabalho não posso falar agora.

Já devia adivinhar que ela iria agir assim, me tratando com a maior indiferença que pode existir em seu ser, o que me traz muita raiva.

— Almoça comigo?

Eu sei que minha pergunta é completamente corajosa, a julgar o seu nível de humor. Ela libera uma respiração pesada e, logo escuto sua linda voz de seda, contra meu ouvido, para que eu tenha certeza que essa luta já está ganha, enquanto um largo sorriso povoa meus lábios.

— Onde?

Ganha, ganha. Não disse?

— Te pego no hospital – digo, sem conseguir espantar o sorriso que sai de meus lábios.

— Está sorrindo de que? – pergunta, com a irritação presente em sua voz, o que me faz reprimir uma risada alta.

— Um cara caiu na rua e eu achei graça.

— Idiota – desliga e eu me permito sorrir alto agora.

Ao chegar na obra, encontro alguns pedreiros sentados, enquanto conversam na calçada da frente, como se na parte de dentro não tivesse mais nada para eles fazerem. *Como pode isso?* Eles só trabalham se eu estiver aqui fiscalizando cada passo?

*Já prevejo dores de cabeça.*



É meio dia e meio, quando já liberei os pedreiros para o almoço e vou para o hospital pegar minha mulher, rezando para todos os santos, para que agora, ela tenha um humor melhor predominando em seu corpo. *O que eu faço para que essa raiva dela passe?* Não quero ter que acordar outro dia sem ela nos meus braços, sem o beijo gostoso de bom dia, para que a sorte volte a prevalecer no meu mundo.

Quando chego em frente ao hospital, ligo para minha belíssima esposa, que atende no segundo toque. Isso será um sinal divino de que ela está com um humor bem melhor, do que estava há duas horas?

— Já estou aqui, amor – digo, quando ela atende.

— Estou indo – desliga, sem esperar que eu envie uma resposta, o que me rende uma careta de puro desagrado.

Isso de ela desligar o celular na minha cara, já está começando a me irritar. O que tem na cabeça dela para fazer isso? Porra de raiva é essa que nem com reza, passou?

Cinco minutos depois, ela aparece toda séria, entra no carro e coloca o cinto sem dizer nada, nem mesmo me olhar. A encaro, até que ela se vira, me encarando com o cenho franzido e os lábios em um lindo bico irritado.

— Você não vai dirigir?

— Estou esperando meu beijo – digo, sorrindo, mas não recebo outro de volta.

— Pois vai ficar esperando – diz e olha para o outro lado, fazendo-se de difícil.

Sorrio, com a sua birra tão fofa. Até parece que ela não vai me beijar, por causa dessa birra tão infantil. Coloco uma mão em seu rosto e viro sua cabeça para mim, para que assim eu veja seus olhos nos meus, a boca entreaberta e a respiração no meio da garganta, causando um desejo descomunal no meu interior. Com minha outra mão em sua nuca, puxo-a em direção aos meus lábios e a beijo apaixonadamente, tomando-a de uma forma, que ela finalmente entenda que no meu coração só existe amor para ela.

Ela resiste no começo, mas depois se entrega, devolvendo-me a mesma paixão, enquanto tem meu cabelo em seu poder, para ditar o ritmo que bem entender.

Me separo dela, com um largo sorriso nos meus lábios, vendo os seus olhos ainda fechados.

— Nunca me negue um beijo – digo e mordo seu lábio inferior, para que enfim, ela revele um lindo sorriso, fazendo-me mais feliz, que jamais antes poderia ser.

Fica tão linda sorrindo, como de qualquer outra forma.

— Tudo bem, agora vamos logo, porque estou com fome.

Fecha a cara novamente, ficando séria. Meu deus, essa mulher é bipolar, se antes eu tinha

alguma dúvida, agora com essa mudança drástica, não tenho mais nenhuma.

Ligo o carro e entro no tráfego, com ela ao meu lado, que liga o som do carro e a música que toca é *Nocaute – Jorge e Mateus*.

*Olha aí, o mundo girando*

*E a gente se esbarrando outra vez*

*Olha aí, o meu coração*

*Indo contra a razão*

*Sentimento não se desfez*

*Recaí quando te vi*

*E a paixão veio à tona*

*Fui a nocaute, beijei a lona*

*O meu corpo tremeu*

*O tempo passou, a vida mudou*

*Mas eu continuo seu*

*Ainda sou o mesmo*

*Bobo apaixonado*

*Se eu estou errado*

*Não quero nem saber!*

*Eu só sei que a vida*

*É mais colorida com você*

*Com você*

Essa dupla parece que adivinham o que a gente sente, por isso gosto das músicas deles.

— Gosto dessa música – digo e ela concorda, sorrindo.

Michelle não gosta de sertanejo, sendo mais chegada a blues e até mesmo jazz, mas com a convivência comigo, aprendeu a gostar das músicas que escuto sempre, sem contar que, as que não curte, ela não fica me dizendo todo o tempo, sabe? Ela respeita meu gosto musical, assim como eu respeito o dela, o que só me deixa ainda mais apaixonado por ela.

Chegamos no restaurante que não fica muito longe do hospital em que ela trabalha e, quando paro o carro, ela sai, batendo a porta e, com as duas mãos na cintura, me aguarda, com uma careta impaciente. *Isso tudo é fome?*

Vou atrás dela, assim que tenho o carro paradinho e certinho na vaga. Michelle se senta em uma mesa mais afastada da entrada. O restaurante não é muito grande, mas a comida é excelente. Sento-me ao lado dela e chamo o garçom, que não demora muito, aparece. Fazemos nossos pedidos e ele sai, com a promessa de que não irá demorar para voltar.

— Amor, me desculpa – digo, soltando um suspiro.

— Te desculpar pelo quê? – pergunta, olhando ao redor, sem prender sua atenção em mim, o que causa um certo incômodo dentro de mim. Coloco meu dedo indicador em seu queixo e o viro, para que ela olhe para mim e em meus olhos, assim como estou olhando-a.

— Pelo meu ataque de ciúmes ontem – falo, olhando em seus olhos.

— Olavo, eu sei que você não se arrepende do que falou. Eu sei que você pensa exatamente aquilo. Não pense que é só porquê você quer que eu não tenha amigos, que assim será. Eu te amo. Você é meu marido, não meu dono. Você não pode ficar mandando em mim, entenda isso de uma vez por todas – sorri e passa a mão por meu rosto, delicadamente. —E sim, eu te desculpo. Não vou pedir para que não se repita, porque eu sei que vai acontecer. Só peço que se controle mais. Que confie em mim. Eu te amo. Não vou te trocar por ninguém.

—Tudo bem, prometo que vou me controlar mais.

Suspiro e ela sorri, se aproximando de mim, para logo em seguida, depositar um beijo em meus lábios.

Depois de nos separar, com um sorriso que chega aos olhos de tão grandes, almoçamos em meio a conversas divertidas e tranquilas, sem mais atritos ou irritações, o que chego a agradecer a todos os santos do mundo e da existência. Contei a ela sobre o meu estresse, por causa da obra e ela me contou sobre seus pacientes no hospital, que hoje estavam em peso para consultas de rotina. Como sempre, essa foi uma das melhores partes do meu dia, porque ter a sua presença aqui comigo e de uma forma tão leve é a melhor coisa que se pode acontecer na minha vida, mas como nem tudo são flores, enquanto estávamos almoçando, percebi que tinha um cara na outra mesa a observando e isso está irritando a merda fora de mim.

O pior é que o cara está com uma mulher com ele. Esse filho da puta! É melhor tirar o olho da minha mulher, ou ele vai sair daqui cego, aproveitando para aprender a respeitar aquela que está ao seu lado.

Michelle se levanta, dizendo que vai ao banheiro lavar as mãos para ir embora. Aproveito que ela não está aqui e olho para o desgraçado que está a encarando descaradamente ainda, mesmo vendo que ela está acompanhada.

Levanto-me da mesa de uma vez e vou até onde ele está, sem me importar em dar um show aqui e agora.

— Que porra você está olhando? – pergunto, enviando para ele, um olhar de puro ódio.

Ele leva um susto ao me ver e tenta disfarçar, olhando ao redor, como se não estivesse entendendo a minha presença aqui.

— O que você está falando?

— Se eu te pegar olhando novamente para a minha mulher, você ficará sem olhar para a mulher de ninguém. Esteja avisado – dito isso, me viro e saio, marchando diretamente para onde acabei de sair.

Michelle volta segundos depois que me sento, exibindo ainda aquele lindo sorriso nos lábios. Por um pequeno instante, precisando me certificar de que aquele maldito não está olhando-a, desvio meu olhar discretamente para o filho da puta e vejo que ele não está olhando para cá, o que agradeço aos deuses, porque eu realmente não iria hesitar, o que resultaria em uma Michelle muito irritada. A mulher que está com ele na mesa parece brigar com ele, o que acho bem feito, assim aprende a não olhar para a mulher alheia.

Já chegando nosso horário, pago a conta e vamos para o carro, tomando a decisão de ir embora logo. E assim o faço, ligando o carro e dando rumo ao mesmo, em direção ao hospital em que ela trabalha, com uma pequena dor no coração, por desejar apenas estar ao lado dela durante o resto do dia sem nos desgrudar por nenhum instante, já que passamos o dia inteiro ontem afastados.

— Olavo.

— Oi, amor – digo, desviando o olhar da estrada, para ela rapidamente.

— Que horas você sai hoje? – pergunta, alisando minha coxa lentamente.

— Cinco horas, mais ou menos – digo, voltando meu olhar para a pista, conferindo que não tenho perigo e, logo, volto a encará-la. Ela morde o lábio inferior e sorri para mim, com aquele olhar que promete muita sacanagem.

Safada, já sei o que está querendo, o seu olhar e a sua mão aqui na minha perna deixam bastante claro suas intenções.

— Está bom – diz e se vira para o outro lado, me fazendo sorrir baixinho, com a imaginação voando para possíveis cenários, onde em todos, minha mulher está desprovida de roupas.

Paro o carro em frente ao hospital em que ela trabalha e dou um beijo caloroso em seus lábios,

os deixando inchados, tamanha é a fome constante em meu ser para tê-la. Mordo seu lábio superior, depois o inferior e finalizo com um selinho demorado, para matar toda a saudade que eu estava sentindo. Ela fica de olhos fechados e sorri para mim, de um jeito que me mata de paixão, só desejando ficar cada vez mais perto.

— Até mais tarde – me beija novamente e sai do carro, sem dizer mais nada.

Tem como não amar essa mulher?

## Capítulo 4

OLAVO PEIXOTO

Oi, amor! – falo, assim que atendo o celular, que estava vibrando ansioso no bolso da minha calça.

São mais ou menos três e quarenta e cinco da tarde, quando me surpreendo com uma ligação de Michelle. Estava conferindo se as tomadas que foram coladas na casa estavam do jeito certo e, não imaginava que ligaria para mim esse horário, já que raramente ela me liga essa hora, considerando que nesse horário, ela está atendendo no hospital.

— Olavo – sussurra, deixando-me em alerta imediatamente.

— Michelle? Você está bem?

— Sim, só estava pensando em você – geme, deixando claro o que está fazendo bem na porra da minha cabeça. Não acredito que ela está fazendo isso, logo no hospital e tão longe de mim.

— Michelle, você não está fazendo o que eu acho que está fazendo, não é? – pergunto, com um fio de voz, enquanto meu coração está acelerado em meu peito.

— Depende do que você está pensando.

— Você está se tocando? – sussurro, já imaginando seu corpo sem a parte de baixo de sua calça, enquanto suas duas pernas repousam na mesa. Seus dedos da frente, rondando seu pontinho... e eu estou muito longe para tê-la no poder do meu toque.

— Estou me tocando, sim. Pensando que são as mãos de meu marido. Imaginando a língua dele em meus mamilos – geme novamente, deixando uma coisa muito louca em meu interior.

*Mulher safada!*

— Imagina que estou te chupando bem gostoso – sussurro, fazendo-a soltar outro gemido contido.

Como eu gostaria que esse gemido fosse livre e, em um local que eu tivesse acesso para provocar.

— Fala mais, estou quase lá.

— Imagina que estou aí, imagina que estou chupando tua boceta, que eu estou puxando os teus mamilos com as mãos como você gosta – sussurro, já sentindo meu corpo todo esquentar,

em questão de segundos. Porra! Já estou duro, só de imaginar ela se tocando. Geme mais alto e sua respiração fica mais pesada. — Eu sei que você gosta quando eu te pego forte – a respiração dela fica muito mais pesada e um gemido alto sai de sua boca.

Essa mulher ainda vai me tirar todo o juízo. Agora estou de pau duro e com minha mulher saciada do outro lado da linha, o que está provocando a irracionalidade aqui de dentro de mim.

Quando ela está mais calma, começa a rir tão gostoso, que fico dividido, sem saber se a acompanho ou, se gemo contrariado.

— Olavo, esse foi o orgasmo mais intenso e louco que já tive – diz, sorrindo e, bem aqui dentro de mim, acho que vou entrar em combustão, tamanho é o fogo que me domina, só de escutá-la falando assim comigo.

— Onde você está? – pergunto, temendo de que alguém possa ter escutado sua brincadeira super excitante.

— No banheiro da minha sala – sorrio, aliviado —, desejando meu marido.

Sua confissão está tornando meu tempo aqui, um pouco difícil, não vou negar, mas o que me conforta, é saber que, ao chegar em casa, a terei somente para mim, durante todo o resto da noite, enquanto faço-a minha de todas as formas possíveis e já existentes no mundo.

— Amor, estou de pau duro. O que faço?

Minha pergunta foi baixa, para que não chegue em ouvidos curiosos, que podem estar aqui por perto de mim.

— Vai trabalhar. – E desliga, deixando-me chocado, olhando para o celular, totalmente desacreditado que ela possa ter feito algo assim comigo.

Não entendo essa mulher e, eu acho que vou enlouquecer, se assim ela continuar.



Quando meu horário chega, me preparo para ir embora, encontrar minha diaba, que a julgar as horas, já deve estar me esperando totalmente nua e, no aguardo para que eu chegue, para tomar seu corpo no meu e deixar nossa casa pegando fogo com o nosso misto de quenturas.

Não demora muito e estou chegando em minha casa, onde minha mulher me espera. Meia hora depois de sair da obra, estou deixando meu carro na calçada, já com o pensamento de que ela vai querer ir à academia e é claro que não vou deixá-la ir sozinha, o que acarreta na minha pessoa acompanhando-a de perto, para que nada saia do seu eixo natural.

— Vizinho – uma voz feminina me chama, e eu já sinto que problemas estarão sendo jogados na minha cara bem em breve.

Me viro e vejo que a mulher chata que mora em frente à minha casa, que está com uma pequena obsessão para ficar me perseguindo, o que gera muitas irritações na minha esposa, que não gosta muito de tanta intimidade forçada.

— Olá, Francisca – falo, educadamente, travando meu carro, com a chave em minha mão.

— Como você está? – pergunta, colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha, ao tempo que umedece seus lábios com a sua língua.

Francisca é uma mulher muito bonita. Alta, loira, tem curvas, pernas grossas, tudo que poderia vir a agradar um homem, mas a beleza dela acaba aí. Quando abre a boca para falar... Meu deus! Pense em uma mulher chata e insuportável.

— Bem e você? – respondo, sacudindo as chaves na mão, em sinal de impaciência, para que ela perceba e não se demore tanto com essas suas loucuras e conversa fiada.

— Maravilhosamente bem. Eu estava pensando... – e ela pensa? — Já que você é engenheiro e eu estou querendo fazer algumas mudanças na minha casa...

Onde ela quer chegar? Dores de cabeça... estou as sentindo se aproximarem.

— Fale logo, Francisca – digo, olhando o relógio que está em meu pulso, para ver se ela percebe que não quero papo, porque não é possível que ela não tenha um pingão de vergonha na cara para se tocar das coisas.

— Bom, você poderia ir até minha casa ver as mudanças que quero fazer e me dizer em média quanto vou gastar? – sorri e morde o lábio.

Abro minha boca para dizer que não posso e que estou cheio de coisas para fazer esses dias, mas antes que eu responda, Michelle abre o portão de entrada e me encara com a cara fechada, deixando bem ali, em seus lindos olhos castanhos, o quanto algo não está a agradando. *O que eu fiz?* Desvia o olhar do meu e encara Francisca com um sorriso falso.

— Boa noite, Francisca.

— Boa. – Francisca olha para mim, com um sorriso nos lábios. — Te espero lá em casa, vizinho – se vira e sai rebolando, usando um vestido justo que até que valoriza seu bumbum, mas que não deixa de ser vulgar. Se fosse em Michelle, acho que seria até que mais atraente, lógico que isso aos meus olhos.

Michelle entra em casa e bate o portão com força, fazendo barulho e me deixando do lado de fora, sem ter aberto a boca para dizer nada.

Chorando internamente me preparo para enfrentar a fúria de Michelle, algo que não será nada fácil.

Entro em casa, deixando minhas chaves, carteira e pasta no sofá e vou para o quarto, atrás de minha mulher furiosa e bela, porque mesmo assim, ela fica linda e encantadora, o que, por vezes,



me deixa completamente impressionado. A encontro sentada na cama encarando a parede com o maxilar travado e as mãos fechadas em punho.

Sento-me ao seu lado e respiro fundo, buscando na minha cabeça, algo que eu possa usar para que amenize um pouco nossa situação.

— Amor – suspiro.

— Amor? – grita, levantando-se da cama e logo, começa a andar de um lado para o outro no quarto, passando as mãos nos cabelos.

— Se acalma – peço, mas o que recebo em troca, é um olhar totalmente destruidor, que me faz puxar outra respiração.

—Se você me mandar ficar calma novamente, eu juro que enfio um cabo de vassoura no teu rabo! – rosna, apontando o dedo na minha cara. Arregalo meus olhos, encarando-a com surpresa. Não querendo correr o risco da minha mulher me arrombar, porque sim, ela seria capaz de tal ato por estar com raiva, considero que o melhor é que eu fique quieto, enquanto ela se acalma.

## Capítulo 5

OLAVO PEIXOTO

**T**e espero lá em casa, vizinho – Michelle imita Francisca, pela quinta vez seguida, igual uma criança birrenta. Já estou começando a achar isso engraçado, mas seguro o riso, para que não a irrite ainda mais, porém ela percebe.

—Você acha engraçado?

— Não, amor. É só que você está tão linda assim... Ciumenta – digo, com um sorriso idiota beirando meus lábios.

— Ah, é? Vamos supor que um vizinho oferecido, falasse aquilo que ela falou para você. Como você iria ficar?

— Puto.

— Então, fica quieto e não enche minha paciência – dito isso, se vira e sai do quarto, dirigindo seus passos para a cozinha, onde acredito que ela vá tomar um copo com água. Decido dar um tempo a ela, para que assim, ela consiga esfriar sua cabeça que no momento está quente demais.

Encaminho-me para o meu banheiro e tiro minha roupa, decidindo que vou tomar um banho, para que, assim como ela, eu relaxe um pouco desse dia intenso que tive. Estou exausto e tudo que eu queria era estar afundado dentro dela nesse momento, mas pelo que posso perceber não é isso que terei, já que o ódio está presente no seu sistema. Ligo o chuveiro e entro embaixo da corrente de água, deixando que a corrente fria leve à medida que escorre por meu corpo suado, todo o meu cansaço. Pego o sabonete e esfrego em meu corpo até que faça espuma e depois tiro com água.

— OLAVO! – pulo de susto como grito de Michelle, que verbera pelo cômodo inteiro.

— O que foi, mulher? – pergunto, terminando de tirar todo o sabonete do meu corpo.

Essa louca ainda vai me matar qualquer hora dessas com esses gritos repentinos.

— Tem gente te esperando aqui.

Pronto, já vem bomba... mais uma para a minha coleção. Mal estou conseguindo lidar com uma delas, chamada Michelle, imagine lidar com outra, sem nem ao menos ter conseguido aplacar uma delas. Quando penso que tudo está indo para ficar bom, do nada, algo surge para

desandar todo o meu castelinho de cartas.

— Já vou.

— Vem logo que tenho que ir para a academia – até parece que ela vai para academia hoje, porque por mim, vamos ficar para resolver essa pequena pendencia que temos no momento. Saio do banheiro, me enxugo, visto uma cueca, bermuda e vou para a sala ver quem está à minha espera.

Arregalo meus olhos ao ver que é Francisca quem está sentada no sofá da minha sala. O que essa mulher quer aqui? Já não basta fazer da minha noite um pequeno inferno, agora, vai querer causar um inferno maior?

Michelle me fuzila com o olhar, assim que coloca os seus olhos em mim.

— Vizinho – sorri, quando me vê.

— Diga, Francisca – falo, com a impaciência beirando a minha cabeça.

— Eu queria saber se você não poderia ir lá em casa agora, ver o que eu queria mudar na minha casa...

Nem deixo que termine de falar, porque a corto sem nem ao menos esperar ter chegado ao fim a sua sentença.

— Não vou poder, Francisca. Tenho compromisso agora – suspiro e passo minha mão pelo cabelo com a exasperação correndo por meu corpo, ao ver Michelle com um bico enorme nos lábios.

— Então, fica para amanhã? – pergunta, se levantando.

— Fica para quando eu estiver disponível, agora se me der licença tenho que me arrumar para o meu compromisso – sem dizer mais nenhuma palavra, viro-me e volto para meu quarto, querendo fugir de mais problemas.

Não é justo que Michelle fique com raiva de mim, sendo que eu não fiz nada para merecer isso. Sento-me na cama e fico esperando Michelle vir até mim, mas ela não aparece, depois de longos minutos sentado esperando. Vou até a sala e vejo que ela também não está lá. Não é possível que ela foi para a academia e não me esperou. Expira, inspira, expira, inspira, expira, inspira, e... Puta que pariu! Quer saber? Por mais que eu esteja louco para ir atrás dela, não vou. Porra! Mas a ideia que vários marmanjos estão de olho no que é meu, deixa-me louco!

Não vou ficar dando uma de marido ciumento direto. Sei que jamais Michelle me trairia, mas me irrita a ideia de outros caras perto dela, olhando-a, admirando-a. Não quero nem imaginar isso!

E aquela doida da Francisca? O que diabos ela quer comigo? Porra! Nunca dei liberdade para essa mulher. Para ser bem mais sincero, dificilmente eu falava com ela. Será que Michelle não

entende que eu não quero saber de outra mulher na minha vida que não seja ela?

Eu a amo mais que tudo nessa vida, porra!

Ela não vê isso? Depois o ciumento, sou eu!

Sendo que quando dá a louca nela, ela fica dias sem falar comigo, por causa de ciúmes. Não sou o único louco aqui, porra!

Caralho! Tenho trabalho para fazer, então que ele seja feito, enquanto Michelle não chega.

Não vou ficar aqui queimando minha cabeça com o fato de que muitos olhares estão muito insistentes em cima da sua pele exposta por aquela roupa de academia que ela muito usa e, que, quando se flexiona fica ainda mais tentadora e maravilhosa e...

Expira, inspira, expira, inspira, expira, inspira. É somente disso que eu preciso para ter calma, deixando Michelle quieta onde está, fazendo o que quer, em um lugar que desejou estar. Olavo, Michelle está bem. Pensando assim, pego os projetos que preciso dar uma olhada e me afundo no trabalho, deixando meu trabalho onde tem de estar.



Quando Michelle entra no quarto, algumas horas depois, encontra-me deitado e com vários projetos ao meu redor, o que me faz pensar o quão vacilão eu sou. Como eu pude me esquecer? Eu deveria ter tirado essas coisas antes que ela chegasse, para evitar mais um desentendimento entre nós, já que se tem uma coisa que Michelle odeia é que eu trabalhe em cima da nossa cama.

E eu nem me dei conta do horário.

— Você fez isso de propósito, não foi? – pergunta, se aproximando de mim, furiosa. Seus olhos estão injetados com a mais pura e amarga fúria sendo jogada na minha direção como se fosse um simples copo de água.

— Isso... o quê? – pergunto, tentando não gaguejar, diante o seu olhar mortal e irritante, constante nos meus olhos.

O quão irritante a pessoa precisa ser, somente por causa de uma bagunça que pode ser arrumada facilmente, no momento em que ela se apoderar da cama? Pura besteira toda essa raiva aqui.

— Você sabe que eu detesto quando faz isso na cama! – rosna, apontando para a bagunça, o que me faz revirar um pouco meus olhos.

— Desculpa, amor. Esqueci de...

— Esqueceu, Olavo? – sua voz está baixa, demonstrando que ainda não está no seu maior estado de estresse, mas me dando a pura certeza de que eu preciso me manter pleno e neutro,

tomando cuidado em que palavras deverei utilizar para que eu não piore o que já está a ponto de entrar em erupção.

Levanto-me e começo a catar os projetos de cima da cama. Um por um, coloco todos em cima da escrivaninha que fica no canto do quarto e tomo cuidado para não abrir minha boca para dizer uma palavra. Mulheres são pequenas joias, que nós, homens, nunca seremos capazes de decifrar. Então, para que a paz reine, precisamos, nem que seja por uma vez, seguir suas linhas de determinação.

Enquanto tiro os papéis de cima da cama, Michelle vai tomar banho e quando acaba, já tenho terminado de arrumar tudo. Sentado em cima da nossa cama, acompanho seus movimentos, mas quando já se torna difícil demais, apenas ficar distante, como ficamos hoje, eu apenas tomo o impulso e me levanto, aproximando-me do seu corpo e, quando seu cheiro começa a inebriar os meus sentidos, rodeio sua cintura com os meus braços e a abraço.

Amo Michelle e disso eu não tenho dúvidas. Quando a gente ama, a gente sempre sabe. Sempre. Quando brigamos, o meu coração chora, dói, todo sem sossego, apenas por saber que a ela, não posso ter perto de mim, porque por um motivo bobo qualquer, acabamos brigando.

— Amor, me descul... — ela me dá uma cotovelada, fazendo com que dor preencha o local atingindo e eu a solte, para pressionar a área, vendo que se vira.

— Agora você vem me pedir desculpas?

— Está louca? O que eu te fiz? — pergunto, confuso, sem conseguir realmente entender. Isso tudo não pode ser por causa da Francisca, que ela bem sabe, que eu nem ao menos dou importância. Ou por causa dos papéis em cima da cama. Por favor, não somos mais dois adolescentes, mesmo que, às vezes, acabamos agindo como uns.

Depois de me olhar com raiva, ela sai do quarto enrolada na toalha e com as gotículas de água descendo por seu corpo, por ter acabado de sair do banho. Porra! Ela fica tão gostosa assim irritada e molhada. Sinto vontade de a pegar nos meus braços e a foder como se não existisse mais amanhã.

Pouco tempo depois, ela volta para o quarto, batendo a porta e se encaminha na minha direção como um furacão, molhado e muito sexy...

— Escute bem. É melhor que você não vá a casa daquela puta, entendeu? — exige, com as mãos na cintura e o rosto vermelho, com mais raiva ali refletida. Não posso acreditar que toda essa raiva, seja por causa disso.

— Amor, eu não iria até a casa dela — digo, pegando seu dedo e o beijando. Ela tira o dedo da minha mão com um gesto bruto e caminha até o guarda-roupas. Tira de lá uma camisola curta, de cor preta e transparente, fazendo meu pau protestar dentro da minha bermuda.

Pelo visto não vou conseguir dormir essa noite. Já estou duro em vê-la pegando a camisola... imagine quando estiver deitada e tão perto.

Ah, inferno!

## Capítulo 6

OLAVO PEIXOTO

01:07H

**N**ão consigo dormir! Simplesmente não consigo!

A diaba da minha mulher está deitada de barriga para cima, com uma perna estirada e a outra dobrada, revelando suas pernas nuas. A boceta com certeza deve estar à mostra, mas não consigo ver, porque a luz do quarto está apagada, porém, conhecendo minha esposa, como conheço é de se imaginar que esteja fazendo isso comigo, porque quando temos certos momentos de briga, ela tem esses impulsos para me torturar assim.

Michelle desde o momento que se deitou nessa cama, está de olho vidrado nessa porra de celular, enquanto o resto do quarto está todo escuro. E eu aqui, todo carente, precisando do aconchego da minha mulher e ela apenas me ignora, porque está com ciúmes de uma vizinha que ela bem sabe que eu não tenho nenhum interesse.

Tentação da porra! Ter minha mulher do meu lado, apenas com uma camisola e não poder tocá-la. Há horas venho imaginando meu pau dentro do seu sexo apertado e minha boca nesses seios empinados...

Gemo baixinho. Estou muito duro, tanto que dói e ela, em contrapartida, bem alheia a mim. Não sei se aguento essa tortura!

03h:25min

Não consegui dormir até agora, enquanto que, Michelle pegou no sono já faz um tempo. Deitou-se de lado e empinou a bunda na direção do meu pau, provocando o inferno aqui dentro de mim. Ela só pode estar fazendo isso de propósito, porque não posso imaginar que algo dessa forma, possa estar sendo realizado de uma forma inocente. Com certeza minhas bolas devem estar roxas! Puta que pariu! Vou acabar ficando louco se não gozar! Mas não quero gozar batendo punheta, quero gozar dentro da minha mulher, com a boceta gulosa dela engolindo meu pau e me levando a loucura! Mas, pelo que estou percebendo isso não vai acontecer...

Suspiro, virando-me de costas para ela, tentando, assim, ter um pouco que seja de paz. Pouco tempo depois que estou de costas para ela, Michelle enlaça uma perna na minha e o seu braço vem para o meu peito.

— Você está de brincadeira, não é? – sussurro, com a voz chorosa e ela ri.

Essa peste estava fazendo de propósito.

— Não consegui dormir com teus resmungos – diz, sorrindo e eu me viro, ficando de frente para ela, somente para sentir que o seu corpo está mais uma vez, sob os meus encantos e domínio.

Quando eu digo que ela vai causar a minha morte, ainda encontro quem duvida.

— Você estava me provocando de propósito – acuso-a, escutando seu riso, logo em seguida. Enterra a cabeça no côncavo do meu pescoço, fazendo-me suspirar, agora, com um pouco de paz rondando a minha mente.

— Só estava te dando uma lição – sussurra —, para você aprender que se chegar perto daquela mulher novamente não deixarei você me tocar e esteja avisado. Só estou abrindo uma exceção hoje, porque desde ontem desejo você dentro de mim. Não estava conseguindo manter a atenção no trabalho, imaginando você me pegando, me chupando e depois acabávamos fazendo amor – sua confissão faz com que um gemido saia por meus lábios. Aperto-a nos meus braços e ela morde o lóbulo da minha orelha. — Estava à beira da loucura, quando percebi que você estava duro. Você não tem ideia das coisas que passavam pela minha cabeça... A cada resmungo que você dava, mais excitada eu... – ela para de falar, quando tomo sua boca em um beijo intenso. Desço minha mão até chegar na sua boceta e acabo me surpreendendo por encontrá-la molhada. Agora tenho certeza que ela vai acabar me matando.

Michele desce sua mão por meu peito até chegar na minha barriga, arranhando-me com suas unhas grandes. Ao ter o meu pau duro por cima da cueca, o aperta, fazendo com que eu solte um gemido rouco, do meu mais profundo ser, enquanto um lado totalmente carnal toma conta do meu corpo... do nosso. Busco por controle, mas ao colocar um dedo dentro da sua boceta, ele se esvai, ao mesmo tempo em que começo movimentos de vai e vem. Ela rebola no meu dedo, toda cheia de desejo e geme na minha boca.

— Minha safada! – rosno, contra seus lábios, sentindo-a colar ainda mais os seus lábios nos meus. Não vou aguentar essa tortura! Vou acabar gozando na mão dela e esse não é meu plano. Tiro o dedo do seu sexo muito bem preparado, fazendo-a resmungar, enquanto pondero se não devo fazê-la implorar... nem que seja só essa noite, mas o momento em que ela morde o meu lábio inferior é o suficiente para que eu a deite de peito para cima e tire a porra da minha cueca que só está atrapalhando, para que eu possa vir por cima e entre bem no meio das suas pernas. Provoco seu pequeno pontinho com o meu pau, escutando quando ela puxa uma respiração dificultosa. Decidindo por fim ao nosso momento de tortura, eu a penetro devagarinho, sentindo sua carne a envolver ao redor do meu membro.

— Olavo... – geme, em meu ouvido — Mais rápido...

— Toma! – rosno, não conseguindo mais resistir a ela, nem ao nosso momento e muito menos ao nosso desejo. O nosso amor é assim, por vezes devagar e carinho e em outras, como é o exemplo desta, é regrado a loucura e sem nenhuma delicadeza. Essa é uma das formas que melhor combinamos, que melhor nos amamos, que melhor nos adoramos...

Seus gemidos aumentam, preenchendo todo o quarto, fazendo-me morder meu lábio inferior,



ao tempo em que o calor começa a se intensificar dentro de mim e queimar a minha pele.

Típico de quando estamos juntos...

Pegando fogo.



Abro meus olhos, quando o barulho ensurdecedor do meu celular, começa a tocar. Procuro-o em meio a bagunça de corpos e lençol em que me encontro e, quando finalmente o tenho nas minhas mãos, o desligo, apreciando, o silêncio que preenche o quarto. Michelle se remexe em meus braços, mas logo fica quieta.

Despertador há essa hora? Não tem nem duas horas que pegamos no sono... suspirando, pego-o novamente e confiro a hora, assustando-me quando vejo que são sete e cinco da manhã. Eu não dormi quase nada. Puta merda! Michelle tem que acordar logo. Ela entra no hospital às sete e meia.

Porra!

Depois de ter sido xingado de tudo quanto é nome e levar dois tapas na cara, Michelle resolve se levantar, mesmo irritada, é impressionante o quanto é linda.

Sou um babão apaixonado mesmo.

— A culpa é tua! – grita, correndo para o banheiro.

— Minha? – ela está me culpando por ter se atrasado e ainda por estar com sono, desde o momento que a informei o horário.

— É tua! Se você não estivesse de pau duro e resmungando, eu teria conseguido dormir e não teria passado o resto da madrugada “trepando” contigo – fala, do banheiro, com sua voz demonstrando o quão com raiva está. E, sem conseguir me segurar, acabo rindo.

Meu Deus, essa foi boa.

Cinco minutos depois, ela sai de dentro do banheiro enrolada na toalha, com o rosto focado em ir para o seu armário e sem a mínima intenção que seja de se aproximar de mim.

— Amor – digo, ganhando sua atenção —, nós não trepamos, fizemos amor. Um amor selvagem e louco! – sorrio e ela joga a toalha que estava em volta do seu corpo na minha direção.

— Estou atrasada! Para de me olhar assim e vai se arrumar logo, que você vai me levar para o trabalho hoje – diz, enquanto se veste, sem ao menos desviar sua atenção para mim.

— Por quê? – pergunto, levantando-me e indo para o banheiro, onde suspiro, ao ver o seu vestido da noite passada jogado de lado.

— Meu carro está com um barulho estranho nas rodas da frente. Na hora do almoço me pega no hospital, vou levá-lo para a oficina e você vai comigo para me trazer de volta – diz, do quarto. Entro debaixo do chuveiro e procuro me banhar, enquanto ouço o seu canto ansioso do quarto. Minha mulher, às vezes, pode ser um pouco maligna, com as suas teorias de morte e acidentes, mas ela está certa. Tem mesmo de garantir a sua segurança. — Termina logo, homem. Vou me atrasar – diz, aparecendo já arrumada dentro do banheiro. Meu olhar sobe de cima a baixo com essa imagem na minha frente e eu quase tenho um infarto quando vejo qual calça ela está usando.

— Michelle, vai trocar essa calça, pelo amor de Deus! – meu pedido é quase uma súplica, mas o que recebo de volta é apenas um arquear de sobrancelha.

Inferno!

— Como?

— Michelle, você não vai sair daqui com essa calça nem por cima do meu cadáver!



Quando paro o carro em frente ao hospital, Michelle tenta abrir a porta, mas a mesma está travada, o que impossibilita a sua saída e a minha morte trágica rápida.

— Destrava essa porta, Olavo! – grunhi e eu suspiro, sem conseguir deixar que ela saia.

Recuso-me a deixá-la sair desse carro!

— Michelle, essa droga de calça deixa pouco para a imaginação! Você deve adorar me deixar louco – digo, com a voz chorosa e ela revira os olhos, para logo em seguida, inclinar-se, para me dar um beijo e sai do carro.

Droga, essa peste destravou a porta e eu nem ao menos percebi. Isso que resulta ser o marido dedicado e apaixonado. Tapa na cara e trapaça. Que inferno!

Ela anda rebolando até a entrada do hospital, obviamente para me provocar, já que ela sabe o quanto me afeta e que a estou encarando. Esse dia vai ser foda, definitivamente. Respirando fundo, dou partida no carro e dirijo rumo ao meu trabalho. E quando chego ao meu local de trabalho, encontro alguns pedreiros sentados na calçada da entrada, enquanto jogam conversa fora e riem de alguma coisa que está passando ali na rua. É foda isso, viu. Além de lidar com minha esposa, que não é nada fácil, ainda vou me estressar para dar curso a obra.

Por que não estão trabalhando? Por que hoje é o dia de deixar o Olavo louco? Suspiro.

Ao estacionar meu carro debaixo de uma árvore, na sua segurança e a espera de muita sombra, porque esse é o local onde mais tenho a sorte de aparecer uma sombra fria, saio, vendo que todos os olhares se voltam para mim.

— Por que estão aqui sentados? – pergunto, olhando um por um, que sentados, encaram-me.

— Porque não temos a chave, Olavo – responde seu Alcides, encarando-me com uma careta de total desagrado.

Claro que eles não têm, burro! Eu mesmo me encarreguei de trancar e levei a chave comigo ontem. Já comecei o dia dando mancada, isso é um bom sinal de começo de dia. *Isso mesmo, Olavo. Continue assim, vai.*

Com o rosto corado de vergonha, encaminho-me até a entrada e abro o portão, entrando logo em seguida, para que eu possa me adiantar abrindo as outras portas da casa. Minutos depois, já estão todos dentro, se arrumando para começarem a trabalhar.

12:30

Estou dentro do meu carro, esperando que o sinal abra, quando meu celular vibra com uma mensagem da minha deliciosa mulher, que por sinal, estava insaciável na noite passada.

*“Não demora!”*

Arqueio minha sobrancelha com toda essa pressa, mas não me deixo, de forma alguma, que ela fique na espera de uma resposta. De forma alguma, eu a deixaria esperando para alguma coisa. Minha prioridade completa é ela.

*“Estou indo.”*

Essa mulher vai acabar me deixando louco! Não teve um momento que eu não estivesse pensando nela, com ela vestida naquela calça super colada no seu corpo. Eu poderia ficar horas e mais horas observando-a desfilar na minha frente com aquela roupa, mas em contrapartida, o que acontece é que não são meus olhos que estão em seu corpo. Não... é a infinidade de homem naquele hospital que a deseja e que não fazem o mínimo esforço para disfarçar o que sentem. Eu já disse a ela diversas vezes para vestir roupas mais comportadas e menos provocantes, quando for trabalhar, mas aquela peste de mulher só sabe me desafiar. Inferno! Nunca faz nada que eu digo.

Nunca.

E a sua resposta é sempre a mesma.

“— Eu vou vestida do jeito que eu quiser. A culpa não é minha se me olharem, até porquê não sou invisível e os outros não são cegos.”

Mas então, eu a lembro de um acontecimento com ela, ainda quando estávamos namorando, quando um cara que ela mantinha flertes, tentou forçá-la a beijá-lo e que se não fosse por mim, surgindo ali naquela hora, quem sabe o que diabos poderia ter acontecido ali. A sua resposta, em contrapartida para mim é sempre essa:

“— Meu amor, não irei modificar minha forma de me vestir, apenas porquê ele é um doente e não sabe quando uma mulher diz não. Eu não vou mudar, porque homens como ele não entendem que não é porquê uma mulher é sensual, que ela está, dando sinal verde para que eles a

toquem. E o assunto está encerrado aqui.”

O seu discurso não muda e eu, às vezes, sinto-me até orgulhoso. Michelle nunca em todos os nossos anos juntos, baixou sua cabeça para as minhas críticas ao seu modo de vestir, que as vezes, confesso, que são bem antepassadas, mas nem sempre consigo me controlar para detê-las.

O importante é que essa é a sua essência e ela nunca a perdeu para nada que eu a tenha dito, muito menos para as opiniões de terceiros. Essa é uma das qualidades que eu mais amo nela e uma das que, me deixa mais louco.

Finalmente, o sinal abre e posso continuar minha pequena jornada até minha mulher. Em questão de cinco minutos, estou chegando em frente ao hospital que ela trabalha, vendo que a movimentação hoje está até mais calma que os outros.

Tem dias que esse lugar está tão lotado que não fica uma vaga para estacionar um carro. Fico feliz que hoje não seja um desses dias, o que significa que menos pessoas estão doentes ou precisando de atendimento.

Suspirando, pego meu celular e ligo para ela, que rapidamente me atende.

— Nossa, que demora, Olavo! Não sei se você sabe, mas eu só tenho uma hora de almoço – fala, com raiva, fazendo-me sorrir.

Devo vir a acreditar que hoje é o dia que ela está o mais louca possível de fome, por isso está tão impaciente. Suspiro, com um sorriso, ao respondê-la.

— Calma, mulher. Estou te esperando aqui fora... – nem termino de falar e a linha fica muda, fazendo-me sorrir novamente.

Definitivamente ela está em seu alto pico de fome, disso eu posso ter a maior certeza do mundo inteiro. E eu obtenho parte da minha certeza, ao vê-la se aproximar do meu carro com a bata amarrada na cintura e o rosto sério, parecendo que está com raiva.

Olha para os lados e abre a porta, entrando rapidamente, logo em seguida.

— Por que você amarrou a bata na cintura? – pergunto, olhando para ela, quando apenas tento segurar o riso que ameaça romper meus lábios.

— Porque a calça rasgou – rosna, fazendo-me arregalar os olhos, ao observá-la com surpresa banhando todo o meu ser.

— Como assim rasgou?

— Rasgou, rasgando. Fui me abaixar para pegar a caneta e a calça rasgou no fundo – diz, apertando as pernas e olhando para fora da janela.

Eu poderia apenas ser um adulto normal, que pode até consolar a esposa com a sua calça extremamente apertada e rasgada, mas o meu lado infantil é mais forte, fazendo com que uma

alta gargalhada saia por meus lábios e preencha todo o carro.

Que situação! Isso tudo porque ela não me escuta! E eu avisei! Oh, Deus, eu avisei.

— Para de rir, seu bobo! – fala, sorrindo e de leve, deposita um tapa no meu braço, empurrando-me para o lado, quando o riso parece não querer cessar.

— Desculpa, amor – digo, puxando ar, quando minha barriga dói —, mas não consegui segurar. Bem que eu avisei.

Tentando me acalmar, levanto minha mão e passo meu polegar por seu rosto, o acariciando no processo.

— Bobo, vamos para casa, logo – bate na minha mão, afastando-a do seu rosto, enquanto eu ainda rio, com essa imagem surgindo na minha mente.

— Vamos almoçar, primeiro – digo, tentando recuperar o meu ar e a minha maturidade, mas parece que não consigo me controlar direito. — Depois levamos o teu carro na oficina.

Dou partida no carro, porém preciso tomar um tempo para me recuperar do pequeno surto de risos que está querendo me enlouquecer aqui mesmo na estrada, antes que eu possa chegar em casa.

Controle-se, Olavo! Expira, inspira, expira, inspira, expira, inspira!

Com uma última inspiração, entro no tráfego, tentando não voltar meu olhar para ela.

— Não vou para um restaurante assim.

Mordo meu lábio inferior, tentando não ter outra crise de risos e acabar, consequentemente, provocando um acidente de carro no meio desse trânsito horrível.

— Avisei para trocar de calça, mas você não quis. Agora, aguenta – digo, sorrindo, sem me controlar e eu sei que, provavelmente, ela estará ficando ainda mais irada que já está.

— Você sabe que no restaurante vai estar cheio de homens, não é? E meu fundo está rasgado. Sério que você vai correr o risco que algum deles veja?

Desvio meu olhar rapidamente em sua direção, semicerrando-os, para ver que ela me encara com o rosto sério por completo, o que me faz rir, voltando meu olhar para frente. Essa minha esposa é um caso à parte para ser debatido com essa enorme capacidade de diálogo e convencimento.

— Meu amor, estarei todo o tempo perto de você, assim nenhum deles terá a petulância de olhar você em nenhum momento – digo, sorrindo e ela cerra os olhos, encostando-se no banco de uma vez.

O restaurante que a levo, é o mesmo de ontem, porque ele fica a uma distância considerável do hospital, o que nos leva a chegar em poucos minutos. Ao estacionar, peço que ela espere que eu

desça do carro, para que eu possa ajudá-la. Saio do carro, mordendo meu lábio inferior para não rir dessa cena que não para de rondar a minha mente e logo, estou rodeando carro para abrir a porta do seu lado, vendo que ela sai logo em seguida. Fecho a porta e fico atrás dela com a mão em sua cintura até chegarmos à mesa, tentando não rir.

Puxo a cadeira para que ela sente e logo em seguida, sento ao seu lado, virando meu rosto para o lado, para que ela não perceba o quanto estou me segurando.

— Hum, você virou um cavalheiro – pergunta, com a sua boca perto do meu ouvido e eu coloco minha mão na sua perna, com um sorriso nos meus lábios.

— Para você, sempre – digo, sorrindo.

Meus olhos dançam, quando ela me encara semicerrando os olhos e eu juro que tento não rir da situação que volta repetidas vezes na minha cabeça.

— Mas, amor – sorrio, passando minha mão por minha barba um pouco grandinha, vendo que ela me observa com atenção —, como rasgou? Fez barulho, quando rasgou?

A imagem disso acontecendo na minha frente, faz com que eu gargalhe alto, jogando minha cabeça para trás, não conseguindo me controlar. Eu não consigo... não consigo... minha barriga dói, fica mais difícil de respirar e a sua imagem baixando para pegar a bendita caneta, com sua calça rasgando, logo em seguida, nubla a minha mente e as gargalhadas começam a ficar descontroladas.

Por que eu não vejo essas coisas, meu Deus? Por que?

— Tinha alguém com você na sala? – tento perguntar em meio as risadas e eu vejo que ela revira os olhos, com um sorriso brilhando nos seus lábios.

— Eu estava atendendo uma senhora...

Eu até que poderia ser mais adulto agora, mas eu não consigo. Não com uma revelação dessas bem na minha frente e no alcance da minha observação e compreensão.

— O que ela disse?

— Não vou dizer – fala, revirando os olhos e eu inclino minha cabeça em seu ombro, encarando-a com os olhos dançantes.

— Me fala, amor...

Ela balança sua cabeça e desvia seu olhar para o garçom que se aproxima de nós. Quando ele fica na nossa frente, ela faz o pedido e eu me levanto da cadeira, indo até o banheiro para que eu possa me acalmar um pouco. Passando por meio das mesas com pessoas conversando, eu me enrosco até que estou de frente para a porta do banheiro. Ao adentrar o mesmo, tento pensar em qualquer coisa para que esse riso passe, até porquê, não quero ser o centro das atenções do local.

Por que isso não acontece na minha frente, meu Deus?

Aproximo-me da pia e tento jogar um pouco de água no meu rosto, para que esse excesso de loucura passe do meu sistema. Respirando fundo mais cinco vezes, sinto-me pronto para voltar, sem ter outro ataque de risos.

Vai dar tudo certo, Olavo...

Ela não vai mais vestir aquela calça... pelo menos, algo bom nessa história me aconteceu.



— Então... podemos ir, não é?

Ela pergunta e eu sacudo minha cabeça, limpando os cantos da minha boca, que estavam sujos da sobremesa de banana que acabamos de dividir. O ataque de risos passou e só me restou a minha mais alta dose de maturidade, o que levou minha mulher agradecer a todos os céus e deuses da existência.

Com um gesto de mão chamo o garçom, que não está muito longe da nossa mesa e peço que ele feche nossa conta. Com um aceno, ele se afasta, pedindo que nós o aguardemos.

— A senhora disse que a minha calcinha era muito bonita e que na época dela aquele modelo não existia.

Encaro-a tentando não rir desse acontecimento. Logo agora que eu tinha começado a tomar a postura de engenheiro inabalável, a mulher vem e me derruba com uma coisa dessas. Como, santos do céu, uma senhorinha fala uma coisa dessas?

Eu tento privar a vontade de rir, enquanto encaro seus lábios arregaçados em um sorriso lindo e ela se vai, porque o seu sorriso sempre foi e continua sendo uma das melhores coisas de se observar no mundo inteiro. Eu amo mais que tudo nessa vida, vê-la assim, relaxada, divertida e feliz. Só Deus sabe o quanto esse sorriso me traz paz e calma... e eu posso apostar que ela realmente nem deve perceber isso.

Inclino-me aproximando meus lábios dos seus e, então deposito ali um selinho. Que saudades que eu fico dessa mulher, quando estamos afastados, por causa dos nossos trabalhos. Quanta saudade...

— Você está incrivelmente chato e fofo hoje – diz ela, fazendo-me rir, ao me afastar dos seus lábios.

O garçom volta, posicionando-se bem na minha frente. Ele coloca o valor na mesa e assim que eu o pago, de mãos entrelaçadas com a da minha mulher, saímos do restaurante, indo em direção ao meu carro, onde o deixei estacionado.

— Agora vamos para casa, viu? – diz, encarando-me com mais um sorriso e eu aceno,

atendendo o seu pedido.

Dou partida e nos encaminho para a nossa casa, que fica um pouco mais distante do restaurante. Ela coloca música para tocar e começa a cantar baixinho, à medida que nos afastamos pelo trânsito que parece estar mais calmo, coisa que bem sei que vai mudar em questão de algumas horas. Alguns minutos depois, chegamos em casa, mas ela já estava quase atrasada por ser mais de uma hora da tarde.

— Vai no meu carro, amor – digo, quando ela tira a calça rasgada no fundo e a troca por outra não menos acochada, porém, não tão apertada quanto a outra. — Mas você terá que ir me buscar.

Com um sorriso nos lábios e a pressa presente no seu rosto, ela me encara e sorri.

— Obrigada, amor! Vou correr, para não me atrasar mais – diz, fechando o botão da sua calça e, quando consegue, deixa um beijo nos meus lábios. — Te amo!

Sorrio, vendo ela correr para fora, seguido do barulho da porta batendo. Suspiro, enquanto me encaminho para a cozinha para tomar um banho e pegar o seu carro para que eu possa ir à obra.

17:53pm

O meu expediente chega ao fim e, assim, eu consigo respirar melhor, com a certeza de que poderia ficar mais um tempinho com ela nos meus braços, enquanto aproveito tudo que posso do seu cheiro e do seu toque. É só disso que preciso agora.

Estou sentado na calçada da frente da obra esperando por Michelle. Já fechei tudo, mas dessa vez, deixei as chaves com seu Raimundo que chega bem cedinho todos os dias, para que assim, não tenhamos mais desentendidos como o de hoje mais cedo. Liguei para minha mulher e a ensinei como ela chega até aqui, onde estou, mas até agora nada e veja só, que já faz mais ou menos uma hora que eu fiz essa ligação.

Deixei o carro dela na oficina mais cedo e pedi que fizessem uma revisão completa e que consertassem o que precisasse, já que não posso estar correndo riscos com carro de Michelle cheio de defeitos. O mecânico falou que amanhã no mesmo horário eu poderia pegá-lo, mas não sei se vai dar, porque vou ter que passar na construtora, para ver alguns projetos que tenho pendente para avaliar.

Desvio meu olhar para as minhas mãos, onde meu celular toca com o nome de Michelle e a sua imagem o jeito que sempre gosto de a observar. Sorrindo e feliz.

— Oi, amor.

— Olavo, bati teu carro – arregalo meus olhos, quando minha respiração trava bem no meio da minha garganta.

— Como você está? Se machucou? – pergunto, com a preocupação banhando meu sistema



todo. Essa mulher ainda vai me causar um infarto, eu tenho certeza disso.

— Não, estou bem – diz, mas ainda não consigo encontrar paz, mesmo que diga que está bem.

Eu preciso vê-la e me certificar disso com os meus próprios olhos.

— Onde você está?

— Na rua do supermercado, perto da tua obra – diz e eu me levanto da calçada. Começo a caminhar/correr em direção ao supermercado que, realmente, fica em uma rua depois da obra que estou liderando.

— Estou indo aí – desligo, tentando controlar meu ritmo cardíaco.

Meu deus, essa mulher vai me matar! Não tenho dúvidas disso.

Caminho a passos largos até onde ela disse que estava e, rapidamente, chego ao local. Prendo a respiração, quando a visão de uma Michelle intacta com o seu rosto sério e as mãos na cintura, preenchem meu campo de visão.

— Você está bem? – pergunto, parando na frente dela, enquanto varro o seu corpo todo com meu olhar, não encontrando, graças as forças divinas, nada que a tenha prejudicado. Nenhum arranhão.

Suspiro, com a minha vida voltando para o meu corpo, porque por uma questão de segundos, eu pensei que iria cair desmaiado no chão desse lugar.

— Estou bem, amor – diz, sorrindo. — O que não está bem é esse idiota, dizendo que eu bati propositalmente, sendo que ele parou o carro de uma vez. Queria que eu fizesse o que?

Então, eu volto meu olhar para o meu carro e ao analisar o estrago, quase que uma lágrima borrava o meu rosto... eu disse quase. Meu carro! Meu carrinho! Está todo amassado na frente. O para-choque... As lanternas quebradas, o capô...

Tento me concentrar no homem irritado, que grita aos quatro ventos que não vai pagar o prejuízo, porque, segundo ele, não teve culpa se Michelle não prestou atenção nas luzes traseiras do seu carro, que estavam determinando que ele iria parar. Depois de uma longa conversa com o cara, decidimos que deixaríamos para lá, afinal os dois estavam errados. O carro dele na parte traseira, não está pior que o meu bebê... que o meu carrinho!

— Me dá as chaves – peço, estendendo minha mão para ela, depois que o homem se vai. Ela me entrega, com seu olhar no meu, avaliando com atenção o meu rosto.

— Amor...

— Você deveria tomar mais cuidado – rosno, abrindo a porta com cuidado para que não tenhamos mais prejuízos com isso e depois fecho a porta.

— Você está zangado, por causa disso? – pergunta, depois que entra no carro, fechando a porta com um baque forte. Uma pequena dor se instala no meu coração, quando ela faz isso e, então, eu viro meu rosto para ela.

— Não, Michelle. Só tenha cuidado – digo, dando partida no carro, escutando que ela bufa logo em seguida.

Ela bate o meu bebê e ainda fica com raiva...

Como entender isso, meu Deus?

## Capítulo 7

OLAVO PEIXOTO

**E**ssa mulher ainda vai me matar! Tenho certeza que vai! Como ela pode me dar um susto desses? E ainda amassar meu carro daquela forma? Minha mulher não tem limites...

O que eu faço com aquela diaba disfarçada de mulher?

Desde ontem, quando nós chegamos em nossa casa que não falo com ela e nem ela comigo. Foi o melhor a se fazer para evitar confrontos e brigas. E o pior não foi ter que ficar sem falar com ela... não, aquela diaba fez questão de dormir apenas de calcinha. Nada mais além da calcinha e com a sua bunda muito bem próxima da minha virilha.

Como eu disse... ela não tem limites. Não, não tem.

E eu? Bem... Não consegui dormir. Nada. Não consegui fechar os olhos sabendo que ela estaria ali... sem roupa, com aqueles seios deliciosos livres e à espera de minha boca para degustá-los. Inferno!

Sem contar no meu pau, que permaneceu duro e latejando durante toda a noite e eu posso apostar que ela estava se divertindo muito com isso. Não posso ficar aqui pensando nela agora, tenho que focar em meu trabalho. Por que é tão difícil? Por que aquela provocadora não sai de minha cabeça? Por quê? Merda!

Levanto-me da cadeira do meu escritório e saio do mesmo, rompendo no corredor cheio de pessoas indo e vindo. Uns com maquetes outros com papeis... suspiro, cansado, indo diretamente para a copa beber um copo com água. Hoje não fui para a obra, porque tinha alguns projetos que eu tinha que estudar aqui na construtora, o que infelizmente não consegui, porque minha mulher não saía um instante sequer da minha cabeça... rondando e rondando com aquela bunda linda e redonda perto de mim e os lábios tentadores no limite dos meus.

Assusto-me quando meu celular começa a vibrar no bolso da minha calça e quando eu o pego, vejo o seu nome em letras garrafais. *Michelle*. Sua foto sorrindo, faz-me sorrir também e, então, atendo-a.

— Você vem me buscar para almoçarmos juntos? – pergunta, com a voz manhosa, fazendo-me suspirar silenciosamente.

— Talvez – digo, sem demonstrar muito entusiasmo.

— Por que está falando assim? – pergunta, fazendo-me rir.

— Estou ocupado - ela suspira e eu apoio o celular contra meu ombro, para que eu possa derramar água em meu copo descartável.

— Fazendo?

Se ela soubesse o que eu queria estar fazendo com ela...

— Estudando projetos.

— Você não foi para a obra? - escuto o barulho de uma porta sendo aberta, do outro lado da linha.

— Não.

— Você vai continuar me tratando dessa forma? - sussurra e eu sorvo o conteúdo do meu copo, sentindo a água dar boas-vindas ao meu interior. Alguém a chama e ela responde. — Peça para que ele espere um instante...

— Ele está apressado, Michelle - uma mulher fala e a minha suspira.

— Certo, diga para ele entrar - Michelle diz e depois escuto a porta sendo fechada. — Olavo, mais tarde nos falamos. Beijos, te amo - desliga, sem esperar uma resposta minha e eu fico aqui, mais uma vez com a maior cara de abestado de toda a história dos maridos bobos.

Eu escutei bem? Um homem queria falar com ela e não poderia esperar um instante? E ela simplesmente não poderia dispensá-lo? Não posso acreditar em uma coisa dessas!

Suspiro, tentando pensar com coerência. É o trabalho dela, Olavo... é o trabalho dela. Apenas... não se meta, Olavo. Não se meta. Tomo mais um copo com água e sigo para minha sala, onde tenho muitos projetos para estudar. Muitos projetos... Muito trabalho... E minha cabeça só consegue imaginar minha mulher sentada na minha mesa, de pernas abertas e sem calcinha. Todinha a minha total disposição, sem mais ninguém para nos atrapalhar.

Sacudo minha cabeça, em uma tentativa frustrada de expulsar esses pensamentos da minha mente. A última coisa que preciso é de uma ereção aqui no meu trabalho logo. Devo estar ficando louco, só pode. *O que eu faço?* Essa mulher me enlouquece, me tira do eixo. Quase tive um infarto ontem, pensando que algo de ruim poderia ter acontecido a ela... Graças a Deus, nada aconteceu.

Mas o que custa ter cuidado? Prestar atenção?

Além de ter batido o carro, ainda discute com o cara, sendo que ela não tinha razão... Nem ele tinha. Enfim, por que não deixar para lá e pronto?

*O que eu faço com essa mulher?*

12:55

Quando meu horário de almoço chega, saio do escritório e vou direto para o hospital buscá-la.

Não estou preparado psicologicamente para vê-la agora. A roupa que vestiu para ir trabalhar, deixou-me sem conseguir respirar por alguns segundos. Imagina os caras que trabalham com ela. Só espero que esses filhos de putas não estejam olhando para onde não devem. Não gosto que nenhum moleque fique olhando para ela. *Somente eu posso olhá-la...* Mas é como ela mesma já disse, não posso deixar todos cegos para não observarem onde não pode. Porém, sou capaz de matar qualquer um que ousar olhar para ela na minha presença.

Isso soou um pouco maníaco, mas eu não me importo. Que seja, foda-se. Ela é minha mulher, eu posso ter qualquer tipo de pensamento que eu quiser.

Há um tempo venho pensando em fazer uma tatuagem em homenagem a ela. Já que tenho várias espalhadas por meu corpo e ela fala que ama todas. Talvez eu faça uma próxima semana, mas será se ela iria gostar?

Alguns minutos depois, quando chego em frente ao hospital, nem preciso pegar meu celular e ligar para ela, porque já está na porta me esperando, com um olhar ansioso buscando por entre os carros que estão circulando por aqui e quando vê que eu parei o carro, vem caminhando devagar na minha direção, com seu olhar travado no meu e um sorriso sacana de tirar qualquer um do seu real estado de juízo. Como eu amo essa mulher! Simplesmente não consigo ficar muito tempo sem falar com ela. Não consigo. O jeito que ela caminha... tão sensual... me deixa louco. Essa bruxa me enfeitiçou e estou achando que esse feitiço irá durar até o fim da minha vida.

Ela abre a porta do carro, entra, olha para mim, sorri e... Eu não consigo não sorrir de volta. Doeu muito não corresponder o sorriso que ela me deu hoje de manhã, de não corresponder os beijos que tentou me dar ontem à noite, quando fomos dormir. Não respondi, porque estava com raiva, com medo, mas agora... a olhando assim, tão linda e na minha frente, não tem como eu não a beijar. E assim faço. Com um largo sorriso no rosto, coloco minha mão na sua nuca e a puxo em minha direção, tomando seus lábios contra os meus e a beijando lascivamente.

— Olavo - diz, separando-se de mim. — Pensei que estava zangado comigo.

— Meu amor, é impossível ficar zangado com você - digo, sorrindo para ela, que me retribui o sorriso e coloca uma mão em meu rosto, fazendo um carinho, que aprecio com total amor e aproveito cada segundo do seu deslizar de dedo por meu rosto.

— Mas você estava ontem – diz, fazendo biquinho. Amo essa mulher! Amo muito! Em um momento está toda raivosa, em outro está fogosa, em outro, calma, depois carinhosa e logo em seguida, carente. Minha nossa... fico louco por ela a cada dia que se passa.

Não consigo disfarçar e muito menos quero.

— Não estou mais - sorrio.

Puxo sua cabeça em minha direção novamente e a beijo, sendo correspondido com total louvor. Com suas mãos invadindo meu cabelo, ela o puxa e intensifica o beijo, fazendo-me gemer roucamente, contra os seus lábios. Meu pau começa a dar o ar da sua graça no meio das minhas pernas e ela coloca a mão na minha perna, subindo-a até chegar nele que a espera semiduro. Michelle o massageia e eu suspiro.

— Michelle - falo, com a voz rouca, nos separando.

— Meu nome – diz, distribuindo beijos por meu rosto.

Sorrio.

— Você está bem safadinha, não é – digo, sorrindo.

Ela sorri e me olha.

— Você me deixa louca - morde o lábio inferior, batendo seus cílios sedutoramente na minha direção.

Diaba provocadora.

— Você me enlouquece também - digo e a dou um selinho.

— Bom saber disso – sorri e se vira para a frente, afastando-se de mim.

— Vamos almoçar.

Dou partida no carro e entro no tráfego, tentando manter meus pensamentos em seus devidos lugares, sem desviá-los para outros âmbitos, que envolvam Michelle pelada e com suas pernas abertas na minha direção. Bem entregue ao nosso desejo.

Suspiro, conduzindo-nos ao nosso habitual restaurante, o mesmo de ontem, que fica bem pertinho do seu local de trabalho. Em poucos minutos chegamos nele, enquanto o fogo ainda se espalhava por meu corpo, já que sua mão não saía da minha perna de jeito algum. Estaciono o carro embaixo de uma árvore, já que o tempo está muito quente hoje e ao sairmos daqui, não quero que a quentura do sol nos queime ainda mais aqui dentro.

Ela abre a porta e desce. Faço o mesmo, trancando o carro logo em seguida. Caminho, ficando ao lado dela e pego sua mão, entrelaçando-a na minha. Vejo que sorri e aperta minha mão na sua, fazendo uma enorme vontade de agarrá-la aqui no meio da rua, surja na minha mente. Porra! Esses pensamentos não são saudáveis para a minha saúde mental. Caminhamos lado a lado e entramos no restaurante. Ela escolhe uma mesa no fundo do restaurante bem afastada.

O que vai aprontar?

— Por que estava tão distante ontem à noite? – pergunta, assim que sentamos a mesa.

— Estava chateado. Você bateu meu carro e quase se machucou - digo, vendo que ela revira os olhos.

— Aquilo é só um carro, pelo amor de Deus! E eu não me machuquei - diz, olhando no fundo dos olhos.

— Mas poderia ter se machucado - digo, analisando seu rosto com atenção, mas sou

atrapalhado pelo garçom que limpa sua garganta bem na nossa frente, esperando pelo nosso pedido. Assim que ela o faz, ele se afasta, dizendo que não demorará muito para que ele venha nos atender.

Ficamos nos encarando, sem dizer mais uma palavra, até que o garçom vem com o nosso almoço. Ele deposita nossos pratos à nossa frente sobre a mesa e, então, agradecemos, vendo que ele sai logo em seguida, nos deixando sozinhos. Almoçamos em silêncio, nos encarando e quando acabamos, ela pede sobremesa e pela primeira vez, vejo minha mulher pedir mousse de chocolate como sobremesa. Minutos depois que ela pede, o garçom vem com seu pedido. Ela começa a comer, olhando para mim. Lambe a colher e a coloca novamente na boca. Diaba!

Como pode fazer isso comigo em um restaurante? Só quer saber de me maltratar, meu Deus do céu! Eu poderia encarnar um homem das cavernas agora mesmo, porém não é a minha intensão que os outros vejam minha mulher nua.

— Algum dia vou te lambuzar todo de chocolate e limpar com minha língua cada lugar que estiver melado - diz, fazendo-me arregalar os olhos e prender minha respiração, sem conseguir acreditar no que estou escutando aqui.

Safada!

— Estarei esperando ansioso por esse dia — digo, mordendo meu lábio inferior.

O rosto dela endurece, quando o desvia para a parte de trás de mim e logo ela fica séria. Viro-me para ver o que a deixou assim e logo, Francisca aparece em pé ao lado de uma mesa perto da nossa, acho que já está de saída. *O que essa mulher está fazendo aqui?* Ela percebe que estamos a olhando e olha em nossa direção, sorri e caminha até nós.

— Essa puta vem aqui só para me provocar. Eu sei que é! – Michelle sussurra e eu me viro, ficando de frente novamente para minha mulher. Trava a mandíbula, semicerrando os olhos.

Isso vai sobrar para mim novamente. Sei que vai.

— Vizinhos - fala, assim que chega a nossa mesa com aquela voz irritante que somente ela possui.

— Olá, Francisca – digo e recebo um olhar fuzilante de Michelle.

— Olá, vizinho. Quando vai até minha casa, ver aqueles negócios que preciso mudar? - pergunta, sorrindo para mim.

Oh meu Deus, me ajude!

— Olá, Francisca. Meu marido e eu estamos almoçando, não sei se você percebeu. Ele não fala de trabalho fora do mesmo - Michelle fala, praticamente rosnando.

Estou muito ferrado com essa mulher. Quando chegarmos em casa, vou passar por mais uma sessão de torturas, tudo por culpa de Francisca.

— Hum, estou atrasada. Depois nos falamos, Olavo - diz, olhando-me e sai.

Que porra deu nessa mulher?

— Vaca, puta. - Michelle diz, colocando o doce de lado. — Vamos embora - limpa os cantos da boca com o guardanapo e se levanta.

— Mas, amor... Ainda está cedo.

— Quero ir embora, agora - rosna e prefiro não discutir.

Chamo o garçom e pago a conta. Ela se levanta e caminha na minha frente, até que chega no carro. Posso sentir a cada passo seu, que está possuída de ódio. Ela espera que eu destrave a porta e depois entra. Eu a sigo, entrando logo ao seu lado.

— O que deu em você? – pergunto, olhando-a.

— Aquela mulher se insinuando para você na minha frente – diz, apertando a bolsa com força em cima das suas pernas.

— Amor, olha para mim - ela o faz —, ela pode se insinuar para mim quantas vezes quiser. Nunca vou corresponder. Eu amo você, só quero você. Deixa de besteira - A puxo para mim e a beijo.

Ela pula em meu colo, surpreendendo-me. Minhas mãos descem por seu corpo até que alcanço a sua bunda. Aperto-a com uma mão e puxo seu cabelo com a outra. Ela rebola, geme e morde meu lábio inferior.

— Me come - pede, contra minha boca.

— Aqui? – pergunto, tentando a fazer exatamente o que essa safada pede.

— Sim.

Não preciso que ela diga mais nada. Levo minha mão até a bainha de sua saia e a subo, mas sou parado pelo celular dela que toca, fazendo com que se separe de mim, para se inclinar e pegar o celular na bolsa.

— Amor, deixa isso tocar - digo, beijando seu pescoço.

— Não, pode ser do hospital... E é - o atende. — Alô... Sim... Sei... Agora? Certo. Estou indo - desliga e o joga na bolsa. — Amor, tenho que ir. Um paciente que veio da emergência está à minha espera. Tenho que ir - diz, saindo de cima de mim, para se acomodar no seu banco de passageiro.

Aceno, evitando ser um bebê chorão e ligo o carro. Por que essa droga de celular tinha que tocar? Estou duro, meu pobre pau está latejando dentro dessa calça apertada! Da próxima vez, joga essa droga para fora da janela.



Alguns minutos depois, estaciono o carro em frente ao hospital. Ela se arruma e quando acaba, se inclina em minha direção e me beija.

— Mais tarde, amor - dito isso, se vira e sai do carro. Como não tenho outra saída volto para o trabalho.

Por que ela me deixa nessa expectativa toda?

## Capítulo 8

MICHELLE PEIXOTO

**O** que essa Francisca pensa que é? Como ela ousa chegar perto do meu marido e ainda se insinuar para ele? Quero ver ela continuar assim, depois que eu der uns bons tapas na cara dela e quebrar aquele nariz de tucano que ela tem.

Mulherzinha oferecida! Cretina!

Ela deve me achar muito burra mesmo, ou ela faz isso de propósito para me provocar. Se ela me conhecesse bem, saberia que é melhor não mexer comigo.

Vaca leiteira desmamada!

Agora, o melhor de tudo isso é ver que meu marido não dá um pouco de moral a ela. E acho bem melhor ele não dar mesmo. Odeio esse sentimento! Odeio sentir ciúmes, mesmo sabendo que não tenho motivos para sentir, mas aquela vaca me tira completamente do sério.

Deixa só ela continuar com isso para ela ver o que acontece. Cretina!

A cada dia que se passa, meu amor e desejo por meu marido só aumenta. Ele me deixa completamente louca! Minha vontade era de cavalgar nele dentro daquele carro, mas infelizmente não foi possível. Agora que finalmente meu horário de trabalho termina, sinto-me completamente aliviada. Não é porque não gosto de meu trabalho, pelo contrário amo meu trabalho, mas é só que eu ando muito sobrecarregada esses dias.

Muito cansada. Preciso de uma folga.

E graças a Deus, amanhã é sábado.

Vou poder dar bastante para o meu marido. Cavalgar naquele pau gostoso...

Lembro-me de ligar para ele vir me buscar e assim o faço, sendo atendida no terceiro toque.

— Que horas vem me buscar? - pergunto, antes que ele fale algo.

— Já estou à caminho – diz, e eu acho que escuto um sorriso.

— Bom, vou ficar te esperando na entrada do hospital – suspiro.

— Tudo bem, meu amor. Não demorarei - fala e desliga sem esperar uma resposta minha.

Sorrio. Ele fez isso, porque sempre faço. Olavo, Olavo. Sempre querendo me dar o troco, mas nunca consegue... sorrio, pensando no quanto ele deve estar se sentindo um vitorioso, por ter conseguido desligar antes de mim.

Junto minhas coisas e vou esperá-lo na entrada do hospital, como sempre faço. Fico em pé, observando as pessoas entrando e saindo do mesmo, quando um amigo fisioterapeuta se aproxima de mim, sorrindo.

— Michelle - diz e abre seus braços, rodeando-os ao redor dos meus ombros, em um abraço apertado.

— Heitor - falo, nos separando.

— Como vai? - ele pergunta, olhando nos meus olhos. Heitor é um homem muito bonito. Alto, forte, moreno, corpo definido, olhos castanhos... Uma beleza rara. Meu marido que nunca saiba desse meu pensamento.

— Vou bem e você? - pergunto, sorrindo.

— Melhor agora – diz e pisca um olho para mim, fazendo-me sorrir do seu jeito paquerador de ser.

O barulho de uma buzina me assusta e quando olho em direção ao mesmo, vejo que é o carro do meu marido ali.

— Meu marido chegou. Até mais, Heitor - aceno para ele e saio.

Caminho devagar até chegar ao carro, vendo que ele mantém seu maxilar travado na minha direção. Abro a porta do carro e entro, logo em seguida, vendo que ele está com sua respiração acelerada.

— Quem era aquele? – pergunta, assim que sento no banco do carro.

— Um amigo fisioterapeuta - digo, dando de ombros. Inclino-me no meu acento e deposito um casto beijo em seus lábios. Ele puxa minha cabeça e intensifica o beijo, levando-me correspondendo com o mesmo fervor.

— Você é minha! – fala, contra meus lábios.

— Sou só sua. Por que está falando isso? – pergunto, o encarando, vendo que ele ainda tenta respirar com mais facilidade.

— O que aquele cara estava falando para você? – pergunta, se afastando.

— Nada demais. Perguntou como eu estava...

— Muito preocupado, o filho da puta! - rosna, apertando seu volante.

— Não tem motivos para você estar assim - digo.

Ele me olha como se eu fosse uma louca e busca, no meu olhar, alguma certeza, alguma coisa.

— Ele estava te comendo com os olhos.

— Você está ficando louco. Ele não estav...

— Estava! – grita e eu semicerro meus olhos, com a sua exaltação.

Olavo pensa que me assusta é?

— Pode parar de gritaria. O que você está pensando? Comigo você não levanta a voz - digo, com minha voz saindo dura.

— Ele quer você! - rosna e eu estreito os olhos.

— Não, ele não quer. Você fala isso de todos meus amigos.

— Você não precisa de amigos. Eu sou tudo que você precisa.

Suspiro, quando a fúria sobe por meu corpo. Não faz uma semana que a gente teve essa mesma conversa. Eu não posso nem imaginar que ele ainda vai continuar com o mesmo discurso sendo que ele prometeu que não iria mais repetir isso... ele prometeu.

— Olavo, não vou falar novamente sobre isso com você! - digo, me virando a olhando para a janela do carro. Vejo que uma ambulância chega e estaciona em frente a porta de entrada.

— Você se sente atraída por ele? - pergunta e eu me viro de uma vez na sua direção.

— Você está enlouquecendo, só pode! Você está louco! Precisa de tratamento!

— Me responde – rosna de volta, com seus olhos injetados de fúria.

— Já falei para você não falar dessa forma comigo. Fale direito – falo, com uma calma que eu não sei de onde diabos tirei daqui de dentro de mim, o encarando com raiva.

Ele suspira, passando sua mão por seu rosto.

— Me responde, por favor.

— Não sinto nada por ele, amo meu marido, sabe? Só sinto atração por ele, inferno!

Ele aperta o volante, balançando sua cabeça afirmativamente e resolve ficar calado.

Que bom, para o próprio bem dele.

Quem ele pensa que é? Pensa que pode me proibir de falar com meus amigos? Está redondamente enganado se pensa isso.

— Amor, me...

— Não quero ouvir, Olavo. Fica caladinho – digo, sem o olhar e ele o faz.

Todo o nosso trajeto até a nossa casa, fomos em total silêncio. Ele estava focado no trânsito e eu, focada em não fazer um escândalo dentro desse carro. Assim que ele desliga o carro na garagem de nossa casa, eu desço.

Olavo tem esse dom de fazer com que eu fale algo que não quero. Impressionante. Deixo minha bolsa e chaves no sofá da sala e vou para a cozinha. Bebo um copo de água, tentando me acalmar, mas ao que bem parece, não consigo essa dádiva de imediato.

Resolvo fazer um chá de hortelã, para me distrair um pouco e quando está pronto, coloco em uma xícara e o bebo devagar. Sinto que Olavo está atrás de mim. Posso sentir, não só pelo seu cheiro, mas também por sua energia. É inconfundível. Ele rodeia minha cintura com seus braços e cheira meu pescoço.

— Desculpa, sei que exagerei - fala, no meu ouvido.

Vou fazê-lo pagar por essa raiva toda que me fez passar.

— Vai para o quarto - digo, com minha atenção ainda em meu chá.

— Amor...

— Faça o que estou falando.

Ele me solta e se afasta.

— Tudo bem.

Quando olho para trás, vejo que se afasta assim como eu o pedi, o que me faz sorrir.

*Não vai mais duvidar de mim, irei me certificar disso.*

Tomo meu chá calmamente e quando acabo de tomá-lo, vou para o quarto. Entro e o vejo em pé olhando para a parede. Assim que me vê na porta, sorri. Ele sabe o que eu quero, mas não sabe o que pretendo.

Caminho até ele, aproximando-me devagar.

— Você irá se submeter a mim esta noite – digo, o empurrando de modo que ele fique entre mim e a parede.

Seu sorriso aumenta.

— Gostei da ideia. Vai me algemar e me bater com um chicote? - pergunta, arqueando a sobrancelha.

Fico mais próxima dele, de modo que posso sentir sua ereção em minha barriga.

— Você está merecendo uma surra sim, mas não irei fazer isso. Vou te amarrar - e, então, o beijo. Deixando transbordar todo o amor e desejo que tenho dentro de mim e que é somente dele.

Ele puxa meu cabelo para trás, inclinando minha cabeça e distribui vários beijos no meu pescoço, me deixando com um puta tesão.

Tendo que tomar o controle da situação, puxo sua cabeça para trás, o fazendo se separar de mim.

— Tira toda a sua roupa e deita na cama com as mãos acima da cabeça - digo, com minha voz em um sussurro, que ele acompanha com a boca entreaberta e os olhos semifechados. Sorri, se afastando o suficiente para fazer o que eu digo, para depois deitar na nossa cama, com um olhar intenso e um sorriso... aquele sorriso que me tira completamente do eixo.

Subo em cima dele, deixando cada pé de um lado do seu corpo e, lentamente começo a tirar minhas roupas, com seus olhos acompanhando cada movimento meu. Ele morde os lábios e traz uma de suas mãos até minha perna, alisando-a.

— Você não pode me tocar... Se me tocar novamente não te deixarei gozar - arregala os olhos, surpreso, e tira as mãos rapidamente de mim.

Quando acabo de tirar toda a minha roupa, sento em cima da sua barriga, vendo que ele puxa uma longa respiração audível. Espero que fique bem louco essa noite. Passo minha unha lentamente desde seu lábio até onde estou sentada, tendo o prazer de escutar o seu suave gemido.

— Você está me matando. É impossível não te tocar - diz, encarando meus seios, fazendo-me sorrir. Levanto-me de cima dele e vou até a cômoda que fica ao lado da nossa cama e dela, retiro as algemas que comprei mês passado, com o pensamento nessa cena mesmo.

Há alguns dias, eu li uma trilogia chamada 50 tons de cinza e, por Deus, eu fiquei completamente louca para reproduzir algumas coisinhas que li. Foi impossível que eu não entrasse em uma lojinha de sex shop, quando me deparei com uma e, fui em busca de alguns apetrechos... como as algemas.

Com meu olhar no seu, pego suas duas mãos, juntando-as acima da sua cabeça e o algemo na grade da nossa cama sob seu intenso olhar no meu corpo, o que me faz sorrir lentamente.

— O que você está fazendo comigo? - ele pergunta, mas não respondo. Passo uma perna por seu corpo de modo que fico novamente montada em seu abdômen e me esfrego nele, fazendo-o gemer.

Começo a distribuir beijos em seu peito, descendo por sua barriga e, quando chego a sua virilha, pego seu membro e aproximo minha boca do mesmo, alternando meu ato entre lambidas e chupões desde a base até a ponta. Olavo puxa suas mãos que estão presas nas algemas com força, fazendo a grade ranger e o meu coração bater ainda mais forte.

— Puta que pariu, você vai me matar! - fala ofegante, em meios aos gemidos. Seu pau fica cada vez mais duro na minha boca, deixando-me mais louca que jamais poderia estar. Coloco a ponta de seu sexo dentro da minha boca e o chupo.

Ele geme mais alto, empolgando-me para continuar.

O tiro da minha boca e o coloco novamente, só que desta vez mais fundo, ele eleva seu quadril, fazendo com que seu pau vá mais fundo na minha garganta. Tiro ele da minha boca e olho para o seu rosto.

— Nunca mais duvide de mim – digo e ele acena positivamente, quase que instantaneamente.  
— Não se mexa e mantenha seus olhos em mim.

Ele sorri, encarando-me com adoração. Ah sim, meu amado marido... continue me olhando assim mesmo, que eu me apaixono ainda mais por você!

— Minha atenção é toda sua, minha safada! - morde o lábio inferior e eu puxo mais um pouco da minha respiração, tendo que me controlar para não montar em seu quadril de uma vez e assaltar a sua boca com os meus lábios. Coloco seu pau novamente em minha boca, o chupando por inteiro e fazendo pressão.

Aumento meus movimentos alternando entre masturbá-lo a chupá-lo. Sua respiração aumenta, seus gemidos ficam mais altos e...

— Vou gozar! - grita. Tiro seu sexo da minha boca e o encaro.

— Não goze agora, só quando eu mandar! - ordeno. Monto em seu quadril e deslizo seu pau para dentro da minha boceta encharcada de excitação e tesão.

Levo minha mão até meu clitóris e começo a fazer movimentos circulares rápidos, fazendo-me gemer com a intensidade do prazer que sinto, com o misto da sua espessura dentro de mim e com a minha fricção no meu clitóris, dando-me uma combinação perfeita de prazer e intensidades.

— Goza!

Ele geme e quando tudo parece perder o sentido, quando meus sentidos já não estão na ordem mais perfeita e um sentimento de prazer extremo, toma o meu corpo, eu gozo, sentindo seu jato quente aqui dentro de mim.

Minha respiração está acelerada, assim como o meu coração que bate desenfreado dentro do meu peito, enquanto sinto o mesmo dele. Respiro fundo e com minhas forças ainda dispersas do meu corpo, inclino-me o suficiente para soltar seus braços da algema. Suas mãos voam para a minha cintura, para logo em seguida, ele me pressiona contra o colchão, virando nossos corpos, de forma que ele fique em cima de mim e eu, deitada contra a cama.

— Uau. Isso foi...

— Fantástico, eu sei – digo, sorrindo.

— Me desculpa por ter falado daquela forma com você - diz, aproximando seus lábios dos meus, para me beijar. — Te amo muito e tenho medo de te perder... só não sei controlar, sabe? É demais para mim ver essas coisas. Eu não gosto, mas eu sei que não posso ficar te proibindo. Eu sei, amor.

— Você tem que entender, que o amor que sinto por você é completamente diferente de uma amizade que eu tenha. Nós já conversamos sobre isso - falo, descendo meu olhar para a sua tatuagem que fica bem ao meu alcance.

— Eu sei, amor, mas eu piro quando vejo algum cara perto de você - fala, inclinando-se para beijar os meus lábios suavemente.

— Não quero mais falar disso. Vamos descansar, ainda vamos para a academia.

Suspiro, quando ele sorri, descansando sua testa contra a minha.

Essa trilogia 50 tons de cinza, com toda a certeza do mundo é uma das melhores de todo o mundo. Hoje, eu me senti o Christian Grey... e que experiência. Preciso ter em mente repetir por mais vezes.



## Capítulo 9

MICHELLE PEIXOTO

**S**ÁBADO! Hoje é sábado, dia de que? De que? Faxina, isso mesmo. Você não leu errado. Eu disse *Faxina*.

Trabalho a semana inteira e no sábado, acordo cedo para fazer faxina, lavar roupas, fazer compras... adoro minha vida de casada, dona de casa, mas hoje eu realmente estou muito cansada.

Trabalhei muito essa semana e agora só queria dormir e descansar.

Meu marido está dormindo lindamente ao meu lado e a minha vontade é acordá-lo do jeito que ele gosta, mas não irei fazer isso hoje. Desde a semana passada que não limpo minha casa e, sendo bem sincera ela está imunda, um horror completo, de fazer vergonha.

As louças sujas divididas entre a pia, a sala e inclusive o quarto...

Oh meu deus, um monte de roupa suja para lavar, a garagem suja, a sala desarrumada, os banheiros precisando serem lavados...

Enfim, estou cheia de serviço e, é impossível que a preguiça surja no meu corpo inteiro.

Eu deveria ser rica para ter um monte de empregados ao meu dispor... na verdade, não sei se isso me deixaria realmente feliz. Não sou uma pessoa viciada em dinheiro. Para mim, só preciso de dinheiro suficiente para pagar minhas contas e comprar o que eu precisar. Apenas.

Suspiro, dando-me conta dos pensamentos sem coerência, que estou tendo e que poderiam estar sendo ocupados por mais ação.

Mesmo contra minha vontade, levanto da minha cama sem fazer muito barulho para não acordar meu lindo marido, que dorme relaxado demais na nossa cama. Odeio bagunça, por isso me levanto tão cedo para limpar e arrumar tudo. Vou para meu guarda-roupas, pego uma camiseta, uma cueca box do meu marido, os visto e saio do quarto, fechando a porta, logo em seguida.

*Hora da faxina.*

Vou para a sala e ligo o som. Coloco meu pen drive que estava em cima da cômoda e o insiro no som. Gosto de fazer minha faxina ouvindo músicas alegres. E é exatamente o que eu

faço. Logo *Shot me down* de *David Gueta feat Skylar Grey* começa a tocar, fazendo-me bem melhor agora e um pouco mais revigorada. Aumento o som, sentindo-o invadir os meus sentidos e ajudar-me a começar tudo que eu tenho de fazer.

Resolvo começar pelas louças, por serem menores e de menor trabalho, então pego as louças que estão jogadas pelo chão da sala, em cima da mesinha de centro e as levo para a cozinha, onde trato de as lavar, para logo em seguida enxugar e as coloco novamente em seus devidos lugares. Suspiro, ao olhar para a cozinha toda suja, parecendo que há dias não é limpa, o que realmente é verdade. Acho que o melhor a ser feito é lavá-la. Não tenho paciência para só passar o pano, porque no final, ela vai continuar suja e não completamente limpa como se eu a tivesse lavado.

Levanto as cadeiras da mesa da cozinha, as colocando em cima da mesma. E quando acabo, vou para a lavanderia para pegar uma vassoura, um balde, sabão e uma escova. Volto para a sala, coloco a mesinha de centro em cima do sofá e os arrasto para a garagem.

Danny Ocean com Dembow começa a tocar e eu já estou me remexendo, enquanto continuo a tentar arrastar o sofá pela porta da sala, mas nada que um bom jeitinho de Michelle que não o faça passar. Rebolando e mexendo meus ombros, pego a mangueira na garagem e a coloco na torneira, para que eu arrastá-la pela sala inteira, quando a tenho inteira onde quero, eu a ligo. Molho toda a sala, o corredor que interliga o quarto à cozinha e a própria cozinha. Jogo sabão em pó da cozinha até a sala e pego a vassoura, para que eu possa esfregar toda a cozinha, fazendo espuma.

Quando estou chegando no corredor, Olavo abre a porta do quarto e sai, usando apenas uma cueca box preta e o rosto amassado, mostrando que acordou agora. Tão delicioso... amo suas tatuagens, ainda mais quando as tenho sob a minha vista. Principalmente a tatuagem de uma cobra que ele tem no peito. Essa tatuagem preenche do seu peito até sua barriga e é linda.

Amo muito esse homem. Meu homem, meu marido, meu gostoso, minha paz, meu tormento, meu tudo. Só meu e todo meu.

Isso pareceu tão possessivo... Não me importo, ele é meu mesmo. Falo o quanto eu quiser.

*Somente meu.*

— Por que está me olhando desse jeito? Parece que quer me comer - fala, sorrindo e me contagia, como sempre.

— Parece? - pergunto, mordendo o lábio inferior.

— Sim - responde, com a sua voz rouca.

— Eu quero mesmo te comer, mas infelizmente só mais tarde. Agora tenho que acabar minha faxina - digo, fazendo biquinho e ele sorri.

Amo seu sorriso.

— Não gosto de ver minha mulher passando vontade, então vou te ajudar - fala, caminhando até mim, fazendo-me sorrir.

— Cuidado, está tudo escorregadio - falo, quando vejo ele andando como se não tivesse nenhum sabão no chão.

— Eu sei, mulher - fala e se segura na parede.

— Parece que não. Está andando despreocupado. Pode acabar caindo, seu louco - falo, o encarando e ele ri.

— Amor, não vou cair - diz, parando na minha frente.

Coloca a mão na minha nuca e me puxa em sua direção. Morde meu lábio inferior e me beija, logo em seguida. O melhor de todos os tempos, o primeiro do dia... Gemo em sua boca, quando ele aumenta o aperto em meu cabelo e intensifica nosso beijo. Gosto disso, gosto muito.

Se separa de minha boca e sorri.

— Vou te ajudar agora - diz, caminhando para longe de mim. Vai para a lavanderia e volta de lá com uma vassoura nas mãos.

Meu lindo marido de cueca box e limpando a casa. Isso é algo bonito de se ver. Muito lindo mesmo.

— Vai para a sala, que eu acabo de esfregar aqui no corredor - digo e ele acena, sorrindo indo para a sala. Tira a música que estava tocando e coloca *Pégate* de *Ricky Martin*.

Sorrio.

Ele começa a esfregar o chão e eu o sigo.

Pouco tempo depois, acabo de esfregar o chão do corredor e vou ver meu marido na sala, esse que já acabou de esfregar a sua parte. O encontro encostado na parede, olhando uma foto nossa no dia de nosso casamento. Estávamos ambos super felizes. Sorrindo de orelha a orelha e completamente realizados.

— Você pode ligar a mangueira para mim? - pergunto, o assustando.

— Claro, meu amor - diz, se afastando da parede e deixando o porta-retratos em cima da cômoda.

Ele vai até a garagem e logo, a mangueira é aberta, liberando água no chão cheio de espuma. Pego a mangueira e começo a tirar o sabão de dentro da casa. Sei que dessa forma gasta muita água, mas só temos um balde.

Suspiro, vendo que Olavo fica na porta apenas me observando.

— Você fica tão linda dessa forma - diz, olhando-me dos pés a cabeça.

— Você só pode estar me zoando – digo, o encarando sem um pinga de humor, mas ele está sério.

— Não estou. Falo sério. Você está linda usando minha cueca – diz, sorrindo.

Esse bobo está me zoando. Sorrio, mostrando meu dedo do meio para ele, o fazendo sorrir ainda mais, o que só me faz revirar os olhos.

Quando acabo de tirar o sabão da sala, vou para a lavanderia e pego um rodo. Levo para a sala e o entrego para Olavo, para que ele se ocupe com algo que não seja tirar minha atenção do meu serviço.

— Tire a água e enxugue, quando acabar aqui vá me ajudar na cozinha - digo e ele sorri.

— Que mulher mais mandona fui arrumar.

Enlaça minha cintura com o seu braço e me agarra, trazendo seus lábios para os meus, beijando-me com certa urgência e carinho. Sorrio contra sua boca.

— A mulher perfeita para você.

Ele ri.

— Não tenho dúvidas disso.

Ao se afastar de mim, deposita um tapa na minha bunda, fazendo-me sorrir.

Delícia.



— Estou exausta!

Sentando-me no chão da sala já seco, quando não aguento mais fazer mais nada. Tirei toda a água da cozinha e do corredor, logo em seguida sequei com um pano, lavei os dois banheiros, varri meu quarto e passei um pano, arrumei o guarda-roupas que estava uma bagunça, coloquei as roupas sujas na máquina de lavar... Estou morta, cansada e arriada.

O pior de tudo é que ainda falta lavar as roupas que não podem ser misturadas na máquina de lavar, colocá-las no varal, lavar a garagem, lavar os carros, varrer a calçada da frente, colocar o lixo para fora... Meu Deus.

Mais cedo, Olavo me deixou aqui e foi buscar o meu carro na oficina, já que não tivemos tempo ontem para isso. Poucos minutos depois ele chegou e eu quase chorei, ao vê-lo sujo de graxa e mais graxa e mais sujeira. Não posso com isso. A preguiça misturada com o cansaço me consome. Oh senhor, acho que vou morrer.

Dramática? Eu? Sim, só um pouco.

Começo a sorrir dos meus pensamentos nada coerentes, assim mesmo do nada, recebendo um olhar de Olavo que comprova o quanto sou louca.

— Por que está rindo? - pergunta, aproximando-se e se sentando ao meu lado.

— Estou tão cansada, que acho que vou ter um infarto - digo, o olhando e ele ri.

— Mulher dramática.

Deita com a cabeça em cima da minha barriga e eu suspiro aliviada com a sua aproximação. Amo ficar o mais perto possível que eu puder dele.

— Amor, ainda tem tanta coisa para fazer - digo, fazendo biquinho. Ele sorri e levanta do chão, estendendo a mão para que eu levante junto.

— Vamos terminar logo, amor.

Suspiro, sacudindo minha cabeça.

Que Deus me ajude, amém!



Enfim, acabamos!

Agora vou ter um pouco de sossego, que felicidade!

Sou capaz de dançar aqui e agora.

Mentira, não sou capaz de fazer nada agora.

Vendo o quanto estou impossibilitada de me mover, Olavo me ajuda a levantar do chão da cozinha, onde me estendi depois de terminar de arrumar tudo e me conduz até o banheiro. Ele tira minhas roupas lentamente e as joga em algum canto do banheiro, que eu não sei muito bem dizer, porque estou focada em apenas ficar quieta, enquanto ele faz tudo.

Suspiro.

Sou incapaz de falar alguma palavra.

*Exausta.* Essa palavra me define no momento.

Meu lindo, atencioso, gostoso e carinhoso marido liga o chuveiro e me coloca debaixo do mesmo e eu não posso impedir o suspiro de alívio que rompe os meus lábios. É como se parte do meu cansaço fosse junto com a água que escorre por meu corpo e eu sinto como se pudesse

dormir aqui até o próximo dia ou até o próximo ano, sem ao menos me importar com mais nada. Olavo ensaboia meu corpo com sabonete e tira em seguida, sem segundas intenções, o que eu agradeço silenciosamente, porque eu juro que não tenho coragem de fazer uma insinuação safada nesse momento.

Quando acaba de me banhar, enrola uma toalha ao redor do meu corpo e me conduz para o quarto, mantendo um aperto suave e carinhoso, o que me faz suspirar ainda mais apaixonada.

— Senta na cama e me espere – diz, me olhando nos olhos. Não sou capaz de me levantar dessa cama agora, nem que eu fosse forçada. Ele entra novamente no banheiro e eu me deito na cama, fechando os olhos, logo em seguida.

Estou muito cansada. Minha semana de trabalho foi super corrida e eu não consigo fazer mais nada. Entre trabalhar, almoçar com meu marido e ir para a academia não tenho mais saído para nenhum outro lugar. Nenhum programa de casal com meu marido e eu sinto falta disso, muita falta.

Parece que Olavo não se importa muito com isso. Será se ele não tem vontade de sair comigo? Será se ele tem vergonha de mim? Será se ele não me ama mais? Será se ele não tem interesse em mim?

Esse pensamento me deixa doente. Não consigo me imaginar longe dele. Não sei o que seria de mim, se ele perdesse o interesse por mim... Lágrimas de aflição e desespero caem dos meus olhos. Estou completamente desenfreada e eu não consigo controlá-las.

Olavo volta para o quarto e quando me vê chorando, anda rapidamente na minha direção.

— O que aconteceu? – pergunta, com preocupação clara nos seus olhos, em cada exploração por meu rosto.

— Nada – digo, fungando.

—Você está sentindo alguma dor?

— Não.

— Algo está fora do lugar?

— Não.

— Você está com fome?

— Sim.

Ele ri, balançando sua cabeça.

— É por isso que está chorando? – pergunta, inclinando-se na direção da minha boca.

— Não.

Seus lábios se aproximam do meu rosto e, então, ele deposita um beijo carinhoso e que eu até considero fofo.

— Me diz o que aconteceu.

— Você perdeu o interesse por mim – falo, com minha voz quebrando em um choro mais cansado que tudo nesse mundo, fazendo-o arregalar os olhos.

— De onde você tirou isso?

— Vo... Vo... Você não me leva mais para sair com você – gaguejo, fungando.

— Meu Deus, Michelle. Nem eu sei o porquê.

Ele leva a sua mão para o cabelo e o coça, parecendo um pouco confuso.

— Mas eu sei. Você não me ama mais – digo, afundando meu rosto no colchão.

Meu coração dói, meu cérebro parece que vai explodir e eu só quero morrer afundada nesse colchão eternamente.

— Michelle, você é meu tudo. Eu te amo mais que qualquer pessoa nessa vida. Pelo amor de Deus. Você não pode duvidar do meu amor. Isso não. Nunca te dei motivos para isso! – fala, encarando-me magoado.

Suspiro, apreciando suas palavras.

É tão bom escutar isso.

— Eu também te amo.

Levanto-me um pouco e puxo sua cabeça para perto da minha, para que assim eu possa beijá-lo, expulsando para bem longe toda a dor do meu peito.

— Acho que você está muito sobrecarregada e precisa descansar – diz, distribuindo beijos de meu rosto até meu pescoço.

Sorrio.

— Vamos assistir algum filme na sala?

Ele sorri, concordando.

— Vai escolhendo o filme que vou preparar algo para a gente comer.

Levantando da cama, ele ainda me olha novamente, dando-me uma nova conferida, para logo em seguida sorrir e sair do quarto, indo em direção a cozinha.

Levanto-me da cama e visto uma camisola azul, curtinha e de seda. Pego algumas almofadas,

um lençol e um edredom de dentro do guarda-roupa e os levo para a sala, para que fiquemos bastante confortáveis, enquanto assistimos o filme em questão. Tiro a mesinha de centro do meio e a coloco atrás da porta, para que fiquemos com muito espaço a nossa disposição. Estendo o lençol no chão, ajeito as almofadas em cima do lençol e coloco o edredom em cima.

Em meio aos diversos filmes, escolho *cinquenta tons de cinza* para a gente assistir. Comprei o filme há alguns dias e ainda não o assisti, mesmo que eu já saiba a história, por ter lido a trilogia completa, tenho uma enorme vontade de assistir o filme. Momento perfeito para isso é agora.

Alguns minutos depois, Olavo aparece na sala usando apenas cueca e segurando uma bandeja com sanduíches e copos de sucos. Comemos sentados de olho na tv, enquanto o filme estava passando. Quando acabamos, colocamos a bandeja de lado. Olavo liga o ventilador e nos deitamos. Eu coloco minha cabeça em seu peito e ele nos cobre com o edredom.

Isso é tão bom. Sinto-me super bem agora...

Ele começa a fazer cafuné na minha cabeça e logo sinto minhas pálpebras ficarem pesadas. Adormeço nos seus braços... Nos braços do homem da minha vida.



## Capítulo 10

OLAVO PEIXOTO

**M**ichelle... Minha esposa, minha mulher, minha vida...

Essa mulher vai acabar me deixando maluco. Está deitada ao meu lado, com a cabeça em cima de meu peito, dormindo lindamente. Oh meu Deus... A cada dia que se passa, a amo mais e mais. Não sei como ela tem a coragem de duvidar do meu amor. Faço tudo por essa mulher e ela duvida que o que existe no meu peito seja verdadeiro. Talvez eu devesse levá-la para sair com mais frequência.

Eu a entendo muito, mas eu sou um homem que não gosta de sair. Prefiro ficar em casa com minha mulher, tendo-a só para mim. Gosto da sua atenção toda para mim, mas vou fazer um esforço. Por ela faço qualquer coisa.

Pego meu celular e mando uma mensagem para Kino, meu amigo de todas as embates.

"Vamos fazer um programa de casal amanhã?" – envio e dois minutos depois, ele responde.

"Vamos sim, *pow*. Para onde você está pensando em ir?"

"Cinema, pizzeria ou um barzinho. O que você acha?"

"Vamos ao Cinema e depois a um Bar."

"Combinado. Seis horas, passo aí para pegar vocês."

"Ok."

Pronto, vamos sair amanhã. Michelle se remexe ao meu lado, colocando a perna em cima do meu pau. Essa peste, até dormindo me provoca. Tento relaxar e assistir ao filme que ela colocou, mas não consigo. Estou duro e precisando dela, mas tenho que me controlar. Minha diaba está muito cansada e pelo que estou percebendo só acorda amanhã.

Sorrio.

Algumas horas depois, o cansaço me abate e logo estou dormindo junto a ela.



Acordo com o cheiro de ovo sendo frito. Ao me virar para o lado, vejo que Michelle não está mais deitada ao meu lado. Espreguiço-me e levanto, indo atrás do meu pedaço de tentação. Vou para a cozinha atrás dela, quando chego lá a encontro fritando ovos e fazendo suco. Ela fica tão sexy dessa forma... Está em pé, com sua perna esquerda contra a esquerda, enquanto sua camisola fica pendendo na sua bunda. Uma visão de se apreciar lambendo os lábios. Tão linda e tão minha.

Só minha.

Mulher para me deixar louco em todos os sentidos. Minha vontade é de rasgar essa camisola e fazê-la minha incontáveis vezes em cima dessa mesa. Caralho! Esse pensamento me deixa duro.

— Acordou cedo, amor - fala, sorrindo lindamente para mim.

E sem conseguir não a corresponder, porque parece que ela é a coisa mais contagiante da existência inteira, apenas sorrio de volta.

— Senti sua falta - falo e me sento à mesa.

— Acordei cedo para fazer nosso café da manhã, já que ontem só comemos sanduíche.

Sorrio, balançando minha cabeça.

— Estou com fome – digo, sorrindo.

— Eu já imaginava isso.

Caminha até mim e, ao se baixar, traz seus lábios para os meus e me beija. Sua boca está com gosto de morango... o melhor gosto de todos os tempos. O gosto de Michelle. Gosto disso.

— Hum... Morango – digo, mordendo seu lábio inferior.

— Temos que ir ao supermercado – diz, se separando de mim e voltando para o fogão.

Diaba!

— Certo, iremos. Mais alguma coisa? – pergunto, recostando-me à cadeira.

— Sim, quero adotar um gatinho – fala, me olhando.

Algo que me deixa completamente perdido as vezes, são essas suas loucas vontades repentinas. Ninguém nem ao menos imagina que ela está pensando em algo tipo, quando de repente ela aparece e pah! Joga bem na minha cara a surpresa.

— Certo, adotaremos. Algo mais? – pergunto, olhando-a, vendo que sorri.

— Te amo.

Levanto-me, já não conseguindo ficar quieto somente a encarando e rodeio sua cintura com meus braços, a abraçando com ternura e amor. Aproximo minha boca do seu ombro cheiroso e a beijo.

— Também te amo.



Depois que acabamos de tomar nosso café, tomamos banho juntos em meio a muitas carícias e provocações, mas, infelizmente, ficou apenas nisso. Quando acabamos, nos arrumamos e fomos diretamente para o supermercado.

Michelle vestiu um short super curto, que mal cobre sua bunda. Meu Deus, que bunda. Porra, nem ousa abrir minha boca para falar algo sobre isso. Nós estamos tão bem... Não quero brigar.

Enquanto ela vai pegando tudo que está em sua lista, eu a observo sem conseguir tirar mais os olhos de cima dela. A mulher só fica mais gostosa a cada dia que se passa. Não posso fazer nada.

Queria estar em casa com ela, fodendo, amando e a adorando. Porra, isso é uma tortura. Essa mulher vai me enlouquecer...

— Olavo, estou falando com você - fala, na minha frente com as duas mãos na cintura.

Gostosa!

— Desculpa, o que você disse?

— Pare de olhar para aquela mulher - rosna e com surpresa banhando meu ser, arregalo meus olhos.

— Que mulher? - pergunto, com a mais pura confusão dentro de mim.

Meu Deus, eu estava olhando para ela. Eu só tenho olhos para ela...

— Aquela ridícula da saia curta rosa. Eu estou vendo, seu idiota - rosna, apontando o dedo para mim.

— Está louca? – pergunto, estreitando os olhos.

— Louca é tua madrinha. Tire o olho dela, idiota - se vira e sai pisando duro em direção ao outro corredor.

Suspiro, sem conseguir entender o que está se passando aqui e agora com esta mulher. Qualquer um que passasse aqui agora, veria o quanto minha atenção está mais que focado somente nela. Não tenho mais nem o que pensar e falar. Essa mulher está enlouquecendo, meu Deus. Eu não estava olhando para mulher nenhuma.

E ainda ofende minha madrinha, coitada, que nem viva está mais para se defender das acusações de Michelle.

Com esse misto de humor, eu só posso imaginar que ela está com uma TPM pesada demais, porque essas crises só costumam acontecer, quando ela está nesses dias.

A sigo para onde ela vai, vendo-a encher o carrinho de compras a cada corredor que passamos. Quando parece que ela acabou de pegar tudo, eis que ela me surge com mais coisas e mais coisas, deixando o carrinho mais que cheio. Deve bem pensar que sou rico demais para pagar tudo isso, meu Deus. Mas eu não entendo... não consigo compreender, o motivo de tantos produtos de cabelo e limpeza. Nossa despensa nem está tão vazia assim, para que ela pegue praticamente o supermercado inteiro e coloque no carrinho.

Suspiro, parando o carro no caixa, que pela graça divina, só tem uma pessoa na nossa frente, o que venho até a considerar um enorme milagre. Geralmente esse supermercado é lotado de gente.

Michelle fica ao meu lado, encarando a mulher que disse que eu estava olhando com uma cara muito feia. Coloca braço em volta de minha cintura e me aperta. O que está acontecendo? Minha nossa, essa mulher é louca. Só pode.

Ela não percebe que eu só tenho olhos para ela? Que nenhuma outra mulher me interessa? Eu a amo.

Somente ela.

Não sei de onde tira tanta insegurança. Não gosto que ela se sinta insegura. Não tem motivo, porra! Não dou um motivo.

Viro o rosto dela em minha direção e sorrio, aproximando meus lábios do dela, para que eu possa beijar o canto de sua boca. Ela me encara e puxa minha cabeça para mais perto da sua, aprofundando o beijo. Porra, que gostoso! Ela só pode estar querendo me enlouquecer. Quando se separa de mim, está exibindo um lindo sorriso.

É, se for para ver essa beldade nos seus lábios sempre, então, devo anotar na minha mente, que preciso estar beijando-a sempre em lugares públicos.

— Por que você está fazendo isso? – sussurro contra sua boca.

Porra, meu pau está duro. O que eu posso fazer? Poderia rasgar suas roupas e fodê-la aqui mesmo. Só não faço isso, porque teria testemunhas e não quero que nenhum outro homem veja minha mulher nua. Em hipótese nenhuma. Ela é minha. Somente eu posso vê-la assim.

— Ela fica te encarando – fala, me olhando séria.

— Foda-se. Eu estou cagando para essa mulher. Pare de loucura. Só quero te ter – sussurro, aproximando meus lábios do seu ouvido e ela sorri.

— Bom saber disso – diz e esfrega sua barriga contra a minha virilha.

Eu não disse? Ela vai me enlouquecer!

— Não faz isso – gemo, no ouvido dela e a safada sorri.

Amo esse sorriso.

— Não olhe para ela – diz baixinho.

— Amor, não estou olhando, juro. Só quero você. Por que não entende? Eu te amo. Quer que eu grite aqui no meio desse supermercado? – pergunto, olhando em seus olhos.

Sei que ela quer.

— Você nunca fez uma loucura de amor por mim – fala, olhando para o meu peito. Meu Deus! É disso que ela precisa?

Olho nos seus olhos e, reunindo toda a bagagem que tenho para ela, eu grito.

— TE AMO, MICHELLE PEIXOTO! – abro meus braços, afastando-me dois passos para trás. — VOCÊ É A MULHER DA MINHA VIDA!

— Também te amo! - diz, pulando na minha cintura e, com um enorme sorriso nos seus lábios, me beija. Puxa meu cabelo, passa as unhas em minhas costas por cima da camisa e morde meu lábio inferior, fazendo-me gemer.

"Own, que fofos!"

"Lindos!"

"Queria um homem assim na minha vida."

"Casal lindo."

Ouçó as pessoas falando ao nosso redor, enquanto o sorriso está brilhando nos seus lábios. Se for para vê-la assim, feliz e realizada, talvez o melhor a ser feito sempre é dar a ela essas demonstrações de amor. Já que é delas que ela gosta e precisa.

Ela se separa da minha boca e sorri, descendo da minha cintura e fica em pé. Não deixo que ela se separe de mim, se ela se afastar um pouco, irão notar meu pau duro.

Porra, essa mulher me deixa louco, mas eu nunca faria nada diferente.



Estaciono meu carro na garagem da minha casa, depois que passamos nossas infinidades de coisas no caixa, ainda com as provocações evidentes para todos, de Michelle para comigo. Ela não estava se importando muito se iriam ou não, ver o que ela estava fazendo e eu, para ser bem sincero, também não estava, a julgar que ela estava feliz e se sentindo a melhor coisa do universo. Vamos concordar... ela é a melhor coisa do universo inteiro.

Michelle desce do carro e eu desço logo em seguida. Ela vai abrir a porta de entrada, mas puxo seu braço, trazendo seu corpo para junto do meu. Coloco minha mão em sua nuca e puxo sua cabeça para junto da minha, beijando-a apaixonadamente, sentindo que ela corresponde do mesmo jeito. Desço minha mão por seu corpo, até chegar a sua bunda e então, a aperto, trazendo-a para mais perto do meu corpo.

Ela geme em minha boca, deixando-me completamente descontrolado de paixão por dentro.

Assim que eu gosto.

— Te amo – diz, sem fôlego, quando se separa e eu assalto sua boca novamente. Aperto seu seio esquerdo com a outra mão que estava em seu cabelo e depois, repito o mesmo ato com o outro.

— Quero você – falo, rouco e ela sorri sensualmente.

Tiro sua blusa, desabotoo seu short, deixando-a linda de calcinha e sutiã, um show de beleza para os meus olhos. Ela está muito sexy.

Morde o lábio inferior e se aproxima mais do meu corpo. Ao colocar a mão na barra da minha camisa, ela a retira, jogando-a no chão da nossa garagem. Logo em seguida, distribui vários beijos no meu peito. Circula a língua no meu mamilo esquerdo, depois no direito, fazendo-me gemer de tesão.

Do tesão que ela provoca no meu corpo, no meu peito, no meu ser e na minha alma.

Gostosa, porra.

Coloca sua delicada mão na minha calça e desce o zíper, fazendo-me suspirar.

— Quero você dentro de mim, agora – diz, olhando no fundo dos meus olhos. Como eu nego uma exigência dessas? Jamais. Agarro-a e a encosto na parede.

Com a urgência tomando conta do meu corpo, desço rapidamente minha bermuda e cueca, libertando meu pau para possuí-la. Ao subir meu olhar para o seu, vejo que lambe os lábios, mas já não temos tempo para isso... não, porque as suas provocações, enquanto estávamos no supermercado, fez com que todo o meu interior queimasse para ela e, pelo que posso perceber, com ela não está muito diferente. Pego suas pernas e a encaixo na minha cintura.

Ela está tão linda assim.

Desejosa, cheia de tesão, gostosa, minha, somente minha.

Afasto sua calcinha e, o mais devagar que posso penetro meu pau na sua entrada molhada, quentinha e apertada, à minha espera.

Puxo seu cabelo, fazendo sua cabeça se inclinar para trás. Beijo, lambo, chupo seu pescoço, deixando minha marca. A marca que determina o quanto ela é minha.

Posso sentir cada cantinho do seu sexo ao redor do meu, fazendo-me suspirar e, então, sem conseguir controlar meus movimentos, começo a me movimentar dentro dela, recebendo seus baixos suspiros.

— Ai que gostoso - ela chia. — Mais rápido, mais rápido.

Seu pedido, para mim, é e sempre será uma ordem, então dou o que ela pede, fazendo-a gemer alto. Gosto dela assim, entregue para mim e para o nosso prazer. Desço minha cabeça para seus seios e os chupo, sentindo suas unhas arranhando minhas costas

— Gosta assim, safada? Gosta? – pergunto, socando mais forte.

— Sim – grita, jogando a cabeça para trás. — Assim, assim, assim. Meu gostoso, mete gostoso nessa bocetinha que é só tua - gemo.

Ela sabe que gosto quando ela fala assim, com a boca suja.

— Minha gostosa! – rosno, no seu ouvido, metendo mais rápido.

— Só sua, só sua. – fala, ofegante, fechando os olhos e jogando sua cabeça para trás. — Olavo! Olavo... - aperta meu pau com a boceta, fazendo-me ofegar. Porra! Porra! Porra! Estou perto... Sei que ela está perto também.

— Michelle, porra! Te amo! Te amo! Goza no meu pau, minha puta. Goza - digo, em seu ouvido e ela geme mais alto.

— Olavo! - chama por meu nome, gozando deliciosamente no meu pau. Não consigo segurar mais e gozo em seu interior.

Estamos os dois ofegantes contra a parede, depois de um dos nossos loucos momentos de amor. Meu Deus, isso foi bom, porra! Essa mulher ainda vai me matar.

— Intenso - ela diz, fazendo-me sorrir.

— Gostosa - digo, dando um tapa em sua bunda.

— Te amo – fala, passando as mãos carinhosamente por meu rosto.

— Também te amo muito - a beijo. — Amor, vamos ao cinema hoje - convido-a, vendo que ela arregala os olhos.

— Vamos? – pergunta, me olhando.

— Sim, você falou que não te levo para sair. Irei começar a fazer isso – digo, sorrindo.

— Obrigada.

Rodeia meu pescoço com seus braços, abraçando-me com um largo sorriso nos lábios.

Enquanto ela estiver com esse sorriso feliz nos lábios, estarei da mesma forma e fazendo de tudo para mantê-los ali.



— Michelle, essa calça... - me calo, pensando melhor.

Não vou falar, não quero brigar. Teremos um bom momento, um momento em que iremos curtir como um bom casal que somos e nada mais. Pronto, sem brigas.

— O que tem? – pergunta, descendo seu olhar para a calça.

— Não gosto dela - digo, incomodado.

— Eu gostei - se vira, observando-a no espelho, fazendo-me suspirar.

— Então, está tudo ótimo, amor.

Oh meu Deus, tenho certeza que hoje eu mato um.



# Capítulo 11

OLAVO PEIXOTO

**S**abia que não daria certo! Sabia! Por que essa mulher insiste tanto em me desafiar? Por quê, inferno!

E esses bandos de merdinhas? O que eles estão olhando tanto? Minha mulher não é nenhum objeto de decoração, para esses infelizes ficarem olhando!

Quando Michelle acabou de se arrumar, fomos pegar Kino e a namorada dele. Viemos por todo o caminho conversando, falamos do trabalho, da nossa vida de casados...

— Cara, você perdeu alguma coisa aqui? – pergunto, para o merda que está na outra fila, ao lado na nossa. Esse porra não tira o olho daqui, que bosta! Ele arregala os olhos e desvia o olhar. Bom, espero que não olhe mais, inferno.

Minha paciência está muito pouca, hoje.

A fila começa a andar e entregamos nosso ingresso para o garoto que está na porta. Reviro os olhos quando o cara olha para os peitos de Michelle. Agarro a cintura dela e a deixo bem coladinha ao meu corpo.

— Alguma coisa interessante no decote da minha mulher? - rosno.

O garoto fica vermelho como um tomate.

— Na... Na... Não se... senhor – gagueja, olhando para mim e eu arqueio minha sobrancelha.

Passo por ele e arrasto Michelle comigo. Kino bem atrás de nós, está sorrindo, como um grande idiota que é. Mereço mesmo tanta coisa em um dia só.

— Olavo, meu amigo, você deixou o pobre rapaz todo sem jeito – diz, sorrindo.

Lanço um olhar mortal a ele.

— Foda-se - digo, quando entramos na nossa sala. Vamos assistir *Deadpool*. Michelle e Amanda, insistiram muito para que nós pudéssemos assisti-lo.

Quando sentamos, Michelle me olha e sussurra em meu ouvido.

— O que foi isso?

— Vamos para aquele bar que ficar perto da minha casa – diz Amanda e Kino concorda.

Tomo a direção até lá e, alguns minutos depois, estaciono em uma vaga do outro lado da rua de onde fica o bar. Descemos do carro e caminhamos para a entrada do lugar. Escolhemos uma mesa perto da parede e nos sentamos.

— Gosto desse lugar – diz Amanda, sorrindo. Kino sorri, para ela. Andaram aprontando aqui... Percebi... O garçom vem até nós e pedimos uma Skol bem geladinha.

Ficamos um tempo assim. Bebendo, conversando, sorrindo... Um bom momento, com certeza. Percebi que tinha um cara olhando para Michelle e não, não estou ficando maluco, mas o cara está olhando muito. Nem tenta disfarçar e isso me deixa com raiva. O encaro com atenção, até que ele percebe e desvia seu olhar para outro lugar bem longe dela. Muito bom... aprovo.

Michelle coloca a mão na minha coxa e cheira meu pescoço. Delícia.

— Te desejo – diz e morde minha orelha, logo em seguida, fazendo com que uma série de arrepios suba por meu corpo.

Safada provocadora.

— Te quero – digo, no seu ouvido.

Ela sorri e morde o lábio, olhando descaradamente para mim, como se eu fosse seu doce preferido.

— Olá, pombinhos - Kino chama nossa atenção, sorrindo e balançando as mãos, como aqueles bonecos infláveis de postos de gasolina e borracharias.

— O que é, porra? – pergunto, irritado.

— Sem estresse, mano – fala, sorrindo. Michelle coloca a cabeça em meu pescoço e me cheira novamente. Porra, essa mulher me enlouquece! Gostosa! E só minha. Somente minha.

00:56

Estamos sentados à mesa, bebendo uma cerveja que está bem geladinha, uma delícia. Não mais gostosa que minha mulher ao meu lado, que passou a noite inteira me provocando, passando a mão na minha perna, subindo para a minha coxa e chegando em meu pau. Mulher safada!

Michelle não bebeu muito. Somente um copo de cerveja e depois ficou no refrigerante. Já eu, Kino e Amanda, bebemos muito. Acho que estou um pouco bêbado e sorrindo por tudo.

— Chega de beber, Olavo - Michelle fala, afastando o copo de mim.

— Amor, só mais essa – digo, a beijando no rosto.

Ela revira os olhos.

— Negativo, chega de cerveja – diz e derrama a cerveja que tinha no meu copo no chão.

Nunca, em toda a sua vida, faça isso. Nunca derrame a cerveja de um bêbado. É como ligar um botão da irritação no mesmo instante.

— Por que você fez isso? Está louca? – rosno, irritado.

Ela não tinha o direito de fazer isso. Ela é quem quis sair e agora, quando estou feliz e bebendo da minha cerveja gelada e gostosa, ela simplesmente a derrama, desperdiçando um líquido tão maravilhoso como esse. Poxa, aí eu fico devastado.

— Louca nada, Olavo. Você está dirigindo, lembra? Bebida misturada com volante... péssima combinação. Você sabe, eu sei e a torcida toda do flamengo também sabe, ou seja, hora de parar – diz, me fuzilando com os olhos.

Só o que me faltava, minha mulher me tratar como uma criança!

— Não sou uma criança, Michelle! – suspiro, encostando-me contra a cadeira.

Michelle arqueia a sobrancelha e me olha com descrença.

— Você sabe que está errado, Olavo – rosna, semicerrando seus olhos.

— Opa. Opa. Opa. Vamos acalmar os ânimos, pombinhos. Acho que poderíamos ir para casa - Kino fala, bebendo o que restou da sua cerveja.

— Não vou embora, agora. Ela queria sair comigo. Pois bem, não estamos em casa. Queria um programa fora de casa? Estamos fazendo um programa fora de casa. – falo, olhando para ela, que me devolve um olhar magoado como se o que eu tivesse falado ou a ofendido.

— Você não vai? Pois bem, eu vou – diz, se levantando. Pego em seu braço e a faço sentar na cadeira novamente.

— Vocês dois estão fazendo uma cena e todo mundo está olhando - fala Kino, nos encarando.

— Você não vai a lugar algum – digo, apertando seu braço, para mantê-la em seu devido lugar.

— Me larga, Olavo – ordena, entredentes, seu olhar demonstrando o quanto está com raiva.

— Não. Você veio comigo, vai voltar comigo – digo, com um sorriso e ela aperta o seu maxilar.

— Se você não me soltar agora, vou começar a gritar – fala, me encarando com fúria nos olhos.

— Vou te fazer gritar muito o MEU nome, quando chegarmos em casa.

Eu sei, eu sei o quão idiota foi esse meu comentário, mas poderia ela culpar um homem bêbado que precisa de só mais uma dose de cerveja? Com acréscimo de que, precisa dar calma a

sua esposa que parece bastante furiosa? Poderia ser condenado por isso? Eu acho que não.

— Idiota - rosna.

Se solta da minha mão e se vira para frente, tirando seu olhar do meu. Não me olha. Ficamos em silêncio por um tempo, com o clima tenso pairando sobre nós, enquanto que meus amigos tentam olhar para todos os lugares, menos para nós dois aqui, como bobos, brigando por uma besteira como essa.

— Vamos embora – digo, levantando-me, não querendo mais piorar minha situação.

Levanto minha mão, quando o garçom entra no meu campo de visão e chamo o garçom.

— Traga uma garrafa de *Jack Daniels*, por favor - ela pede para o garçom, fazendo com que eu a encare com uma careta.

Essa é a mulher mais bipolar do mundo inteiro, já nem tenho dúvidas.

— Não traga nada. Feche a conta - digo. Ele olha de mim para ela, parecendo confuso, mas eu não sei o porquê desse simples ato me enfurecer. — Olha para mim. Eu falei que quero a conta - rosno, vendo-o empalidecer, acenar concordando e depois sair.

Sento em minha cadeira para espera-lo voltar. Chega de vexames por hoje, pelo amor de Deus.

— O que você está fazendo? - minha mulher pergunta, virando seu olhar muito zangado na minha direção.

— Você me deixa louco de tesão assim.

Estou bêbado, já não faz sentido o que eu falo e faço, logo é justificável... ao menos agora, porque amanhã, quando acordarmos... estarei mais ferrado que todos os participantes do Big Brother Brasil, em dia de paredão.

Ela não diz nada, apenas me encara e encara e encara, até que, lentamente se levanta e se encaminha para longe de mim, indo em direção ao meu carro, que está do outro lado da rua. Talvez, beber não tenha sido minha melhor opção... talvez, da próxima vez que formos sair, eu não deva beber.

Suspiro e, seguindo seus passos, vou atrás dela.

— Amor...

— Você não ia pagar o garçom? - diz, se afastando ainda mais, a medida que o carro fica ainda mais próximo e a sua distância de mim, aumenta.

— Eu quero falar com você, antes.

— Vai pagar o garçom, quando estivermos em casa, conversaremos – ela suspira e eu me

resigno a apenas observá-la, vendo que não está apreciando muito da minha postura.

Nem eu estou, meu Deus. Nem eu...

— Não vou a lugar algum sem você ao meu lado – digo, tentando pegar em seu braço, para trazê-la para perto de mim, mas ela apenas se vira, ainda com o cenho fechado, demonstrando o quão séria está.

— Certo.

É a única coisa que essa mulher me diz e eu juro, juro por Deus, que uma série de arrepios subiu por meu corpo, por agora, estar comprovando o quão ferrado eu estou. Ela vai fazer da minha existência um inferno.

Eu a sigo, até que voltamos para a mesa e quando chegamos à mesma, ela se senta novamente e suspira, olhando para Kino e Amanda.

— Me desculpem por isso.

— Não precisa se desculpar, nós entendemos - Kino fala, sorrindo, parecendo compreensível demais para o meu gosto.

Semicerro os olhos, com o meu coração batendo ainda mais rápido dentro do meu peito.

— Guarda a porra desse sorriso para a tua mulher. Deixa a minha de fora.

O olhar que ele me devolve é o de “Você está falando sério, cara?” e isso me causa uma vontade de rir, mas que não o deixo sair. Só quero chegar em casa, deitar-me na minha cama e dormir muito.

— Bêbado - diz, ao se levantar. — Vamos, amor.

Pega a mão de Amanda e a leva em direção ao meu o carro.

— Você está sendo um grande idiota, Olavo - Michelle rosna, fazendo-me sorrir.

Não a respondo, porque do fundo da minha alma, eu sei que ela está certa e que mais tarde, ela irá fazer da minha vida um grande inferno escaldante, mas é certo que eu preciso ficar quietinho para que eu não piore ainda mais minha situação.

O garçom chega alguns segundos depois, coloca a conta em cima da mesa e espera que eu pague. Pego o dinheiro do meu bolso e o pago, deixando com ele o troco que poderia voltar para mim.

Michelle é a primeira que levanta exibindo uma careta enorme no rosto, o que quase me faz chorar, indo diretamente para carro. Eu a sigo, acompanhando a bela visão da sua bunda muito bem preenchida por essa calça colada na sua pele, o que me agrada, ao mesmo tempo que me irrita. Suspiro, ao chegar a porta de motorista, vendo que ela tem a intenção de tomá-lo.

— Eu dirijo - fala, estendendo sua mão. Entrego a chave para ela e sem dizer mais uma palavra, rodeio o carro, indo para a porta de passageiro, onde entro, sento e coloco o cinto de segurança.

Ela dá partida no carro e nos conduz pelo trânsito pouco movimentado da madrugada. Kino e Amanda permanecem quietos no banco traseiro e eu reconheço, quando Michelle pega o caminho para a casa de Amanda, que não fica muito longe daqui. Ao parar em frente a mesma, pede perdão pelo vexame que eu dei, perante eles e, eu como não quero que minha situação fique ainda mais precária, segui seus passos, pedindo desculpas. O que recebi em troca foi:

— Tudo bem, mano, nós entendemos.

Ao deixá-los em casa, ela nos conduziu diretamente para a nossa, sem falar mais nenhuma palavra de volta para mim, o que me deixou ainda mais aflito por dentro. Eu sei como ela é... eu sei que não vai demorar muito para que ela exploda o que tem entalado na sua garganta.

Essa quietude não vai ficar aí por muito tempo.

Assim que chega em frente a nossa casa, desce do carro, abre o portão, volta para o carro e o estaciona direitinho na garagem, bem atrás do seu, como faço todos os dias, quando chego do trabalho.

Fecha o portão e entra em casa, ainda sem falar nada.

Saio do carro, tomando algumas respirações corajosas, misturadas com o impulso do álcool.

— Não vai me falar nada? – pergunto, assim que chegamos no nosso quarto.

Ela vai diretamente para o banheiro e eu fico no quarto, para retirar minha blusa e logo em seguida, minha calça e sapatos.

Ela não me responde e, então, ainda incomodado eu a sigo para o banheiro, vendo que ela está passando um algodão nos seus olhos, para retirar a maquiagem.

Suspiro, decidindo deixá-la pensar e retiro minha cueca, indo para o box do chuveiro, onde tomo um banho bem demorado e frio, esperando que ao menos uma pequena parte do meu bebismo, se disperse do meu corpo, mas infelizmente, não encontro melhoras, apenas uma enorme vontade de dormir. Enquanto tomo meu banho, eu a observo se livrar de toda sua maquiagem, escovar seus dentes e sair do banheiro, indo para o nosso quarto, o que me faz suspirar, em meio as espumas do sabonete que espalhei por todo o meu corpo.

Quando acabo, enrolo-me em uma toalha e saio do banheiro, indo para o nosso quarto, onde ela já está trocada e sentada na cama, olhando para um ponto qualquer.

Aproximo-me dela, sentando ao seu lado, vendo que ela está perdida em pensamentos.

— Desculpa – peço, mas o que recebo de volta é apenas um suspiro.

E eu sei pela quantidade de tempo que eu a conheço que está mais que irritada, mas que não vai dizer nada agora, porque estou levemente bêbado. Eu escuto um suspiro vindo dela, seguido dela se levantando da cama e indo para o banheiro, onde se tranca. Segundos depois, o chuveiro é ligado.

Deito-me de qualquer jeito na cama, esperando que ela saia do banheiro, mas ela demora algum tempinho. Meus olhos pesam e eu os fecho, apenas para esperá-la...



## Capítulo 12

OLAVO PEIXOTO

**A**cordo com uma dor de cabeça de rachar o crânio e um gosto horrível na boca, resultado de uma noite louca de bebedeira. Já prometi, meu Deus, jamais irei colocar álcool na minha boca, mas dessa vez é sério, eu realmente irei cumprir.

Viro-me na cama para olhar minha mulher dormindo, mas não a encontro na cama, o que me leva a pensar que deve estar na cozinha, fazendo o nosso café. Lutando para respirar melhor, eu me levanto e vou para o banheiro.

Estou pelado, do jeito que dormi ontem à noite. A toalha não está mais ao redor da minha cintura, mas isso não importa.

E essa dor de cabeça do capeta?

Caralho! Juro que quando isso passar, não coloco mais uma gotinha de álcool na minha boca. Não coloco mesmo.

Parece que alguém bateu com um martelo em minha cabeça. Cacete, estou pagando todos meus pecados.

Ligo o chuveiro e entro debaixo dele. Fico parado, deixando a água descer por meu corpo, logo em seguida, pego o sabonete que repousa ali na minha frente em um daqueles suportes para isso mesmo e o passo por meu corpo, para depois tirá-lo com água, ainda sem escutar um movimento que seja de Michelle aqui dentro, o que me é muito estranho, porém não surpreendente, a julgar a maneira que agi na noite passada.

Quando acabo de banhar, vou para meu quarto, onde visto uma cueca, calça jeans preta e uma camisa preta de linho, para que eu possa enfrentar mais um dia de trabalho. Vou para a cozinha atrás da minha mulher, mas para minha surpresa ela não está lá. Procuro-a na sala e... Ela não está. Procuro na garagem... E nem o carro, nem ela estão lá. Para ela ter saído tão cedo e sem falar comigo, é porque está realmente muito puta de ódio de mim. Ela sabe que eu odeio quando ela sai assim sem me dar um beijo de bom dia, o meu dia parece que fica completamente negro e sem graça.

Suspirando, volto para o quarto, calço meu sapato, pego meus projetos, pasta e saio de casa. Vou direto para o escritório e quando chego, ligo para Michelle.

O celular chama, chama, chama, chama, chama... até que a ligação cai.

Tento novamente, tendo em mente que ela não pode estar tão ocupada, que não possa falar comigo.

E novamente, chama, chama, chama, chama, chama, chama... E nada, absolutamente, nada. Ela sai no seu carro, não atende as minhas ligações e, o pior, nem ao menos me dirige uma palavrinha sequer. Acho que posso estar começando a ficar doente com isso. Será que quer me enlouquecer?

Deve estar pensando em diversas formas para me matar, mas ela nem imagina o quão lentamente já está fazendo isso com a droga desse silêncio maldito. Está fazendo com que meu coração fique todo confinado, sem espaço para nada... e o meu dia... bem, o meu dia está perdido.

12:37

Passei a manhã inteira ligando para ela. E adivinhe... ela não me atendeu. Nenhuma ligação. E isso está me deixando louco, porque eu não faço mais ideia alguma se alguma coisa possa ter acontecido, se ela está bem ou não... Será que aconteceu algo? Será se ela está bem?

Ela não pode fazer isso comigo, não pode ficar sem atender uma mísera ligação. Por que isso? Por que comigo? Ela sabe como sou, sabe que posso ficar louco com as paranoias loucas na minha mente. Ligo mais uma vez, na esperança que ela atenda.

Chama, chama, chama, chama, chama... E um milagre acontece. Ela atende. Obrigado, Deus!

— Você não tem que trabalhar? Porque se não tem, eu tenho – fala, irritada, quando atende, trazendo um pouco de ar para os meus pulmões.

Meu coração bate até com mais força e agora, eu percebo o quão menos morto ele está.

— Estou preocupado com você...

— Estou ocupada e bem, Olavo - diz, resignada.

Mais nada sai dos seus lábios, mesmo com o enorme intervalo de tempo que rompe a linha, enquanto escutamos apenas as nossas respirações.

— Por que está me tratando assim?

Suspiro, sentindo algumas lágrimas de puro desespero surgir nos meus olhos. Eu odeio a ter tão distante de mim. Odeio! Isso me parte o coração, ao mesmo tempo em que me deixa louco.

— Você sabe muito bem o que fez ontem à noite – fala e suspira, fazendo com que sua imagem surja na minha mente. Ela sentada à uma mesa com sua bata branca cobrindo seu corpo, o cotovelo descansando em cima da mesa e os olhos fechados, enquanto seus dedos esfregam seus olhos.

— Precisa me ignorar tanto?

— Você me irritou. Dê graças a Deus e a sua mãe por estar vivo. Só não te matei ontem,

porque pensei nela. Coitada, não merece sofrer tanto, pela perda de um filho - rosna, fazendo-me arregalar os olhos.

Pelo menos ela está falando comigo, não é? É um caminho.

—Amor, olha...

— Deixa que eu faça o meu trabalho em paz, sim? - diz e desliga.

Suspiro, imaginando até quando ela pode durar com isso. Nem para almoçar ela me chamou ou perguntou se eu já teria ido. Olha, posso estar parecendo um bebê chorão, mas eu amo minha mulher mais que tudo no mundo inteiro. Ser tratado dessa forma é o mesmo que afundar a droga de uma faca dentro da minha bunda e a enfiar devagarinho, enquanto rasga tudo.

Sentindo minha barriga doer de fome, resolvo levantar-me e me encaminhar para fora da sala, pensando se não é melhor que eu a chame. É certo que nunca vou compreender suas variações de humor, mas também é compreensível que eu precise dar um passo para que ela não fique com mais raiva ainda, porque eu sei que o simples fato de não a ter chamado, vai aumentar sua ira ao cubo.

Resolvo dar um tempinho para ela, enquanto eu me dirijo até o estacionamento da construtora, tendo a sorte de não ser parado por mais ninguém no meio do meu caminho até lá.

Quando já estou dentro do meu carro, eu pego meu celular e a ligo. Provavelmente não vai querer, mas eu vou tentar do mesmo jeito.

Meu coração bate mais forte, quando ela atende no primeiro toque.

—Você é surdo? Não entende o que eu falo?

Respira, Olavo, respira. Ela está irritada? Sim, muito, mas rogo a Deus que isso passe logo. Vai passar, meu Deus... tem que passar.

— Quer almoçar comigo? – pergunto, suspirando.

— Só se for para quebrar todos os pratos do restaurante na tua cabeça! - rosna e desliga.

A porra ficou séria...

Sei que minha atitude ontem, não foi legal. Sei que paguei mico. Sei que fiz cenas ridículas. Eu estava bêbado, pelo amor de Deus! Tudo bem, sei que isso não é nenhuma justificativa, mas é a verdade. Eu a amo. Por que não esquece isso de uma vez?

17:58

Meu expediente acabou e eu estou exausto. Tudo que eu quero é chegar em casa e abraçar minha mulher bem apertado, mas infelizmente eu sei que isso não será possível, a julgar que ela está furiosa comigo. Suspiro. O dia não começou bem para mim.

Tranco minha sala e saio, caminhando pelos corredores quase vazios da construtora.

— Olavo! – paro, quando um colega de profissão me chama.

Evito revirar meus olhos, porém, isso torna-se ainda mais difícil, considerando a figura que se coloca na minha frente.

Ronaldo, o colocador de defeitos dos serviços alheios.

— Já terminou a obra lá? – pergunta, exibindo um sorriso largo demais, que não me desce direito. Pelo contrário, só me faz perceber o quão idiota ele é.

Ronaldo é o típico coleguinha que se dá o trabalho de ir até a obra de cada um que está aqui só para ver, colocar defeito e os relatar para os donos, o que nos deixa em lençóis horríveis, ao mesmo tempo que o deixa em uma ótima posição.

O crítico sincero que faz o bem para o nome da construtora. Afinal, é apenas isso que ele quer... conservar o nome da construtora.

Antes fosse. O que ele realmente quer é nos prejudicar e, ainda por cima, tomar os nossos trabalhos. Em obras que não têm defeitos, que nada está sendo feito de errado, ele aponta nem que seja uma colher a mais de cimento que poderia não ter entrado ali, mas, cara, cada um aqui dentro tem a sua forma de trabalhar, tem o seu método de como fazer as obras funcionarem de forma positiva, rentável e que não dê prejuízos para os proprietários. Podemos sim, aumentar aqui e ali, mas sempre, diminuímos nem que seja um tiquinho de cada vez.

É por esse motivo que apenas sorrio e levanto meu dedão, dando continuidade ao meu trajeto, enquanto o deixo ali, com a cara de ameba, esperando uma resposta minha, essa que não vem e nem virá. Ele já deveria ter se acostumado, porque de mim, ele não terá moral alguma.

Quando já estou na garagem da construtora, entro no meu carro e, dirijo rumo à minha casa, que por um milagre, hoje o trânsito não está congestionado. Ligo o som de meu carro e a primeira música começa a tocar. *Oh, Darlin, What Have I Done* de [The White Buffalo](#).

Oh, darlin, darlin  
What have I done?  
Well I've been away from you too long  
And all my days have turned to darkness  
And I believe my heart has turned to stone

Essa música... sorrio, a cada vez que eu já estou mais perto da minha casa, com o meu coração mais doído e triste que jamais pude sentir. É tanto ignoramento que já não sei se posso aguentar.

Sou um idiota, babaca! Sou tudo que ela me xingou, mas eu a amo. Será possível, que isso não conta? Suspiro.

Em poucos minutos chego em minha casa e não a encontro em nenhum lugar da casa,

quando entro e a procuro. Tiro meu celular do meu bolso, sentindo meu coração acelerado, pronto para rasgar o meu peito e correr atrás dela. Ligo para ela, que no terceiro toque atende.

— Vou demorar um pouco. Tive um imprevisto - fala e desliga.

Odeio quando ela me trata dessa forma. Odeio, mas ao menos ela está bem, nada aconteceu e eu até posso respirar com menos dificuldade agora.

Vou para o meu quarto, tiro minha roupa e vou para o banho. Quando acabo, visto uma cueca box cinza, exibindo ainda um sorriso. Michelle adora quando visto cueca box e logo dessa cor. Cinza. Ela diz que tem tesão, então, preciso apelar para o ponto que me favorece. Ela sempre compra cueca box para mim... Mulher safada.

Decido fazer nossa janta, sabendo que ela vai chegar em casa bem cansada e sem a menor coragem de fazer mais nada para comer.

É meu dever como marido de me certificar de mantê-la sempre muito bem alimentada e com um sorriso lindo nos lábios. Espero que com esse pequeno gesto, eu consiga, de alguma forma, extraí-lo dos seus lábios.



Já passa das nove horas, quando escuto o barulho do seu carro estacionando na garagem, sendo que alguns segundos depois, ela entra em casa sem pronunciar uma só palavra. Eu escuto quando ela suspira e joga as coisas que estava segurando no sofá e, para chamar sua atenção, faço barulho na cozinha para que assim, ela venha até mim, mas para minha total decepção ela entra direto no quarto, sem nem ao menos levantar seu olhar para mim, o que me faz suspirar com tristeza.

Termino de fazer o jantar, escutando o momento em que ela liga o chuveiro, para minutos depois desliga-lo. Ao acabar de aprontar tudo, vou chamá-la no nosso quarto. Quando entro, encontro-a deitada na cama e dormindo, o que me leva a considerar que deve estar bem cansada.

Para ter a certeza, ao mesmo tempo em que, não posso deixar que ela fique sem comer, aproximo-me dela e ao me baixar, levo meus lábios até a sua testa, onde deposito um beijo.

— Amor, fiz nossa janta – sussurro, aproximando minha boca do seu ouvido.

Ela resmunga e afunda a cabeça na almofada, o que me faz sorrir.

Minha mulher é tão linda...

Meu bem, minha vida, meu tudo!

Desço meus lábios até o seu pescoço e ali, deposito um beijo, para logo em seguida, traçar um caminho até a sua orelha, onde deixo uma pequena e suave mordida no seu lóbulo. Ela se vira, afastando-me de mim.

— Minha vida, levante. Não pode dormir com fome - digo, passando a mão em seu cabelo molhado, do seu recém banho.

— Me deixa – fala, com sua voz toda manhosa.

Sorrio, considerando que se ela está manhosa agora, então, a sua raiva poderia ter se dispersado?

— Não deixo – falo, aproximando meu nariz do seu pescoço, aspirando o seu cheiro. O de hidratante de ameixa, que ela tem no banheiro e vive passando por sua pele.

— Você é um grosso - funga.

Ela está chorando?

— Posso ficar duro e grosso para você - sussurro, escutando que ela sorri. Não faz nem ideia do quanto seu simples sorriso pode fazer com que meu coração alcance sua estabilidade perfeita.

Se vira na cama, ficando de peito para cima e o com o olhar ao alcance do meu. Coloco um braço do outro lado do seu corpo, descasando-o sob a cama, e aproximo minha cabeça do seu rosto, depositando um beijo em sua bochecha, logo em seguida.

— Se você me tratar daquela forma novamente, juro que te largo.

Arregalo os olhos, com o impacto que sofro com essa ameaça jogada bem no meio da minha cara, sem que eu nem consiga compreender.

Como assim me larga? Isso é como um murro no estômago. Só em pensar nessa hipótese, meu coração para uma batida.

— Por que? – pergunto, surpreso.

— Porque não gosto quando você me trata daquela forma – fala, olhando-me com raiva.

Eu sou muito idiota, eu sei, mas sua promessa faz com que lágrimas venham para os meus olhos.

— Me desculpa, desculpa, desculpa, desculpa.

Eu a peço, mas mesmo assim ela continua séria, sem me dar um único sorriso de volta.

— Eu vou me vingar de você, mas não hoje. Quero meu marido agora – diz, ficando de lado.

— O que aconteceu?

Ela não está bem, posso sentir isso. Não sorri, não tentou me matar, nem ao menos me enfrentou e nem gritou. Coisa errada tem aqui. Oh, como tem!

— Amanhã a gente conversa.

— Michelle, o que aconteceu? - pergunto.

Algo não está certo e eu tenho a sensação de que é algo sério.

— Estou cansada, Olavo. Me deixa. - diz, ficando, mais uma vez, séria.

Puxo uma longa respiração, tentando pensar em qualquer coisa que possa ter acontecido com ela agora.

— Não, amor. Eu sei que vacilei com você, ontem, mas, não me deixe no escuro. Você sabe... Odeio suspense.

Ela sorri agora e é o sorriso mais genuíno que já vi rondar por esses lindos lábios carnudos.

— Essa vai ser minha vingança – fala, sorrindo.

Faço uma careta não conseguindo controlar meu coração, quando ele começa a acelerar cada vez mais aqui dentro do meu peito.

— Michelle - a chamo, com voz chorosa, jogando minha cabeça para trás, em um momento de crise de drama. Posso até ser adulto, mas sou humano. Quem diabos gosta de viver em suspense? Esse alguém, com certeza, não sou eu.

— Não estou de bem com você ainda – fala, séria e mais uma vez, nessa noite, eu suspiro. Acho que esse está virando um hábito.

— Você falou que precisava do teu marido. Bem, estou aqui. Lindo, cheiroso, gostoso... Do jeito que você gosta – digo, sorrindo e ela gargalha, dando-me uma noite menos torturosa e mais alegre, mais feliz e mais brilhante.

O que um sorriso não pode causar dentro do peito de um homem apaixonado?

— Convencido – diz, sorrindo.

— Não sou convencido, apenas estou falando a verdade – digo, passando a mão no peito e ela ri.

— Te amo – sussurra e eu sinto que agora, agora sim posso respirar sem dificuldade alguma, porque o bolo que habitava no meio da minha garganta já se foi. Ela aproxima-se mais de mim e coloca as duas mãos no meu rosto, puxa-o em sua direção e cola os seus lábios nos meus, dando-me paz. — Só você para me fazer rir. Te amo.

— Também te amo, você é meu tudo – digo, olhando em seus olhos.

— Se você me tratar daquele jeito novamente, eu vou embora – diz, séria e eu sei que ela está falando sério. Eu sei que está.

— Me desculpa. Não vai se repetir, só não fala isso novamente. Pelo amor de Deus – peço, suplicante e ela acena, aproximando seus lábios, novamente, dos meus.

Minhas mãos parecem ganhar vida própria quando o assunto é ela. Desço minha mão por seu corpo, e quando chego em sua bunda, a aperto, sentindo sua carne preencher a minha mão, em um perfeito encaixe. Isso é certo... qualquer outra forma, não me parece a mais correta possível. Michelle puxa meu cabelo e intensifica o beijo, fazendo com que a intensidade tome conta dos nossos corpos, mas como que é bom dura pouco, ela se afasta, dando-me a visão da sua boca vermelha dos meus lábios que acabaram de assaltá-la.

Essa é a forma que eles deveriam estar sempre. Marcados e avermelhados de um bom beijo. De um beijo que exala paixão, desejo e amor... muito amor.

— Estou com fome – diz, sorrindo.

— Eu também estou - digo e a puxo para mim, novamente.

Ela sorri na minha boca e se afasta.

— Quero comida, Olavo – diz, sorrindo.

— Pode me comer – digo, cheirando seu pescoço e ela sorri.

— Safado, o que você fez para a gente jantar? – pergunta, beijando meu rosto.

— Estrogonofe, arroz e macarrão com salsicha - digo, vendo que seu sorriso se alarga.

Essa é a sua comida favorita no mundo todo.

— Te amo – diz e beijando minha boca.



## Capítulo 13

OLAVO PEIXOTO

**M**ulher provocadora, maluca, mulher enlouquecedora, apaixonante, ciumenta, gostosa, deliciosa, cuidadosa... *Essa é a minha mulher.*

Moldada perfeitamente para mim.

Michelle está desde a semana passada me evitando e eu não gosto disso. Ela diz que está se vingando de mim, por causa da raiva que a fiz passar, mas porra, uma semana? Isso é exagero. Ela está me torturando e eu já não sei se aguento mais uma semana assim. Só espero que ela não fique por tanto tempo com essa mania de vingança. Eu não posso com isso. Daqui uns dias estarei tendo um infarto cardíaco! Você acredita que ela está dormindo todos os dias pelada? Isso mesmo que você leu, pelada, sem nada. Nada de roupa!

O pior é que ainda faz questão de se esfregar em mim. Pelo amor de deus... não tenho controle em meu corpo, quando se trata dela. Será possível que é tão difícil de ela entender? Isso é tortura! Sem contar que ela está cheia de mistérios e eu não gosto disso. É muito para mim.

Quando chega do trabalho, se banha, depois se arruma e vai para a academia. E você pensa que ela me chama? Nada. Se eu não me apressar, ela vai sozinha sem nem olhar para mim. Você acha que eu mereço isso? Eu? Um bom marido? Lindo e maravilhoso? Faço de tudo por essa mulher e ela me trata assim...

— Olavo! - Michelle grita, assustando-me.

Além de me matar por não me deixar tocá-la, ainda quer me matar de sustos.

— O que é? - pergunto.

Levanto-me do sofá da sala, onde assisto um jogo muito sem graça, e vou até a cozinha, onde ela está cozinhando. Parece-me um lugar mais interessante, uma visão que merece mais atenção. Uma bunda recheada e bonita como essa... mordo meu lábio inferior. Essa belezinha está coberta por uma das minhas cuecas boxer, o que me faz ainda mais feliz por dentro. E a parte de cima, por uma regatinha que molda perfeitamente o seu corpo.

— Tenho uma surpresa para você – diz, sorrindo, parecendo muito animada.

Ah, meu amor, esse sorriso e essa bunda, bem no alcance dos meus olhos deveriam ser considerados pecados capitais perfeitos para serem usufruídos.

— O que é? – pergunto, curioso, sem conseguir desviar meu olhar da bela bunda redonda que... senhor!

— Se eu te falar, vai deixar de ser surpresa.

— Odeio suspense - falo, coçando a cabeça e agora, subo meu olhar para o seu rosto, sem deixar de explorar cada cantinho do seu corpo no caminho até os seus glóbulos brancos.

Ela ri.

— Eu sei.

Essa mulher me deixa louco, mexe com a minha cabeça, tira-me do eixo, acalma-me, fascina-me. Essa mulher é minha! Porra! Você está estranhando? Não me olhe assim... só estou romântico hoje... quer dizer, eu sou romântico sempre, mas hoje estou mais... estranho? Não, apenas apaixonado, encantado, fascinado.

Sou tudo por ela e para ela. Tudo o que ela quiser, precisar...

Hoje eu estava no trabalho, e eu comecei a pensar como seria se nós tivéssemos um filho ou uma filha ou vários filhos e filhas. Ter uma menina do jeito dela ou um menino do meu jeito... Porra. Não pode me culpar. Eu a amo.

Quero ter filhos, frutos do nosso amor.

Agora, aqui sentado na cadeira da cozinha e a olhando habilmente cozinhando, imagino como seria se ela estivesse com a barriga enorme... A imagem perfeita... ela estaria perfeita.

Minha mulher.

— Amor, estava pensando hoje mais cedo e agora... - começo e ela se vira, para me olhar.

— No que? – pergunta, observando-me.

— Você já pensou em ter filhos?

Ela arregala os olhos.

— Que pergunta é essa, Olavo? – pergunta, aproximando-se de mim e, por consequência, larga o que quer que estava fazendo no fogão.

— Me responde. Você já pensou em ter filhos comigo? – pergunto, novamente.

Porra, estou nervoso. As chances de ela não querer são enormes, mas a dela aceitar são enormes também.

— Sim, mas acho que não estamos preparados ainda...

— Por que acha isso? – pergunto, franzindo as sobrancelhas.

— Por vários motivos - diz e desvia seu olhar do meu, voltando para perto das panelas.

Levanto-me, caminho até ficar ao seu lado e a viro para mim, tendo o seu olhar confuso no meu, mas antes que eu possa abrir minha boca para falar mais alguma coisa, seu celular começa a tocar, fazendo com que ela se afaste, indo até a mesa para o pegar e, depois, o atende.

— Sim... Sim, senhora... Estou bem - sorri —, meu casamento está indo muito bem... Sim... Vamos... Tudo bem, até domingo... - desliga e coloca o celular no mesmo lugar que estava.

— Quem era? - pergunto, franzindo minha sobrancelha.

— Tia Bernadina nos chamando para almoçar na casa dela domingo - diz, sorrindo.

Dona Bernadina, é uma senhora muito distinta, simpática, amável... Sempre me tratou bem. É tia de Michelle e foi a que cuidou muito bem dela, quando os pais da minha esposa, infelizmente, morreram. E eu gosto muito dela.

— Iremos - digo.

A abraço por trás e ela se aconchega em meus braços. Sorrio, feliz.

— A nossa janta está quase pronta. Faz suco para a gente? - pergunta, virando-se em meus braços, ficando de frente para mim.

Ela sorri me beija.

— Faço o que você quiser - afirmo, olhando em seus olhos.

— Eu sei que você faz, meu amor – diz, sorrindo.

Amo quando ela sorri assim... tão linda.

Faço o suco de laranja que tanto gosta e ela coloca a nossa janta na mesa. Sentamos e comemos, conversando sobre o nosso dia. Ela diz que está exausta, mas feliz, o que me deixa contente, afinal a felicidade dela é a minha felicidade.

Quando acabamos de jantar, juntamos as louças sujas e lavamos. Na verdade, ela lava, eu seco e logo em seguida, guardo.



Estamos deitados na cama e abraçados. Ela mexe no seu celular e eu vejo alguns e-mails pelo meu computador. Um me chama a atenção.

-----

**De:** Francisca Oliveira

**Para:** Olavo Peixoto

**Data:** 25 de março de 2016 19:56

**Assunto:** Reforma em minha casa.

Oi, vizinho. Estou te esperando em minha casa hoje, para você ver o que quero mudar. Não fui até sua casa, porque percebi que a tua esposa não gosta de mim. Te espero, lindo.

Beijocas ;)

-----  
Essa mulher é completamente louca! Será mesmo que ela acha que eu vou?

Deus me livre.

Tenho amor aos meus dentes e pau. Se Michelle pelo menos sonha, que eu fui até lá... Senhor... Ela me mata! Ou arranca meu pau! Será se eu devo mostrar esse e-mail para ela? Ou será besteira? Não, nosso relacionamento sempre foi livre de mentiras. Não irei mentir, nem esconder nada dela agora, até porquê, seria bem capaz mesmo que Francisca venha até aqui para jogar na sua cara que eu tenha a mandado mensagem.

— Amor - a chamo e ela vira seu rosto para mim. — Olha isso - digo, virando o notebook em sua direção.

Seus olhos viajam pelo texto e não demora muito, seu rosto fica vermelho e, em um rompante de raiva, ela fecha a tela do computador de uma vez, o que até me assusta.

— Você vai?

— Claro que não!

— Bom mesmo - se levanta. — Como essa aprendiz de égua engasgada conseguiu teu e-mail? - sorrio.

Égua engasgada? Uma gargalhada alta rompe minha garganta, atravessando os meus lábios, quando tudo parece me levar a rir. Meu Deus.

Égua engasgada.

Essa foi a melhor de hoje.

— Amor...

— Só me responde, como essa bunda de funil conseguiu teu e-mail? - pergunta, encarando-me.

Não consigo segurar a risada de sai de meus lábios. *Essa minha mulher é maluca! Égua*

*engasgada, bunda de funil... O que ainda falta?*

— Amor, eu não sei. Realmente, eu não sei – digo, rindo.

Ela acena e se senta novamente na cama, tira o notebook das minhas pernas e coloca nas suas. *O que essa maluca vai fazer?* Me estico um pouco para que eu possa ver o que ela está fazendo...

---

**De:** Olavo Peixoto

**Para:** Francisca Oliveira

**Data:** 25 de março de 2016 21:06

**Assunto:** Meu e-mail.

Olá, vizinha.

Não poderei ir até a sua casa, porque estarei ocupado fazendo amor com minha mulher. Você poderia, por obséquio, me dizer onde você conseguiu o endereço do meu e-mail?

:)

---

Meu Deus! Essa mulher é definitivamente maluca! Arregalo meus olhos vendo o que ela escreveu.

— Por que você mandou isso? – pergunto, a olhando.

— Por que eu quis. Achou ruim? – pergunta, olhando-me com uma sobrancelha arqueada.

— Não - me levanto da cama —, faça o que quiser. Não me importo.

— Para onde você pensa que vai? – pergunta.

— Vou para a sala – digo e ela, como uma bela louca que é, sorri.

— Não vai mesmo. Você fica aqui, comigo - diz, séria. — Coloque esse traseiro lindo nessa cama - reviro os olhos e faço o que ela manda, para que eu possa acompanhar o que está fazendo.

Uma notificação de um novo e-mail, chega no meu notebook e Michelle abre.

---

**De:** Francisca Oliveira

**Para:** Olavo Peixoto

**Data:** 25 de março de 2016. 21:09

**Assunto:** Seu e-mail.

Vizinho, consegui o seu e-mail com uma secretária na construtora que você trabalha.

Obs: fico triste que não poderá vir. Mas, se quiser deixar sua esposa aí e vir fazer amor comigo, estarei te esperando.

-----  
Meu Deus! Não acredito que li isso! Oferecida.

— Vaca! Vaca! Puta! - Michelle rosna, enfurecida. — Essa puta máster!

Michelle está vermelha de raiva, meu deus.

Não tiro a razão dela. Se fosse ao contrário, eu mataria o filho da puta.

Ela começa a digitar...

-----  
**De:** Olavo Peixoto

**Para:** Francisca Oliveira

**Data:** 25 de março de 2016. 21:12

**Assunto:** Fim de conversa.

Francisca, amor eu faço apenas com a MINHA ESPOSA. Espero que você seja capaz de entender isso. E em hipótese alguma eu irei até a sua casa ver algo. Tire isso da sua cabeça.

Obs: DETESTO mulher oferecida.

Obs2: JAMAIS trairia minha mulher com uma pessoa como você.

Faça o imenso favor de não me mandar e-mails e muito menos de falar comigo na rua.

Obrigado.

-----  
— TOMA ESSA, SUA FILHOTE DE QUATI!!!!!! - Michelle grita, para a tela do computador, fazendo-me sorrir alto.

Minha mulher é uma maluca.

Ela fica muito sexy, dessa forma. Porra!

Coloco minha mão na parte de detrás da sua cabeça e a puxo em direção aos meus lábios, beijando-a com a intensidade que me apetece perfeitamente. — Te amo! – digo, contra seus lábios.

Ela sobe em meu colo, deixando de lado o computador, coloca as duas mãos em cada lado do meu rosto e me beija.

— Não se aproxime dessa mulher.

— Não me aproximarei – digo, rindo.

Ela me cala com um beijo ardente.

Porra, essa mulher sabe como me deixar louco!

## Capítulo 14

OLAVO PEIXOTO

**O**lavo! - suspira e eu sorrio.

Gosto dela assim, entregue.

Hoje, minha linda mulher resolveu me acordar com um boquete maravilhoso. Uma delícia. Porra de mulher gostosa! Não consigo manter minhas mãos longe desse corpo que é somente meu. Por que ela me provoca assim? Sou um pobre homem perdidamente apaixonado pela esposa. Me julgue...

Agora, ela está deitada na cama nua, com as pernas escancaradas e eu estou a degustando do jeitinho que ela gosta. Ela é muito gostosa! Chupo seu clitóris, fazendo com que ela solte um gemido alto e aperte meus cabelos. Porra! Não existe uma mulher mais sexy que a minha! Não consigo imaginar... Ela toda vermelha, com a boca entreaberta e gemendo deliciosamente... Porra! Essa mulher vai acabar me matando.

— Preciso de você dentro de mim – diz de olhos fechados.

— Preciso estar dentro de você - digo, subindo meus lábios para os seus e então, a beijo, fazendo-a sentir o seu próprio gosto. O mais delicioso gosto que eu um dia poderia imaginar em degustar. Posiciono-me em cima dela e a penetro lentamente, sentindo sua carne apertando meu pau, quando já estou totalmente dentro dela. Gostosa!

— Amor... - geme, deliciosa.

— Vou te fazer gritar meu nome, repetidas vezes – digo, no seu ouvido.

Ela geme, mordendo meu lábio inferior.



— OLAVO! - grita. Essa mulher é louca! Só pode! Meu deus. Depois que falei que iria fazê-la gritar meu nome repetidas vezes, fica me gritando direto. Mas, o que eu falei na nossa cama, eu cumpri. Ela gritou a gritou muito.

Sorrio.

Vou até a sala, onde ela está sentada no sofá, olhando para a televisão.



— O que foi? – pergunto.

— Vamos adotar o gatinho hoje? - pergunta, levantando-se.

— Por que hoje? – pergunto, a seguindo.

— Porque hoje o dia parece estar mais que favorável para isso – diz, dando de ombros.

Sorrio, sacudindo minha cabeça.

— Você me gritou para falar isso? Você não poderia ir até o quarto e dizer isso? – pergunto, a encarando.

Ela sorri.

— Gosto de ver você correndo quando eu te chamo – diz, rindo.

Essa mulher é completamente louca.

— Você é louca - digo e passo por ela.

— Amo a tua bunda – diz, suspirando, atrás de mim.

Sorrio, sem conseguir me controlar.

— O que aconteceu com você? - pergunto, arqueando minha sobrancelha.

— Estou feliz – diz, sorrindo.

— Percebi.

Amo vê-la assim, toda contente.

Volto para o meu quarto e me deito novamente na cama. Adotar um gatinho. *Tudo bem.* É bom ter algum bichinho. Ela vai se distrair cuidando, vai que ela queira ter um filho...

— Olavo! - me chama, novamente. Levanto-me, vendo-a na porta do quarto.

*Minha mulher é um espetáculo. A amo tanto...*

— O que foi? – pergunto, a olhando de cima a baixo.

— Vamos agora? Estou ansiosa – diz, fazendo biquinho.

Sorrio, sem conseguir negar alguma coisa para ela.

— Vamos.

Ela corre até mim e se joga em cima do meu peito. Com o impacto, caio na cama,

novamente, mas com sorte, consigo pegá-la, sem deixar que ela caia.

Ela gargalha, trazendo seu nariz para o meu pescoço.

— Você é um gostoso - diz, fazendo-me suspirar.

Aperto sua bunda com uma mão e com a outra, puxo seu cabelo, para que ela me olhe nos olhos.

— O que está acontecendo com você, que está toda carinhosa e safada? – pergunto, sorrindo.

O sorriso... oh, esse lindo sorriso. Ele não sai dos seus lábios e, porra, nada na minha vida poderia estar melhor encaixado do que está agora.

— Só estou feliz e tarando meu marido lindo – fala, olhando-me nos olhos. Vejo que está realmente feliz e isso faz o meu coração dar um salto enorme aqui dentro.

— É tão bom te ver assim.

Ela morde meu lábio inferior, depois deposita um selinho em meus lábios e, por fim, levanta-se.

— Vamos. Vamos. Vamos. Quero trazer meu bichano logo para casa – diz, toda sorridente.

Corre para o guarda-roupas e se veste rapidamente, ainda exibindo um enorme e contagiante sorriso. Quando termina, espera-me na sala.

Ela fica tão linda contente, empolgada, feliz e sorridente...

Porra, amo essa mulher. Muito mesmo! Acredito que não tem como descrever o tamanho do amor que sinto por ela. Minha doce, bela, zangada, rabugenta, deliciosa e linda mulher. Minha! Só minha! Minha em todos os aspectos.

Acabo de me vestir e vou direto para a sala, onde Michelle está impaciente, andando de um lado para o outro, o que me faz rir.

— Amor, eu vou tomar um pouco de café. Espera um pouc...

— Esperar nada! Quando a gente chegar, você toma o que quiser! Vamos logo - diz e abre a porta da sala.

— Posso tomar o que eu quiser? – pergunto, sorrindo.

Ela me olha, me olha, me olha e depois sorri.

— O que você quiser... - sussurra e pisca um olho para mim. — AGORA, VAMOS! – grita.

— Não sou surdo, Michelle. Você sabe que odeio quando grita comigo – digo.

Ela sorri.

— Eu sei - diz e continua caminhando.

Abre a porta do carro e entra.

— Você vai dirigir? - pergunto.

Ela balança a cabeça e sorri. Tudo bem, se ela quer assim... Entro no carro e ela da partida. Dirige rumo ao pet shop que fica no centro da cidade. Sem conseguir ficar em silêncio, ligo o som do carro e *Jorge e Mateus* cantando *Como não me apaixonar* invade o ambiente do carro.

*Tenho o que quero e preciso e as briguinhas comigo eu deixo pra lá, quem sabe é o seu jeito de amar...*

— Amo essa música! - ela diz e começa a cantar.

*Você esteve tão perto perfeita, amiga  
Eu não pude enxergar  
Que era a exata pessoa e hoje na boa  
Eu começo a gostar do seu olhar  
Do sorriso lindo, o jeito de falar  
Quando me liga, brinca, muda a voz  
Pede pra adivinhar  
E no meu aniversário, virou meia noite  
É a primeira a lembrar  
E as minhas melhores risadas  
Somente você consegue arrancar*

*Como não me apaixonar?  
Como não me apaixonar?*

Sorrio.

Essa música é linda mesmo. Fica mais linda com minha mulher a cantando. Sim, sou um marido babão, mas isso você já percebeu há algum tempo, acredito eu. Quando chegamos em frente ao pet shop, Michelle desliga o carro e sai. Espera que eu desça do mesmo e pega minha mão, entrelaçando-as, quando já estou ao lado dela.

Sorrio, parecendo um besta com sorriso que mal cabe nos meus lábios, mas o que eu posso fazer? Se ela me deixa assim...

Ao entrarmos, fomos direto para o balcão, onde tem uma mulher mexendo em alguns papéis. Michelle me olha, depois olha para a mulher, me olha novamente, suspira e fala.

— Queremos adotar um gatinho – diz, nervosa.

— Nós temos vários precisando de amor e carinho. Temos cachorros também...

— Queremos ver os gatinhos... Filhotes de preferência - Michelle diz, sorrindo. A moça balança a cabeça e pede para que a gente a siga.

Ela nos leva para os fundos do pet shop, onde tem vários gatos dentro de jaulas ou é gaiola? Sei lá. Michelle solta minha mão e começa a caminhar ao redor, observando-os.

A moça nos mostra cada gatinho e Michelle fica encantada a cada um que vê...



Bem, em resumo, saímos do pet shop, não com apenas um gato. Michelle se apaixonou por quatro gatinhos que tinham sido abandonados na frente do pet shop e colocou na cabeça que os queria. Eu não discuti. Se ela quer... quem eu sou para proibir?

Quando estávamos saindo do lugar onde tinha os gatinhos, vimos dois cachorrinhos deitados e Michelle me olhou, pedindo para levá-los... eu não proibi, fiquei calado o tempo inteiro. Ela me fez comprar brinquedos, cama de cachorro, vasilhas, remédio para pulgas, shampoo, condicionador... enfim, estou falido. Sem nenhum tostão.

— Amor, eles são lindos – fala, pela milésima vez exibindo um enorme sorriso.

É, no final, se para deixá-la feliz e boba assim, eu tenha que gastar meu pobre dinheirinho, além de catar cocô desses bichos pela casa, então, eu acho que vale sim a pena cada esforço.

Ela está tão feliz, tão linda, contente...

## Capítulo 15

OLAVO PEIXOTO

**E**u sabia que não demoraria muito para tudo se transformar em cocô e confusão. Suspiro, olhando toda a bagunça que fizeram pela casa.

Cocô pelo chão da cozinha, almofadas estilhaçadas, mais cocô no corredor do quarto, a toalha da mesa da cozinha no chão, toda mastigada...

Meu Deus, passou um furacão aqui dentro dessa casa?

— Michelle!

Ela está se arrumando para ir trabalhar, depois de uma noite muito bem dormida, sonhando e pensando em nomes para os bichos. Isso vai acabar sobrando para o Olavinho aqui limpar, eu sinto isso.

— Oi, amor – diz, aproximando-se de mim.

— Olha isso.

Desloco-me para lado, para que ela possa ver a bagunça que os seus bichos fizeram.

— Nossa, que meninos bagunceiros – diz, sorrindo largamente.

Ela está sorrindo? Sério? Eles fizeram maior bagunça e ela está sorrindo?

— Quem vai limpar essa bagunça? – pergunto, a encarando.

— Você, já que está de folga hoje – diz, me encarando com um sorriso. Arqueio uma sobrancelha.

— Mas eu tenho projetos para estudar – digo, a olhando.

Ela suspira.

— Você acha que é muito diferente, caso tivermos filhos? Ou você pensa que eu vou cuidar deles sozinha? – diz, afastando-se de mim, para entrar na cozinha e eu a sigo. Ela tem a mais pura razão, mas eu tenho tanto o que fazer, mesmo estando de folga.

Ela coloca água na chaleira e coloca no fogo. Vai fazer café. Pego o café em pó e coloco perto do fogão, para que ela o pegue com mais facilidade. Fica calada todo tempo, enquanto eu a

ajudo a preparar nosso café da manhã. Quando acabamos, ajeitamos a mesa e nos sentamos para tomar o café.

— Já decidiu os nomes que quer colocar neles? - pergunto.

— Sim. Espeto, Felpudo, Bolinha, Lupita, Meredith e Pimposos - diz, me encarando.

Pimposos? Espeto? Meu Deus.

— Por que está rindo? – pergunta, olhando-me com uma sobrancelha arqueada.

— Isso lá é nome que se coloque em animal? Pimposos? Espeto? – digo, rindo e ela sorri.

— Sim, esses serão seus nomes – diz, bebericando seu café, fazendo-me rir. *Michelle é horrível com nomes, senhor.* Eu não vou falar nada. Nego-me!

Se ela quer assim... assim será.

\_ Tudo bem - me levanto, pego as coisas que sujei de cima da mesa e os coloco na pia, para que eu lave mais tarde. — Eu limpo as coisas, não se preocupe - digo, quando ela se levanta.

\_ Onde estão meus lindos meninos? - pergunta, batendo as mãos nas coxas. Os cachorrinhos aparecem correndo e abanando os rabinhos. Até parecem *fofos*. Michelle sorri, ajoelha-se, pega os dois e os beija.

Sorrio com essa cena. Os cachorros a lambem e ela sorri toda feliz...

Você me acha um marido babão? Nem precisa responder, sei que sou. Eu amo minha esposa mais que tudo. Então, acho que posso ser babão, não é?

Michelle se levanta, vem até mim e me beija. Retribuo seu beijo e a puxo para mais perto de mim. Coloco a mão em sua nuca e a aperto, escutando-a gemer contra minha boca. Desço minhas mãos para sua bunda e a aperto, do jeito que eu gosto. Michelle cola seu corpo no meu e... os cachorros começam a latir.

Michelle se separa de mim e ri.

\_ O pai de vocês, vai colocar comida para vocês comerem – diz, me olhando. *Pai...*

Sorrio, bobo...

Pai. Eu quero ser o pai dos nossos filhos, quero aumentar nossa família...

— Olavo? Amor? - me chama, fazendo com que meu olhar volte para o seu rosto.

— Oi - a respondo.

— No que estava pensando? Você ficou tão pensativo por alguns segundos – fala, sorrindo.

— Em nossos futuros filhos – digo, com um largo sorriso.

Ela arregala os olhos.

— Nós já temos filhos. Seis para ser mais exata - diz, mexendo nervosamente em seu cabelo, fazendo-me sorrir.

Chego mais perto dela e a abraço.

— Você tem medo? De termos filhos? - pergunto. Ela sorri no meu pescoço e se afasta.

— Tenho que ir, ou vou me atrasar - me beija, se vira e sai.

Por que não respondeu minha pergunta? Qual o problema? Não entendo. Saio dos meus devaneios, com os latidos dos cachorros.

— Vocês estão com fome? – pergunto, os olhando. Eles ficam sentados me encarando e eu sorrio, sem conseguir me controlar. Pego o saco de ração e despejo um pouco na vasilha de ambos. Os gatinhos aparecem do nada a começam a miar. *Meu Deus, vou acabar enlouquecendo com tantos bichos para cuidar.* Coloco ração para os gatinhos e vou para a lavanderia. Porra, a pia está cheia de roupas sujas...

Já que não vou fazer nada agora, vou lavá-las para ajudar minha mulher. Quando ela chegar pela noite, vai estar cansada e é ruim para ela fazer tudo isso sozinha. Saio da lavanderia e caminho para a sala. Ligo o som e logo a voz de *Tiago Iorc* cantando *Coisa linda*, preenche a casa.

*" Linda do jeito que é*

*Da cabeça ao pé*

*Do jeitinho que for*

*É, e só de pensar*

*Sei que já vou estar*

*Morrendo de amor*

*De amor....*

Gosto muito das músicas desse rapaz. As letras são ótimas e a voz dele também. E essa música é linda. Lembra Michelle.

*" Coisa linda...*

*Vou pronde você está*

*Não precisa nem chamar...*

*Coisa linda...*

*Ah, se a beleza mora no olhar...*

*No meu, você chegou*

*E resolveu ficar...*

*Para fazer o teu lar..."*

Volto para a lavanderia, separo as roupas e coloco na máquina de lavar. Lembro do dia em que eu a pedi em namoro e ela me deu um fora. Isso me faz sorrir, porque nesse dia, ela estava muito irritada e me expulsou da casa dela. Uma semana depois eu voltei, porque eu estava louco demais para apenas deixar para lá. Naquele dia, ela me recebeu com um enorme sorriso e me pediu em namoro. Sorrio, com a lembrança. Sim, minha mulher é louca e totalmente imprevisível.

Quando acabo de colocar as roupas para lavar, pego a vassoura, sabão, escova e vou para o corredor, onde os bichos fizeram uma grande bagunça. Limpo tudo com os gatinhos brincando com minhas pernas e, por vezes, com o pano que esfrego no chão. Esses bichinhos são bem sapecas.

Sorrio.

— Você é bem danadinho, não é? - pergunto, pegando o gatinho que estava todo enrolado em meu pé, o mordendo. Ele é branco com algumas manchas pretas. Vou chamá-lo de Felpudo, já que ele é bem peludinho. O gatinho magrinho e todo branco, deve ser o espeto. Sorrio. Cada nome que Michelle colocou nos bichinhos. Coitados.

Levanto-me quando acabo de limpar e vou arrumar nosso quarto. Ele não está tão bagunçado, quanto estava o corredor. Arrumo a cama, dobro os lençóis e o edredom. Michelle dorme com dois lençóis, além do edredom. Ela é muito frienta. Já acabado no quarto, vou lavar a cozinha e logo em seguida, varro a casa e passo o pano molhado. Encontro cocô atrás da geladeira, fazendo-me suspirar. *Esses bichos passaram a noite inteira cagando?* Porra...

Quando acabo de limpar a casa, estou completamente cansado. Esses bichos dão muito trabalho, cruzes...

Agora, vou estudar os projetos que trouxe para casa. Os abro no chão e coloco borrachas em cada ponta, para que ele fique aberto. Pego folhas para fazer minhas anotações e começo a trabalhar.



— Oi, amor - digo, ao atender a décima ligação de Michelle no dia. Sim, ela já ligou dez vezes, para perguntar se eu estava cuidando direitinho dos bichinhos dela.



— Já almoçou? Da última vez que eu liguei, você não tinha nem colocado o arroz no fogo – diz, suspirando, fazendo-me sorrir mais uma vez.

— Não almocei ainda, mas não se preocupe, coloquei a comida dos bichos

— Que horas vai fazer o almoço? - pergunta.

— Acho que vou pedir uma pizza.

— Você só pode estar brincando comigo – fala, irritada.

— Não estou, tenho que acabar de estudar esse projeto ainda hoje - digo, sem desviar meu olhar do projeto que tenho na minha frente.

— Eu vou ligar para um restaurante e mando deixarem um almoço decente para você.

—Não precisa, amor. Nem estou sentindo fome – digo, sorrindo. Ela fica muda. — Michelle?

— Não vai comer? - pergunta.

— Vou pedir uma pizza...

— Te conheço. Sei que não vai pedir, vou mandar teu almoço e é melhor você comer! - diz e desliga.

Porra... Mulher mandona.

Nem trinta minutos depois, um motoboy vem deixar meu almoço. E como minha mulher pediu, ou melhor, ordenou, almoço.

17:58

Estou exausto! Enfim, acabei de estudar esse projeto. Não é nenhuma obra de “sete cabeças”, mas acho que a termino em uns cinco meses. Ajeito minhas coisas e coloco em cima da mesa, vendo os cachorrinhos deitados no chão com as pernas abertas, dormindo.

Saio do meu quarto e vou para a sala, onde dois gatinhos dormem em cima do sofá e os outros dois brincam com o controle da televisão.

Então, resolvo deitar no chão e tirar um cochilo, enquanto espero minha esposa chegar...

## Capítulo 16

OLAVO PEIXOTO

**A**cordo sentindo uma coceira no meu peito, que acaba por se tornar um pouco incômoda.

Ao abrir os olhos, vejo que é um dos gatinhos, acho que espeto é o seu nome, ele está deitado em meu peito, ronronando, enquanto dorme. Subo meu olhar para o relógio e... Porra, como o tempo passou tão rápido?

Levanto do chão rapidamente, sentindo minha coluna doer. Típico de quem não é acostumado a deitar no chão por muito tempo.

— Michelle? Amor?

Cadê essa mulher? Por que não me acordou? Porra, ela me deixou dormindo a noite inteira nesse chão! Parece que me odeia.

— Aqui – grita do quarto e eu vou até lá, encontrando-a em pé, vestindo uma blusa branca com renda.

— Por que você não me acordou? - pergunto, observando os seus movimentos para vestir suas roupas.

Sempre graciosa, essa minha mulher.

\_ Você estava em um sono tão profundo, que me deu pena de te acordar – diz, sorrindo. Aproximo-me dela, mantendo meu olhar no seu e, quando a tenho perto o suficiente, agarro sua cintura, puxando-a para mim e a beijo lascivamente, para obter o melhor bom dia de todos os tempos. Nos separamos por falta de ar e ela sorri. — O que foi isso?

— Isso é desejo, amor, paixão... O que você preferir – digo, sorrindo.

Ela morde o lábio.

— Infelizmente não poderei ficar para matar esse teu desejo – diz, fazendo um pequeno e encantador biquinho, que me rende um sorriso.

— Meu desejo por você, nunca acaba – digo, sorrindo.

Ela cora.

— Tenho que acabar de me arrumar. Sai - diz, afastando-se de mim, mantendo seu olhar

intenso no meu. Vira-se, ficando de costas para mim, de uma forma que tenho na minha frente a mais bela visão da sua redonda e irresistível bunda.

Suspiro, tentando me livrar dessa distração e vou para o banheiro, banhar-me. Quando acabo e volto para o meu quarto, já não encontro Michelle em nenhum lugar do quarto. *Será se já foi?* Pego uma toalha, para enxugar meu cabelo e saio do quarto.

— Amor? - a chamo.

— Na cozinha - ela responde, seguido de um riso gostoso de se escutar.

*Está achando graça de que? Mulher doida...*

— Pimposo é muito esperto, Olavo!

Vou até a cozinha e a encontro ajoelhada coçando a cabeça do cachorrinho. Ele é o pimposo? Coitado...

— Amor, eu não sei quem é quem. E pelo amor de deus, muda o nome deles. Vão acabar ficando traumatizados - digo, fazendo-a rir mais ainda.

— Traumatizados? – pergunta, rindo.

— Eu escolho o nome dos nossos filhos. De jeito algum deixarei você escolher o nome deles ou delas... – digo, pensativo e ela me encara.

— Você quer muito ter filhos, não é?

— Sim, quero que nossa família aumente logo – digo, encarando seus olhos, que brilham na direção dos meus, o que me rende um suspiro dramático.

— Percebi.

Levanta-se e vai para a mesa, onde despeja café na sua xícara, para depois o tomar, sob o meu olhar que não vacila por momento algum.

— Por que você não quer ter filhos comigo? - pergunto, ganhando sua atenção rapidamente, com as sobrancelhas arqueadas.

— Eu não disse isso.

— Suas atitudes dizem isso – digo, sério, mas quando não recebo uma resposta de volta, apenas me viro e volto para o quarto.

Resolvo me arrumar logo para ir ao trabalho e quando acabo, saio de casa, sem nem ao menos dizer nada para ela, que nem foi atrás de mim, quando saí, o que me faz pensar que ela realmente não deseja ter filhos comigo.

Porra, não acredito nisso!

Ela simplesmente não quer ter filhos comigo. Não sou digno?



19:23

— VAGABUNDA!

Abro meus olhos, quando um estrondo enorme verbera por todo o quarto, fazendo-me acordar assustado. Que porra é essa? Sem concentrar meu olhar direto no que possa ser, eu apenas suspiro, reunindo coragem para me levantar dessa cama para ir ver o que diabos é isso.

Depois que cheguei do trabalho, tomei um banho e me deitei, para descansar. Estou com uma dor de cabeça insuportável. Porra, parece que bateram com algum pedaço de ferro na minha cabeça. O simples fato de mantê-los abertos, já é o suficiente para que eu tenha vontade de chorar baixinho.

Levanto-me da cama e vou até a sala, que é de onde veio o barulho. Quando chego na mesma, encontro uma Michelle raivosa, com as mãos fechadas em punhos e a respiração acelerada.

— O que aconteceu? – pergunto, com a voz rouca.

— Aquela vagabunda! – diz, encarando a parede. Depois vira a cabeça em minha direção e semicerra os olhos. — Você sente atração pela Francisca, Olavo?

É por questão de segundos, ou até centésimos, que ela se coloca bem na minha frente, com poucos centímetros nos separando, com seus olhos semicerrados me deixando completamente perdido em meio ao seu questionamento louco.

*Ela enlouqueceu?*

— Eu? Pela Francisca? Você está louca? - pergunto e ela arqueia uma sobrancelha, travado seu maxilar.

*Que raiva toda é essa?*

— Vou perguntar apenas essa vez, se não me responder... Você sente atração pela Francisca, Olavo Peixoto?

Ela está completamente louca. Até parece que eu vou sentir atração por uma mulher daquele tipo, tendo ela como minha esposa.

— Não - digo, olhando em seus olhos, para que não tenha dúvidas, de que estou falando a verdade.

— Ela veio me dizer agora, que você é louquinho por ela.

— O que? Eu?

*Essa mulher é completamente pirada! Eu nem falo com ela. Mal olho para ela.*

— Ficou surdo? Sim, você - cruza os braços, com os olhos ficando marejados.

Posso ver que vai chorar. Os olhos estão ficando vermelhos e, por Deus, detesto vê-la assim, mesmo que no momento eu esteja chateado com ela. Me aproximo de Michelle e a puxo para meus braços, rodeando o seu corpo e a deixando sob a proteção dos meus braços.

— Nunca te dei motivos para duvidar de mim. Nunca te dei motivos para pensar que gosto de outra. Sou seu de corpo, alma e coração. Pare de pensar e acreditar nessas coisas.

Ela funga e eu fico sem saber o que fazer ou o que dizer. Nunca sei o que fazer, quando isso acontece...

— Eu sei, mas bate uma insegurança. Você não pode me julgar. Eu te amo, tenho medo de te perder, que você perca o interesse por mim, que você me abuse... - Não deixo que ela fale mais nada, ela não precisa. Aproximo os meus lábios dos seus e a beijo lascivamente, sentindo seus dedos afundarem em meu cabelo. — E em momento algum pense que eu não quero ter filhos com você. Eu quero sim aumentar nossa família – diz, ao afastar a sua boca da minha, mas ainda a mantendo próxima.

Eu a beijo e beijo, porque eu não poderia desejar nada diferente disso na minha vida inteira. Eu a beijo, porque eu tenho certeza que ela não faz ideia do que causou aqui no meu coração com a menção desse assunto e eu preciso fazê-la entender de alguma forma o que eu sinto.

Por ela.

Eu puxo seu cabelo, tendo o prazer de escutar seu leve gemido, quando faço isso. Tiro sua blusa para libertar os dois seios lindos que ela mantém guardado por trás dessa blusa empastadora de visões. Depois eu tiro sua calça, sutiã, calcinha e, então, a deito no sofá, ficando por cima dela e faço questão de beijar cada pedaço de pele exposta...

Ela geme, entregue e minha... Só minha...

— Olavo...

— Hum... – digo, chupando seu seio esquerdo.

— Preciso de você.

— Você me tem aqui.

— Você entendeu – fala, impaciente, fazendo com que um sorriso surja nos meus lábios.

E, então, eu dou tudo o que ela quer, sentindo cada parte de seu interior, a sentindo, a amando...

Do jeito que ela gosta.

## Capítulo 17

OLAVO PEIXOTO

**O**lavo! - geme, enlouquecida. Gosto disso.

— Me fode, amor, bem gostosinho. Vai... - a incentivo.

Ela me olha, morde o lábio inferior e sorri, mostrando-me o quão safada é.

— Está gostoso? – sussurra, no meu ouvido. Essa mulher devassa ainda vai me matar...

— Continua assim, safada - gemo e ela sorri.

Como eu consigo lidar com isso, porra?

Ela está no comando, está gostando, amando, ela quer mais, sei que quer...

Vou dar o que ela quer...

Coloco minha mão esquerda em sua nuca, puxo sua cabeça para bem perto da minha e a beijo intensamente. Aproveito a posição, e começo a estocar com força em seu interior. Ela grita, apertando meus braços com suas unhas enormes. Vai acabar me matando mesmo...

— Mete mais... – pede manhosa no meu ouvido.

Sempre querendo mais e eu amo isso nela. Faço o que ela pede e estoco mais e mais, logo sinto sua boceta apertar meu pau. Porra!

Ela está perto, bem perto.

— Vem, goza gostoso no meu pau, vai. Deixa ele todo melado com teu mel... – digo, rouco. Ela morde meu ombro e vem...

Vem com um grito abafado, toda deliciosa...

Não demoro muito a vir, derramando todo meu gozo dentro dela. Sem pudor algum...

Ela é minha, porra! Só minha, caralho! Não posso viver sem essa mulher. Não posso.

Ela se deita em meu peito e fica quieta. Estranho, muito estranho. Michelle, minha esposa, não é de ficar quieta. Ela é mais agitada, gosta de conversar. Algo de errado está acontecendo e não é

de hoje que a noto dessa forma. Ultimamente, ela tem andando muito pensativa, quieta, esquecida... Não sei o que aconteceu, mas que uma coisa a abalou, não tenho dúvidas. E o que me deixa chateado, é que ela não compartilha comigo.

— Por que está quieta? – pergunto, preocupado, passando minha mão por seus fios bagunçados.

— Estou me recuperando da surra que você me deu – diz, sorrindo.

Arregalo os olhos.

— Surra?

— Surra de piroca.

Rio alto, com essa nova invenção de rótulo para o que fizemos à pouco tempo. É cada uma que ela inventa.

— Você não tem jeito, Michelle – digo, rindo. Ela levanta a cabeça do meu peito e se senta em cima de mim.

Me encara.

— Olavo, eu sei que minha crise de ciúme foi totalmente sem sentido, mas... - a interrompo, colocando o dedo indicador em seus lábios.

— Ei, não precisa explicar, eu entendo – digo, sorrindo. — Me acompanha no banho?

— Sim, vamos para a academia - se levanta de cima de mim e fica em pé.

— Não sei para quê, ir para essa droga - resmungo e ela sorri.

— Não tem resultado? – pergunta, fazendo bico.

— Claro, mas o teu corpo é lindo desse jeito. Não precisa de nenhuma droga de academia - digo, me levantando.

Ela sorri.

— Olavo, melhore – diz, rindo.

Vai para o banheiro e eu a sigo.

Quando acabamos o banho, cheio de mãos bobas e beijos, fomos nos arrumar. Ela veste uma leggings preta, top cinza e uma blusa transparente preta. Odeio essas leggings! O caralho marca tudo!

— Vamos, Olavo. Vamos nos atrasar - diz, saindo do quarto. Visto minha roupa e vou atrás dela. A encontro na cozinha, enchendo as garrafinhas de suco de laranja e aos seus pés, os



cachorros estão deitados, aguardando um pequeno gesto de carinho. Sorrio, aproximando-me e quando estou perto o suficiente, faço carinho em suas cabeças.

— Amor, você colocou comida para eles? - pergunto.

— Não, pensei que você tinha colocado.

Me levanto, pego a ração dos cachorros e coloco em suas vasilhas. Em poucos segundos, os gatinhos aparecem miando e se esfregando em minhas pernas. Pego a ração dos gatinhos e coloco em suas vasilhas. Eles comem, como se estivesse passando fome há dias, que exagero. Michelle fica do meu lado, olhando para eles e sorrindo.

— Vamos? - a chamo e ela acena positivamente.



Qual o problema desses filhos da puta? O que eles querem olhando para a minha mulher?

Ela é minha e somente minha! Inferno! Eles não podem ficar a olhando, sem nem ao menos disfarço. Que bosta!

De uma coisa eu tenho a fodida certeza, se aquele monte de merda continuar a encarando, ele vai ficar sem os olhos. Por quê? Porque, eu irei arrancar! Sem pena e remorso algum! Ele não tem outro lugar para olhar? Inferno!

Olavo, se acalme... Vamos lá. Uma vez li que contar de trás para a frente, faz com que os nervos se acalmem. Vou colocar isso em prática, agora. E Deus me ajude, se ele continuar a encarar, eu quebro ele.

10. Ele vai mudar a direção do olhar dele, Olavo...

9. Ele vai...

8. Ele não está olhando para a bunda dela...

7. Não está...

6. Eu só estou ficando louco...

5. Eu vou matá-lo...

4. Esquartejá-lo...

3. Michelle não vai gostar, se eu fazer uma cena...

2. Controle, cadê você?

— Olavo! - olho para minha esposa, que está deliciosamente suada, me chamando.

— Sim? - rosno.

— Por que você está encarando aquele cara? Eu estava te observando e você não tirava o olho dele – diz, sorrindo e sem nenhum humor aparente, a encaro.

Ela acha isso engraçado?

Permaneço ao seu lado, enquanto ela corre na esteira. Negou-se a levantar pesos... inclusive, tem-se negado isso já faz um bom tempo, o que acho bem estranho, porém é compreensível. Ela não precisa levantar peso, nem nada mais. Minha mulher é linda de qualquer forma.

— Ele está olhando para a tua bunda. Eu estava procurando controle para não partir a cara dele em pedacinhos aqui - digo e sorrio docemente.

Ela sorri.

— Amor, você não é normal. Deixa o cara olhar, o importante é que eu não quero saber dele. Só de você – diz, sorrindo provocadoramente.

— Eu sei, mas entenda ele está olhando para o que é meu - rosno.

Ela revira os olhos.

— Sendo assim, vou ter que arrancar os olhos daquela loira falsificada que está te encarando desde o momento que chegamos aqui – diz, com o rosto vermelho. Ela está ficando louca. Que mulher é essa? Olho ao redor e não vejo mulher alguma me olhando. — A descarada está vindo para cá. Hoje ela descobre que não se encara macho alheio – diz, batendo o dedo no apoio da esteira.

— Você está louca. Não tem mulher nenhuma me encarando - sussurro. Ela arqueia uma sobrancelha.

— acredite em mim, tem sim e ela está vindo para cá - diz, olhando para a frente. Sigo seu campo de visão e vejo uma loira, dos olhos azuis e coxas enormes...

Paro minha análise com um tapa de Michelle, fazendo com que eu volte meu olhar para ela que me encara com o rosto vermelho, da cor de um tomate e o maxilar travado.

— Você estava a avaliando? - rosna e eu arregalo os olhos.

— Eu apenas olhei para onde você estava olhando...

— Você estava a avaliando - afirma.

Não posso evitar quando meu rosto todo esquenta, ao vê-la semicerrando os olhos.

— Amor...

— Não diga nada, Olavo - rosna, puxando algumas respirações profundas. Meu deus, ela enlouqueceu!

A loira sobe na esteira que fica ao lado da que a Michelle está. Ela olha para mim e sorri. Michelle está a olhando com os olhos semicerrados. Vai dar merda! Eu sinto isso do meu mais profundo ser.

— Perdeu alguma coisa, queridinha? - Michelle pergunta, diminuindo a velocidade da sua esteira.

— Não, por que? - a loira pergunta, olhando para minha mulher.

— Por que está encarando MEU marido? - pergunta, furiosa.

Tudo bem, ela é mais ciumenta que eu. Isso, não poderá negar jamais.

— Amor - a chamo e ela me olha, com o rosto retorcido de raiva. \_ Não precisa disso...

— Claro que precisa! O que ela quer olhando assim para você? Porra, você é meu - rosna. Não, nosso ciúme é na mesma medida. Ela fica tão linda com ciúmes. Minha vontade agora é de pegá-la e a levar para qualquer lugar onde eu possa me enterrar nela sem interrupções. Gostosa e minha.

— Acho melhor nós irmos embora, vem - a chamo, pegando em seu braço. Ela puxa seu braço de meu aperto e me encara com ódio. Gente, o que está acontecendo com essa mulher? Estava tudo bem agora pouco.

— Não vou para lugar nenhum! Vou quebrar a cara dessa mulherzinha! - rosna. — Você pensa que eu não vi, você mordendo o lábio olhando para ele? - pergunta, com o dedo apontado para ela.

— Não estou cega e esse homem é uma delícia! - diz, sorrindo para mim.

Que descarada!

— Vou arrancar esse cabelo falsificado de uma vez - diz e avança para a mulher.

A agarro, segurando-a em meus braços.

— Calma, amor - sussurro, em seu ouvido. Sua respiração está rápida e... Ela aperta meu braço com as unhas. Porra! Vai me furar mesmo? — Você pode até me rasgar com essas unhas, mas eu não vou te soltar!

— Me solta! Você não pode me proibir de dar uns tapas na cara dela! - rosna, completamente descontrolada!

— Amor, calma... - De repente, ela fica mole em meus braços e o aperto de suas mãos em meu braço termina, fazendo-me arregalar os olhos. -- Michelle? - sua cabeça cai em meu ombro completamente mole. Ela desmaiou? — Michelle! Amor! - a chamo.

O que está acontecendo? Várias pessoas aparecem ao nosso redor.

— Ela desmaiou? - uma mulher pergunta.

Aceno, porra.

— Michelle, amor – a chamo novamente, sentindo lágrimas em meus olhos, tamanho é meu desespero. Não pode acontecer nada a ela. CARALHO.

— É melhor levá-la para um hospital - a mulher fala, olhando para Michelle.

Sem saber o que eu devo fazer, sigo o que essa mulher desconhecida diz. Pego minha mulher nos braços e corro até a saída da academia, onde está o meu carro. Assim que o destravo, a coloco no banco e corro para o banco do motorista, dando partida, logo em seguida.

Nada vai acontecer a ela...

Nada...

Ela vai ficar bem...

Ela é forte...

Nada pode acontecer...

Ela não tem nenhum problema de saúde...

Por que desmaiou?

Vou repetindo esse mantra na minha cabeça até que chegamos ao hospital. Estaciono o carro e corro para a entrada de emergência. Paro no balcão e olho para a moça.

— Minha mulher desmaiou. Não sei o porquê. Ela está no carro – digo, de uma vez.

— Traga ela. Vou pedir uma maca para um enfermeiro - diz e chama um rapaz. Não fico para escutar o que ela vai dizer. Corro de volta para o carro e tiro minha mulher, que está com o rosto sereno. Parece que está dormindo... Droga.

Nada vai acontecer, ela está bem..

Deve ter sido apenas uma queda de pressão... Claro.

Só pode ser isso...

Só tem que ser isso...

## Capítulo 18

OLAVO PEIXOTO

Onde aquele médico da porra se meteu? CARALHO! E se aconteceu algo grave com ela?

Se tiver acontecido, não vou me perdoar jamais!

Não vou conseguir viver sem ela, não vou!

*Porra!*

Por que isso está acontecendo comigo, logo agora?

Por quê?

Desde a hora que cheguei com Michelle, o médico disse que iria examiná-la e como eu estava muito nervoso, pediu que eu esperasse aqui do lado de fora. Como ele pede uma coisa dessa para mim? Porra! Meu Deus...

E se acontecer algo com ela?

O que vou fazer da minha vida?

Ando de um lado para o outro, com as mãos na cabeça. Isso só pode ser alguma pegadinha... Meu deus, não permita que algo aconteça a ela... por favor... Ela é o meu tudo... por favor...

— Senhor Peixoto? - um senhor baixinho, de cabelos grisalhos me chama, tocando em meu ombro.

— Sim - respondo, examinando seu rosto com meu olhar.

— O senhor é marido de Michelle Peixoto? - pergunta, olhando em uma prancheta.

\_ Sou eu - respondo e o observo com atenção.

Que não seja nada... que não seja nada... Por favor...

— A sua esposa teve uma queda de pressão - suspiro.

Obrigada, meu Deus. Muito obrigada.

— Já posso vê-la? - pergunto, passando as mãos na calça que estou vestido. Sim, eu estou nervoso... nervoso é pouco...

— Deixe eu acabar, homem – fala, sorrindo. *Aí meu Deus, tem mais?* — Tenho uma notícia boa e uma ruim. Qual você quer ouvir primeiro? – pergunta, sorrindo.

Por que ele está sorrindo?

— A ruim - digo, temeroso.

— Sua esposa, terá que passar a noite aqui – diz, me olhando.

— Mas não foi apenas uma queda de pressão? – pergunto, confuso.

— Sim, ela precisa ficar em observação, por causa do seu estado - diz, olhando para sua prancheta e depois para mim.

— Estado? - pergunto sem entender. *Se esse idiota de médico falar minha língua eu iria adorar.*

— Sim. A notícia boa...

— Como pode ser boa? Se ela ainda vai ter que ficar aqui? - o interrompo.

— Deixe eu falar, homem – pede, sorrindo.

\_ Desculpe - suspiro, baixando meu olhar para o chão, para que eu possa esperar o baque que virá em seguida.

Espero que não seja nada grave.

— Sua esposa está grávida...

Ele continua a falar, mas eu não escuto mais nada que ele diz. Porra! Ela está grávida.

Grávida.

Grávida.

GRÁVIDA, PORRA!

Eu vou ser pai.

Pai...

Eu sempre quis ser pai, ter um menino ou uma menina me chamando assim... de pai... acho que estou ficando meio bobo, mas quem liga? Eu vou ser pai, PORRA! Melhor notícia que eu poderia receber hoje. Melhor notícia.

— Eu quero ver minha mulher – digo, sorrindo com o meu coração batendo desenfreadamente dentro do meu peito.

— Ela está no quarto. O senhor pode ficar com ela. Amanhã ela precisa ter uma consulta com um ginecologista. Hoje, ficará aqui - diz, olhando para mim.

— Doutor, venha até aqui, por favor - a recepcionista o chama.

Ele acena e olha para mim.

— Tenho que ir. Ela está no quarto 58. Amanhã, pela manhã, eu vou até o quarto para liberá-la - aceno, concordando e saio, correndo pelo maldito corredor, em busca do quarto.

De um lado 35... Do outro 76... Se eu continuar indo, eu acho...

Depois de ter caminhado bastante e ter errado de corredor 3 vezes, consigo achar o quarto dela. Isso tudo é nervosismo.

*EU VOU SER PAI, PORRA!*

*Tem como um homem ficar mais feliz?*

*Tem? Não...*

Entro no quarto e encontro minha mulher deitada, passando a mão carinhosamente por sua barriga. Porra, essa cena... Queria ter gravado... Quando ela percebe minha presença, me olha e sorri. Um sorriso lindo e cheio de covinhas. Essa mulher é meu tudo. Meu tudo.

Minha única reação é correr até ela e abraçá-la.

Porra, como eu estou feliz.

— Estamos grávidos! – digo, feliz.

— Médico bicudo! - resmunga, com um bico se formando em seus lábios.

Levanto minha cabeça e a encaro, com uma careta no meu rosto.

Não consigo compreender.

— Por que? Você não queria que eu soubesse? - pergunto, atônito.

— Não agora - diz, suspirando.

— Por quê? - pergunto. Agora estou magoado.

Ela sabe o tanto que eu queria ter um filho com ela, por que diabos me deixa nesse estado?

— Por que eu queira fazer uma surpresa, mas o médico fofoqueiro, estragou – resmunga,

fazendo biquinho e eu sorrio, sentindo meu peito relaxar um pouco.

— Não tem pro...

— Lógico que tem. Eu passei dias, pensando em uma maneira de fazer uma surpresa e contar...

— Dias? Você sabia desde quando? - pergunto, me afastando.

— Semana retrasada. Eu passei mal no hospital e me atenderam. O ginecologista disse que eu estava com 9 semanas... – arregalo os olhos. Nove semanas, porra... — Eu estranhei, até porque eu não tinha tido outro sintoma de gravidez. A minha menstruação veio, não senti enjojo, nem essas coisas que as mulheres normalmente sentem, quando estão no começo da gravidez. O médico fez alguns exames e constatou que eu estava grávida - suspira.

— Era para eu estar com você, por todo esse tempo - resmungo e ela ri.

— Não era para você ter descoberto agora - resmunga de volta.

— Estou muito feliz! – digo, sorrindo e ela sorri também. Passa a mão por meu rosto e deposita um beijo carinhoso em minha bochecha.

— Também estou feliz. Eu ia fazer algo grande. Eu sei o quanto você queria ter um filho... Agora teremos... – diz, sorrindo. Me abaixo e beijo sua barriga. Ela não está grandinha ainda...

Não vou mentir, quero muito que ela cresça logo.

Desejo de pai...



— Olavo, para - rosna. — Eu posso andar sozinha.

— Não quero que você faça esforços, amor – digo, a colocando no chão novamente.

— Desde quando caminhar é fazer esforço, Olavo? – pergunta, revirando os olhos.

— Desde que você desmaiou na academia e...

— Eu desmaiei, porque tive uma queda de pressão. Apenas. Chega disso. Me deixa em paz. Estou grávida não doente. Me deixe – diz, caminhando até o banheiro para se vestir.

\_ Você quer que eu...

— Não quero, não precisa. Posso me vestir sozinha - me corta e entra no banheiro, fechando a porta do banheiro com força.



*Isso já são os hormônios?*

*Meu deus, estou ferrado com esses hormônios do cão.*

## Capítulo 19

OLAVO PEIXOTO

**M**ulher teimosa! Não me escuta, meu Deus! O que custa, ela me escutar nem que seja por uma vez na vida? Vai me deixar louco! Pode anotar...

Depois de ter ficado uma noite no hospital, o médico deu um encaminhamento e pediu que nós fôssemos até um ginecologista. Nós fomos. O médico pediu que ela ficasse em repouso e que não fizesse muito esforço, que comesse comidas leves... Coisas que ela já sabe, mas que ele fez questão de reforçar.

Agora, você pensa que ela repousou, depois que chegou em casa?

Porra nenhuma.

Não existe uma mulher mais preguiçosa que a minha, para fazer faxina. E não sei de onde, hoje ela resolveu que iria fazer faxina. Mesmo com meus protestos ela tirou tudo do lugar, para varrer e em seguida passar o pano. Agora, eu me pergunto, qual parte do "não faça esforços" ela não entendeu?

Suspiro, levantando-me da cama e vou atrás dela na sala, de onde está vindo o som alto. Assim que chego a sala, meu susto não poderia ser maior... ela está rebolando até o chão! Vestida apenas com uma calcinha box e camiseta!

Porra, ela quer me matar?

Caralho, não posso lidar com uma coisa dessas!

Quer dizer, claro que posso, mas não posso. Ela tem que descansar e eu tenho que respeitar isso.

— Amor - a chamo, mas ela não escuta. O som está muito alto. — Amor! - chamo novamente e ela não escuta. Caminho até a o som e diminuo o volume. Ela para de dançar e me encara. — Pode ir descansar, eu acabo a sua faxina.

— Se eu quisesse que você fizesse a faxina, eu teria deixado para você fazer - me encara, séria.

— Você precisa descansar - digo, mais uma vez. Essa mulher parece que é louca...

— Não preciso. Não estou doente, Olavo - diz, revirando os olhos.

— Eu sei, você está grávida. Precisa descansar. Então, vai descansar!

Eu falo, mas me arrependo no segundo seguinte, quando ela me olha com raiva.

— Não ouse me ordenar a fazer alguma coisa! Quem você pensa que é? - rosna, com os olhos semicerrados.

— Não se exalta, calma - suspiro. O que está acontecendo com ela? Se irrita com tudo.

Ela respira fundo e me olha.

\_ Tudo bem, Olavo. Tudo bem. Eu não quero brigar. Eu não vou brigar. Vou ficar quieta - fala e joga a vassoura que estava segurando de qualquer jeito no chão.

Nossa, que estresse...

Acabo de varrer a casa e em seguida passo o pano. Lavo as louças e deixo para secar, em cima da pia. Michelle precisa entender que eu não sou nenhum maldito vilão na nossa vida. Tudo que eu falo é porquê me preocupo. Por que não me escuta?

Coloco as roupas na máquina de lavar e arrumo os produtos da lavanderia na estante de cima. Quando finalmente acabo, vou para o banheiro tomar um banho. Ligo o chuveiro e entro debaixo. Deixo a água escorrer por meu corpo, tirando toda a sujeira e o cansaço que resta...

Duas mãos enlaçam minha cintura, seios em minhas costas, as mãos descem...

Descem...

Ela quer me torturar! Essa mulher me odeia?

— Você sabia, que mulheres grávidas, ficam com mais tesão? - sussurra, em meu ouvido. — Eu sou uma mulher grávida e estou com tesão - morde o lóbulo da minha orelha e sorri.

— Você não pode fazer esforço...

— E quem disse que vou fazer esforço? - pergunta, sorrindo.

— Você é uma safada! - digo, sorrindo. Me viro ficando de frente para ela e a pego nos braços. A encosto na parede e começo a beijá-la. Michelle, puxa meu cabelo e intensifica nosso beijo.

Aperto seu quadril, sua bunda, sua coxa...

Porra de mulher gostosa!

Ela morde meu lábio inferior e rebola no meu pau ereto. Michelle sorri e me encara, olhando em meus olhos.

— Eu te amo! - diz.

— Também, te amo! - digo e a beijo com mais fome e desejo que todas as vezes.



— Estou sensível, Olavo - diz, gemendo.

— Você quer mais forte? - pergunto, rouco. Ela me olha e passa a língua pelos lábios. Me inclino e a beijo insanamente.

Ela se separa e aproxima meu quadril do dela, com as pernas.

— Eu sempre quero mais - diz e eu sorrio. Isso é música para meus ouvidos.

Assim como ela diz, eu faço.

Forte, rápido, intenso...

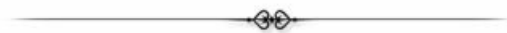
Ela geme, grita, me arranha...

Gemo...

A beijo...

\_ Quero gozar... Vai mais... - pede, toda vermelha e sem pudor. Mulher sacana.

— Toma... Toma tudo... É tudo teu!



—Vamos? - pergunto, a ela. — Já estamos atrasados.

— Já estou acabando - fala, colocando uns brincos na orelha.

\_ Tudo bem - digo, encostando-me na parede e fico a observando.

Eu sou um homem muito sortudo, porra.

Tenho uma mulher maravilhosa, que me ama e que eu amo, tenho gatos, cachorros e agora... Vou ser pai.

Porra, eu vou ser pai. Mais feliz que isso, só ganhando na loteria...

— Pronto, acabei - se vira para mim e sorri. Ela está linda com esse vestido longo preto. — Você acha que já dá para perceber? - pergunta, olhando para a barriga.

Sorrio.

— Ainda não - digo, sorrindo e ela faz um bico tão lindo, que me faz suspirar, só em tê-lo ao alcance dos meus olhos.

— Estou ansiosa para ela crescer logo - diz, sorrindo. Se aproxima de mim e me abraça. — Estou tão feliz.

— Eu também, não sei se seria mais feliz na vida

Ela se afasta, sorrindo e alisando o vestido mais uma vez.

— Vamos? - me chama.

— Você vai contar para sua tia que estamos grávidos? - pergunto, pegando a chave do meu carro de cima da nossa cômoda.

— Sim – diz, sorrindo.

— Certo, vamos.

Abro a portão da garagem e coloco meu carro para fora. Michelle o fecha e caminha devagar até o carro.

— Vizinho! - aquela voz irritante, novamente. Michelle anda mais rápido e entra no carro. Seu semblante antes sereno, agora é sério.

— Estou de saída, Francisca - digo, dando partida no carro.

— Para onde está indo? - pergunta.

Para quê ela quer saber?

— Isso não te interessa, Francisca. Pode deixar que da vida do MEU marido cuido eu – Michelle diz, friamente, dando ênfase ao "meu", toda possessiva.

— Só fiz uma pergunta, vizinha – fala, revirando os olhos. — É que estou sem fazer nada em casa e queria saber se vocês não gostariam...

— Não, nós não gostaríamos. Estamos atrasados. Vamos, Olavo - Michelle rosna, furiosa, apertando minha perna.

Faço o que ela manda. Dou marcha e acelero, afastando-me dessa louca perseguidora.

— Ela não tem vergonha? – pergunto, incrédulo.

— Ela faz isso para me provocar, Olavo. Já percebi, mas ela ainda vai ter o dela. Pode ter certeza - ameaça.

— Michelle, por favor. Você não se meta em brigas. Você está grávida.

— Não vou me meter em brigas, relaxa - diz, sorrindo docemente.

Ela pensa mesmo que eu não a conheço.

Tenho que ficar atento nela.

Em poucos minutos, chegamos a casa da tia de Michelle. Estaciono o carro em frente e descemos. Antes mesmo que toquemos a campainha, uma mulher baixinha, gorducha, de um sorriso encantador, abre a porta.

Dona Bernadina.

— Nossa, que demora. Pensei que não viriam mais – diz, sorrindo. Puxa Michelle até ela e a abraça. Fala algo no ouvido de minha esposa, mas não consigo escutar. — Olha, que esse menino está muito bonito, formoso – diz, se separando de Michelle, para vir me abraçando.

Sorriso.

— Muito bom ver a senhora - digo e ela sorri, separando-se de mim.

— Muito galante. Em outros tempos, se eu escutasse uma voz dessa no meu ouvido, já estaria toda molhada – diz, sorrindo.

Arregalo os olhos e Michelle ri. Não mencionei? Ela é meio doidinha...

— Tia! - Michelle a repreende, sorrindo.

— Estou sendo sincera, apenas. - Aperta meu braço e abre a boca. — Forte.

— Tia, largue meu marido - Michelle pede, sorrindo.

— Está com ciúmes? De mim? – pergunta, sorrindo.

— Meu Deus, olhem para o homem. Está todo vermelho. Parem de constrangê-lo - a prima de Michelle, diz sorrindo. Não lembro o nome dela...

— Vamos entrar - Dona Bernadina me puxa para dentro e logo em seguida Michelle. — Demoraram demais, nem vamos ter uma boa conversa de entrada. O almoço está na mesa, vamos começar por ele, porque já estou com fome.

## Capítulo 20

OLAVO PEIXOTO

**D**ona Bernadina, como sempre, muito adorável.

Fez da nossa visita, um momento bem agradável e engraçado. Quando Michelle contou a ela que estava grávida, a mulher só faltou dar pulinhos de alegria. Contou a todos da casa que agora iria ser tia-avó novamente e logo da sua sobrinha amada. A sobrinha que ela ajudou a criar e que hoje está uma mulher maravilhosa, bem casada e grávida. *Palavras dela*. Eu não falei nada, apenas fiquei sentado achando graça da animação delas.

Sorriso.

Depois que acabamos de almoçar, Dona Bernadina pediu que nós ficássemos para o lanche. Nós ficamos e depois, para o jantar. Ficamos. Resumindo, saímos de lá já era de madrugada. Ela não queria deixar que nós fôssemos embora. Disse que queria acompanhar a gravidez e que iria ficar na nossa casa ajudando Michelle no que ela precisasse. Você pensa que ela pediu? Não, ela nos comunicou que assim seria. Eu e Michelle, apenas concordamos.

Como é que vamos discordar dela?

Quando chegamos à nossa casa, encontramos uma bagunça enorme. Almofada jogada e rasgada, areia espalhada por toda a sala, cocô no canto da parede, xixi na porta da varanda, os cachorros dormindo em cima do sofá e os gatos deitados em cima da televisão.

Adivinhe, quem limpou tudo? Você acha que foi o pateta do Olavo? Oh, sim.

Você acertou! Eu limpei tudo.

Michelle chegou cansada e foi direto para nosso quarto dormir. Eu não discuti, já iria mandá-la ir descansar mesmo. Nós comemos muito e... não posso deixar de pensar que tenho que arrumar um quarto para a dona Bernadina dormir. Na sala é óbvio que ela não vai ficar, mas depois penso nisso.

Pela manhã, não tinha muita coisa rasgada, graças a Deus. Até porque, não daria tempo para que eu pudesse arrumar. Michelle fez nosso café da manhã, comemos e fomos trabalhar. Eu fiz questão de deixá-la no trabalho essa manhã. Ela ficou resistente, mas logo a convenci. Vou ficar de olho nela, o máximo que eu puder. Não vou marcar bobeira.

Agora, estou em pé, observando um dos pedreiros construir um muro e estou a cada dia mais

preocupado. Eles estão me dando muito prejuízo. Mais cedo, quebraram a máquina de cortar cerâmicas e agora, derrubaram cimento dentro da tinta de pintar a sala.

Paciência, tenho que ter muita paciência.

— Senhor, tem uma mulher o procurando lá fora – o servente novato me diz.

Me procurando? Mais problemas?

— Qual o nome dessa mulher? – pergunto.

— Ela não disse – fala, dando de ombros.

Sorrio e aceno.

—Tudo bem. Vou ver quem é – digo e caminho para a entrada. Uma mulher está em pé com uma criança no colo e outra do seu lado.

Minha cabeça grita que é problemas, mas mesmo assim, eu caminho em direção a elas.

— Está me procurando? – pergunto, a encarando, vendo que ela está com uma aparência muito cansada.

— O senhor é o dono da obra? – pergunta, me encarando de volta.

— Eu estou responsável pela obra, posso ajudar? – ela me olha e desvia o olhar.

— Meu marido trabalhava para o senhor. Ele sofreu um acidente e não está podendo trabalhar. O senhor pode me arrumar um dinheiro para comprar o leite das crianças? – pergunta, com os olhos cheios de lágrimas.

— Qual o nome do seu marido?

Coitada, deve estar passando muita necessidade e se tem uma coisa que eu aprendi na minha vida inteira é que se puder ajudar aquele que necessita mais, então que ajude, porque hoje é ela, amanhã... bem, ninguém sabe o que pode acontecer amanhã, certo?

— Afonso. Ele é pedreiro. Um carro bateu na moto que ele estava dirigindo e ele quebrou o braço e as pernas. Não sei o que vou fazer para criar meus filhos. Não tenho com quem deixar. Não tenho família, não tenho ninguém. A família do meu marido, não é muito ligada a ele – diz, chorando e olhando para a criança que está no seu colo.

Arregalo os olhos e me aproximo para ver a criança.

— É menino ou menina? – pergunto.

— Menino – diz, fungando.

— Qual o nome dele? – pergunto, a olhando.



— Gabriel – diz. – Ele só tem dois meses. Não sei se vou conseguir criá-lo. Não tenho condições e meu leite não o alimenta, estou desesperada.

— De quanto a senhora precisa? – pergunto, tirando a carteira do bolso.

— Quanto o senhor puder me dar – diz, fungando.

Aceno e tiro trezentos reais da carteira, dando a ela, logo em seguida.

— Compre o leite para ele e comida para vocês – digo, a entregando o dinheiro.

— Muito obrigada, nem sei como agradecer – diz sorrindo, em meio as lágrimas.

— Tudo bem, não precisa me agradecer – digo, sorrindo para ela. Ela acena e se vai. Me dá pena ver essas coisas.

Mas o que eu posso fazer? Se não ajudar com dinheiro? Como posso fazer?



— Michelle, come tudo, você precisa se alimentar direito – digo, a encarando. Comeu a salada e deixou a carne de lado.

— Estou satisfeita. Ainda estou cheia da comida da tia Bernadina – diz, sorrindo.

— Claro, você comeu mais que uma porca – digo, brincando e ela me fuzila com o olhar.

— Está me chamando de porca? Seu idiota!

— Claro que não. Eu disse que você comeu mais que uma. Não que você era uma.

— Mas, você me comparou a uma, idiota – diz, olhando para o outro lado.

Levanto-me, me aproximo dela e a beijo.

— É brincadeira, amor. Calma – digo, sorrindo.

— Eu sei, estou sem paciência. Paga logo e vamos embora. Quero chegar logo. Vou organizar umas coisas e tenho consultas mais cedo.

Pega um espelho da bolsa, batom e o passa nos lábios.

— Você é quem manda – digo e levanto o braço, chamando o garçom. Quando ele chega, pago a conta e vamos embora. Quando chego em frente ao hospital, ela me beija e sai. A observo caminhar, parar e voltar. Abre a porta e entra novamente.

— Esqueci de te falar. Tia Bernadina, vai para nossa casa, hoje – diz, me beija e sai do carro,

sem esperar que eu responda.

Odeio quando ela faz isso. Já sabia que ela ia, avisou-me ontem, quando fomos deitar.

Suspiro, dando partida no meu carro, para que eu possa dirigir até a obra.

Quando chego na obra ainda é muito cedo, os pedreiros ainda não voltaram do almoço, o que só resta nada mais que um Olavo só e pensativo. Saio do meu carro e caminho até a entrada, mas um choro infantil abafado, me faz parar, com um conjunto de sensações rondando o meu corpo e não é de maneira positiva.

Meu estomago revira com a quantidade de frio que se instala dentro do meu corpo, a medida que o som fica ainda mais alto e mais próximo. Isso não parece estar vindo de dentro de uma das casas vizinhas... como ninguém consegue escutar todo esse choro? Olho para o lado e caminho em direção ao choro, vendo que, provavelmente, está vindo dos sacos de argamassa vazios. Minha respiração fica presa no meio da minha garganta e eu considero tão difícil continuar respirando, enquanto continuo me aproximando e... Meu Deus!

Não acredito que aquela mulher fez isso! Eu dei dinheiro a ela... A criança está largada no meio dos sacos de argamassa, meu Deus! E esse sol quente? Eu poderia gritar por ajuda, poderia bater na porta de algum vizinho e pedir para que venham até aqui, mas ao contrário de tudo isso, eu me abaixo e estendo as minhas mãos em direção ao corpinho delicado e sujo que grita aos quatro cantos, o quanto aquele lugar está o deixando completamente incomodado.

Sem conseguir controlar os meus impulsos, eu o pego nos braços e o levo para o meu carro, a passos rápidos, até que eu possa abri-lo e entrar. Quando já estou dentro, juro que tento, de alguma forma, buscar respirar ou até acalenta-lo, mas ele não para de chorar, então eu ligo o ar, sem saber o que eu posso fazer.

Meu Deus! Ela largou o próprio filho, no meio do sol tinindo de tão quente.

Que maldade! Faço a única coisa que passa pela minha cabeça no momento. Ligo para minha mulher, que graças a Deus me atende no terceiro toque, mas o menino está chorando e pouco eu consigo escutar.

*O que ele quer?*

— Já está com saudades? Que choro é esse? – pergunta, assim que atende.

— Michelle, o que eu faço? – pergunto, nervoso. Meu corpo está tremulo e eu não sei que passo devo tomar, não sei o que devo fazer, a quem mais chamar...

Estou perdido.

— Se acalma. O que aconteceu? Que choro é esse?

— Abandonaram uma criança em frente a obra. O que eu faço? – pergunto novamente, vendo-o ficar com seu rostinho todo vermelho, devido toda a irritação que sente no momento.

— Abandonaram? – pergunta e eu sinto a descrença nas suas palavras.

Agora não, Michelle... por favor!

— Sim. Ele estava exposto no sol... – paro de falar, quando percebo que tem algo escrito no pano que ele está a enrolado.

*“Não tenho como cuidar dele. Faça o seu melhor. Ele não é registrado. Não sabia o que fazer. Me desculpe.”*

Arregalo os olhos.

Que porra!

— Olavo! – Michelle me chama.

— Ela o abandonou. Ela... Ela...

Oh meu Deus!

— Calma, Olavo. Calma. Onde você está? – pergunta, tentando me dar calma.

— Na obra.

— Onde fica? – pergunta e eu lhe dou o endereço automaticamente. — Não sai daí. Estou indo, me espera.

# Capítulo 21

OLAVO PEIXOTO

**M**ulher irresponsável!

Ela não é humana, meu Deus!

Como deixa uma criança de dois meses de vida, no meio do sol quente? E em cima de sacos de argamassa? Por que?

Ele está chorando e eu não sei o que fazer. Michelle disse que já estava vindo e até agora nada... E ele está chorando... Será se está com fome? Ou está doente?

Tantas pessoas querendo ter filhos, criar um bebê e ela joga o bebê a sua própria sorte em uma calçada de uma obra e ainda por cima no meio do sol quente. Ela é mãe dele, meu Deus! Mãe! Não sei o que fazer!

Estou nervoso. Muito, mesmo.

Me assusto, com uma batida na janela do carro. Olho para o lado e quem eu vejo me traz alívio. Michelle.

— Olavo, pelo amor de Deus! – fala, tampando a boca com as mãos, chocada. Ela não está diferente de mim.

Suspiro, ainda com meu corpo todo trêmulo.

— Entra pelo outro lado – digo, ainda nervoso, minha voz tão vacilante quanto os meus atos.

Ela acena e caminha rapidamente em volta do carro. Ao entrar, ela me encara.

— Eu não sei o que fazer. Ele está chorando muito.

— Me dá ele – pede e, cuidadosamente, eu o entrego para ela, que o pega com jeito, aconchegando-o em seu colo.

— Ela veio até mim, hoje. O marido dela trabalhou para mim – digo, pensativo.

— Ela quem? – pergunta, me encarando com seu cenho franzido, fazendo-me suspirar.

— A mãe dele.

— Você a conhece?

— Não, ela veio até mim pedir dinheiro. O marido dela sofreu um acidente e ela não tinha dinheiro para comprar o leite das crianças... – viro-me, para que eu possa olhar nos seus olhos.  
— Amor, eu abri a minha carteira e a entreguei três notas de cem – digo, minha voz em um sussurro doloroso.

Encosto minha cabeça no volante, precisando de um tempinho para digerir tudo isso.

— Se você deu o dinheiro, por que ela fez isso? – pergunta.

— Não sei – digo, sinceramente.

É, eu não sei, mas vou descobrir. Sei o nome do marido dela. Ele trabalhou para mim. Todos os pedreiros, serventes e pintores, que trabalham para mim, tem um registro no meu computador na construtora.

Pensando assim, eu desencosto minha cabeça do volante e respiro fundo, dando partida no carro, para que possamos ir rumo a construtora.

Vou encontrar essa mulher.

— Para onde você está indo? – pergunta, fazendo-me perceber que o bebê se acalmou.

Sorrio.

— Ele gosta de você... Estava chorando muito no meu colo – digo, sorrindo e ela sorri, mas infelizmente, nem o seu sorriso agora, é capaz de me deixar menos irritado.

\_ Você é desengonçado. Não estava o pegando direito. Para onde estamos indo?

— Vou para a construtora. Lá eu tenho registros de todos que trabalham ou trabalhavam para mim.

— E vai fazer o que?

— Vou até a casa da mãe dele – digo e a olho rapidamente, voltando meu olhar para a estrada.

— Vai entregá-lo a ela? Você não pode estar falando sério, Olavo. Ela pode fazer pior com ele. Não, Olavo. Você não vai entregá-lo. Não vai – diz, com lágrimas nos olhos.

O que eu posso fazer, porra? Odeio vê-la chorar, mas isso é o certo a se fazer.

— É preciso. Ela é mãe dele. Ele precisa dela. Ele, aparentemente, só tem dois meses. Precisa de leite materno – digo, sem saber que fazer.

Isso é o que me parece certo.

— Ele precisa de alguém que o queira, que o crie com amor. Ela não o ama. Olha o que ela fez – diz, chorando.

— E o que você quer que eu faça? – pergunto, confuso.

— Não entregar ele a ela – diz, fungando. — Ele não está bem agasalhado, os dedinhos sujos, o cabelinho cheio de nós. Ela não cuida dele.

— Michelle, o que vamos fazer com ele? – pergunto, completamente perdido.

Ela olha para o pano que ele está enrolado e vê o que tem escrito.

— Faça o seu melhor? Faça o seu melhor? Eu li isso? Ele não vai ficar com ela! Não vai! Me nego a permitir que você faça isso! Me entendeu, Olavo?

Ela está chorando. Eu não sei lidar, com uma Michelle chorando.

Sem perceber o que estou fazendo, estaciono o carro no estacionamento da construtora.

Olho para Michelle, vendo sua dor e compaixão pelo bebê.

— Me espere – digo e saio do carro, sem voltar o meu olhar para os seus olhos, porque eu sei que eu não seria capaz de ser um homem racional completo.

Corro para dentro da construtora e rapidamente entro no elevador. Quando chego ao andar que trabalho, corro até a minha sala e fecho a porta. Não posso imaginar no quanto o ser humano pode ser perverso, meu Deus. Não a esse ponto e logo com uma criança... um ser frágil, que só precisa de amor e carinho. Ligo o computador e me sento na cadeira. Ele demora alguns segundos para ligar, mas quando liga, não demoro a procurar o que quero.

Qual o nome do homem mesmo?

Arnaldo? Não.

Alberto? Não.

Fernando? Não.

Começa com A, disse eu sei. Mas como é? Ele tem o mesmo nome de alguém que eu conheço...

Afonso!

Afonso!

Nossa que aleatório. Sorrio. Procuro por Afonso e encontro três. Um servente, pintor e pedreiro. O que estou procurando é pedreiro. Ele mesmo. Afonso Silva Cunha. Ele mesmo. Anoto seu endereço e desligo o computador, em seguida. Tranco a porta da minha sala e saio correndo no corredor, indo em direção ao meu carro.

O bairro em que Afonso mora fica do outro lado da cidade, bem afastado e para ser bem sincero eu não tinha escutado nada sobre ele antes e para encontrá-lo, tive que sair perguntando para algumas pessoas que eu parava na rua. Assim que consegui encontrar a rua em que ele mora, foi fácil de localizar a sua residência, já que é tão conhecido pelas outras pessoas.

Estaciono meu carro do outro lado da rua, a poucos metros de estar em frente à sua casa, tendo a visão de duas senhoras conversando ali ao lado da sua porta.

— Olavo, por favor, não faz isso – pede Michelle com sua voz chorosa, fazendo-me contestar o meu interior que grita para que eu a escute, mas a raiva que me corrói por dentro é tamanha que não consigo escutá-la.

— Fica no carro.

Abro minha porta e saio do carro, fechando-a no processo. Observo as mulheres bem ali, conversando e tomando algumas respirações, aproximo-me de onde estão, com um pouco de hesitação correndo por dentro de mim.

Quando estou bem perto delas, vejo que me olham de cima a baixo com seus olhos semicerrados, como se estivessem suspeitando da minha chegada repentina. Sinto meu coração se apertar aqui no meu peito, mas não me deixo levar pela emoção... eu simplesmente não posso.

— Boa tarde, vocês sabem se o Afonso está em casa? – pergunto, olhando de uma para outra, que me devolvem um suspirar, seguido de dramáticas balançadas de cabeça.

— Ele morreu – uma delas fala, sem nenhum rastro de tristeza no rosto.

Arregalo os olhos com a surpresa correndo por dentro de mim, como uma avalanche de pura loucura escorrendo por dentro de mim.

— Quando? – pergunto, chocado.

— Hoje pela manhã.

— Ele não vai mais poder assaltar ninguém.

— Josélia, não fala isso. Que feio.

— Estou falando a verdade. – A tal Josélia olha para mim e empina o nariz, ainda permanecendo séria. Em seu rosto não vejo rastros de arrependimento. — O que você quer com ele? Veio cobrar algo? A mulher dele está aí dentro.

— Deve arrumando as coisas para ir embora – a outra comentando, mostrando um bico de puro desgosto... ou seria nojo?

— Por quê? – pergunto, franzindo o cenho, devido a quantidade de adrenalina que escorre por mim nesse momento.

— Estão atrás dela, porque está devendo até o olho da cara para os traficantes – diz, com desgosto.

— Tenho pena dos filhos dela. Só eles que sofrem com os pais que tem – a outra fala, balançando sua cabeça.

— Aparecida me disse que viu ela vendendo o menino mais velho para o Boca perversa.

A surpresa que bate contra o meu organismo agora é tamanha, que por um instante, até acredito estar à beira de ter um pequeno infarto. Como uma mãe tem a coragem de vender um filho, pelo amor de Deus?

— Meu Deus! – a mulher diz. O horror mais claro que o dia, brilhando na sua face.

— Boca perversa? - pergunto.

— Sim, o dono do bairro. Pelo teu jeito, nunca andou por aqui. O que quer?

— Eu só vim saber, porque Afonso não foi mais trabalhar – minto, sentindo meu rosto ficar vermelho.

— Ele trabalhava para você?

— Sim – confirmo, balançando minha cabeça positivamente.

— Sorte sua o Boca perversa não ter ido até lá – diz, formando três ondas em seu cenho, quando os franze e volta o seu olhar para o meu rosto. — Ou foi?

— Não – digo, balançando minha cabeça. Acho melhor eu ir embora, não sei se aguento mais um segundo aqui. Me sinto enjoado... Onde eu vim parar? Com a certeza, rondando a minha mente, sorrio simpaticamente para as duas. — Já estou indo. Obrigado, pelas informações.

— Você não vai comentar com ninguém o que te dissemos, certo?

— Morreu aqui – afirmo, encarando-as.

— O boca perversa pode ir atrás de você.

— Ele pode te matar.

— Isso é para me assustar? – pergunto, fazendo uma careta.

— Não, isso é sério. Ele é temido por todos nós. Ele é dono do bairro. Ninguém vai contra o



que ele diz.

Balanço minha cabeça, com clareza rodando a minha mente. É melhor eu ir embora.

— Tudo bem, não comentarei com ninguém. Tenham uma boa tarde – digo e saio rapidamente de perto delas, voltando para dentro de onde eu nunca deveria ter saído.

Entro no carro e suspiro.

O que eu vou fazer?

Não posso abandonar ele em qualquer lugar, como a mãe dele fez.

Talvez eu devesse entregá-lo para as autoridades. Será?

— O que aconteceu? – Michelle pergunta, fungando.

— Com certeza, ele não vai ficar com aquela mulher – rosno, puxando uma longa respiração.

— Você encontrou o homem que trabalha para você?

— Ele está morto – digo, virando-me para olhar em seus olhos.

Ela arregala os olhos, com surpresa banhando seu rosto.

— Como assim? — pergunta, chocada.

— É melhor você não saber – digo, suspirando e ela acena.

— O que vamos fazer? – pergunta, olhando para o bebê.

— Não sei – digo, sinceramente, mas apenas ligo o carro e procuro sair daqui.

— Olavo.

Ela me chama e sem que precise a olhar com perfeição completa, eu sei o que ela está pensando. Eu sei. Sei o que ela quer. Sei o que ela vai pedir e não vou negar. Não depois de escutar o que aquelas senhoras disseram. Nós estamos esperando um filho, mas esse bebê... Esse bebê.

Não consigo.

— Você quer ficar com ele, não é? – pergunto, já tendo a certeza da resposta.

— Ele não está registrado. Não tem como nós entrarmos em problemas – diz, suspirando.

— Você tem certeza? – pergunto, novamente.

— Tenho.

## Capítulo 22

OLAVO PEIXOTO

**O**lavo, vamos para o hospital. Ele precisa ser examinado – Michelle pede, olhando para o bebê.

— Não vão pedir algum documento dele? – pergunto, preocupado.

— Certamente, mas eu invento algo na hora. Vamos – pede e eu concordo.

Espero que ele não tenha nada.

Como uma mãe, tem a coragem de vender o próprio filho?

Eu simplesmente não consigo filtrar, nem muito menos entender, como uma pessoa, com um pingo de amor o próximo pode ter a porra da coragem de fazer isso com um bebe, que é sangue do seu sangue e que ela gerou.

E como tem coragem de abandonar o outro no meio do sol quente?

— Amor, temos que comprar roupinhas para ele. Um berço, também. Na verdade, temos muitas coisas para comprar. Ainda hoje – diz, empolgada, mostrando-me um lindo sorriso.

Será se vai dar certo? Meu sonho sempre foi ter filhos e agora, vou ter dois...

Eu acho que não poderia estar mais feliz.

Mas, tem algo...

— Claro amor – digo.

— Você está muito calado. O que está acontecendo? – pergunta, passando a mão por meu cabelo.

— Nada. Na verdade, eu não sei – confesso e ela sorri.

— Você está nervoso. Eu te conheço – fala, sorrindo.

Eu não sei o que fazer.

Não sei, porra.

Tenho medo de estragar tudo, de algo dar errado... Não sei, são apenas sensações. Estou

nervoso, isso não se dá para negar. Estou pensando muito, mas eu não posso deixá-lo. É contra todo o meu instinto de ser humano. Jamais poderia deixá-lo a própria sorte, como aquela mulher o fez.

Me assusto com o barulho de meu celular tocando e, rapidamente trato de pegá-lo, vendo que é o mestre de obras. Suspiro, decidindo que não vou atender e que não volto hoje para a obra. Tenho muito o que comprar, muito o que fazer.

Tenho que cuidar do meu filho.

Meu filho, nossa.

Continuo a dirigir rumo ao hospital e em pouco tempo, estou estacionando meu carro no estacionamento. Agradeço que dessa vez, Michelle me espera para descer do carro.

Estou nervoso, não posso negar. *Respira, Olavo.*

Respira.

Saímos do carro e caminhamos para a entrada do hospital. Michelle passa pela entrada, cumprimenta a moça da recepção e continua seu caminho pelos corredores do hospital, enquanto eu caminho em silêncio atrás dela. Um homem alto, loiro, magro, se aproxima e fala com ela, mostrando um sorriso grande demais para o meu gosto.

Fico ao lado da minha mulher e coloco a mão em sua cintura, voltando meu olhar para ele. Ele olha para minha mão e depois para nós dois juntos.

— Michelle, como vai? – pergunta, sorrindo simpático.

Meu pau!

— Ela vai muito bem. Nos dê licença – digo e a puxo para continuarmos a andar.

Michelle me olha e reprime um sorriso.

— Você sabe, as vezes o teu ciúme até que é fofinho – diz, sorrindo, fazendo-me revirar os olhos.

— Ele quer você – digo e ela olha para a criança em seus braços, sorrindo.

— Você está ouvindo seu papai, bebê? Ele é louco.

Nosso filho.

Sim, ele é nosso filho.

Meu filho e de Michelle.

Sorriso.

Quando chegamos a pediatria, Michelle vai direto para o balcão de entrada. Fala algo para a moça e me chama, com um movimento de cabeça. Procuro manter a calma, controlando os tremores do meu corpo e vou até ela.

— Pedi para ela chamar uma amiga – diz, suspirando.

— Certo – digo e ela se senta em uma das cadeiras que estão à disposição. Arruma o pano que o bebê está coberto, observando-o com um lindo brilho no olhar. Eu sempre soube que Michelle seria uma linda mãe, mas eu nunca pensei que seria tão lindo e de uma grandeza tão grande para o meu coração, vê-la com ele nos braços, enquanto o pequeno dorme.

Sorrio com essa cena. Ele dormiu nos braços da sua futura mãe.

Se eu estou muito feliz com isso?

Sim, estou.

Quero minha família enorme.

— Droga! – Michelle, resmunga.

— O que foi? – pergunto, em alerta.

— Tia Bernadina.

— Porra, é mesmo.

Já tinha me esquecido dela, com tudo que aconteceu.

— Ela já deve estar chegando – Michelle diz, aflita, balançando as pernas.

— Calma, amor.

— Você tem que ir buscá-la – diz, se levantando.

— Você vai ficar sozinha, aqui?

— Fico, Olavo. Ainda vou esperar um pouco. Quando formos atendidos, eu te ligo e aviso.

Aceno, concordando. Me comprometi por ir buscá-la e é o que farei. Deposito um beijo casto em seus lábios, para me despedir. Ela retribui e sorri.

— Nossa família, está cada vez maior – diz, sussurra sorrindo.

Amo vê-la assim, transbordando alegria.

— E vai aumentar mais. Quero ter mais 2 filhos – digo, sorrindo e ela arregala os olhos.

— Um de cada vez, Olavo. Vamos com calma.

— Tudo bem.

Suspiro, quando uma mulher, alta, morena e bonita se aproxima de nós, com seu olhar cravado em Michelle, que a encara com reconhecimento.

— Michelle? Me chamou? – fala do meu lado, olhando para minha esposa.

— Sim. Você poderia examiná-lo? – minha mulher pergunta, desviando seu olhar do menino para ela, com aflição.

— Seu filho? – pergunta, me olhando.

— Nosso – digo, olhando para minha mulher.

Ela sorri e a outra mulher arregala os olhos.

— Como assim?

— Uma longa história, te conto, quando você estiver o examinando – Michelle diz, a encarando e a mulher que imagino ser médica, acena.

— Vamos para o meu consultório – diz, se virando e sai.

Michelle a acompanha, segurando o bebê em seus braços em um forte aperto. E eu, como sempre, fico feito um bobo, olhando minha mulher e filho, saírem atrás dessa mulher.

Suspiro, lembrando de dona Bernadina, que já deve estar a minha espera na rodoviária.



\_ Nossa, como você demorou, menino – dona Bernadina diz, me entregando suas malas. Ao pegá-la, arregalo os olhos, ao sentir meus ossos protestando, por causa de todo o peso.

*Meu deus! O que tem aqui dentro? Pedra?*

— Pesada sua mala, não é? – digo, a levando para o carro.

— Tem muitas coisas. Afinal, vou passar bastante tempo na casa de vocês – diz, sorrindo. Parece estar tão satisfeita, que o simples fato da sua mala ser pesada, já se esvai da minha mente, enquanto nos aproximamos do meu carro.

Quando chegamos no carro, coloco as coisas dela no chão e destravo o bagageiro. Abro a mala e coloco suas bagagens dentro.

— Michelle está trabalhando? – pergunta, abrindo a porta do passageiro e entrando.

Suspiro e abro a porta do motorista, entrando, por conseguinte, tendo o seu olhar cravado no

meu rosto, enquanto sua mão está fechada no cinto de segurança.

— Não. Ela está resolvendo uma coisa – digo.

Não sei se conto...

— Que coisa? – pergunta, curiosa.

— Nosso filho.

— O que aconteceu? – pergunta, preocupada.

Coço a cabeça.

— Nosso outro filho.

— Outro? Explica isso direto, menino.

Enquanto dirijo rumo ao hospital que Michelle trabalha, conto tudo o que aconteceu nessas horas. Ela fica emocionada, diz que nossa atitude foi bonita e fica curiosa. Diz que quer ver a criança, o que me rende uma série de sorrisos bobos. Ela disse que vai ensiná-lo a respeitar as mulheres e a como conquista-las.

Essa dona Bernadina, é uma figura. Fez da nossa pequena viagem um centro de comédia ambulante, onde eu não sabia se ria ou se dirigia, recheando o carro com diversos relatos sobre os netos que ela não pôde criar, mas que agora, com os filhos da sua menina, iria fazer diferente.

Quando enfim chegamos ao hospital, pego meu celular e ligo para Michelle. Não demora muito, ela atende, o que meu coração muito agradece.

— Amor – digo.

— Oi, amor.

— Ele está bem? – pergunto, sentindo meu coração se acelerar aqui dentro do meu peito, com a ansiedade rondando por meu corpo.

— Sim, só precisou de um banho e de se alimentar. Como aqui tem leite reservado, Cintia me ajudou a dar para ele – diz, sorrindo.

— Graças a Deus – suspiro, aliviado.

— E aí? – Dona Bernadina pergunta, curiosa.

— Ele está bem – digo, afastando o celular um pouco do ouvido, para olhar em sua direção.

— Tia Bernadina, está com você? – Michelle, pergunta.

— Sim, estamos te esperando no estacionamento.

— Estamos descendo – desliga.

Alguns minutos depois, aparece na porta do hospital com a mesma mulher que a atendeu. Saio do carro e abro a porta de trás, para que ela possa entrar, com nosso filho.

— Obrigada, Cintia. – Michelle diz, a abraçando.

\_ Por nada. Estarei sempre aqui.

Com um sorriso final, a mulher se despede e volta para o hospital. Fecho a porta e volto para dentro do mesmo.

— Olavo me contou do novo filho de vocês, minha filha – Dona Bernadina diz, se inclinando para olhar minha mulher.

— A senhora vai me ajudar a cuidar dele – diz, sorrindo.

— Claro que vou, estou aqui para cuidar de vocês.

— Olavo, Cintia me falou que o certo seria nós entregarmos o bebê para as autoridades. Eu sei que ela está certa, mas eu não quero me separar dele – diz, com seu tom de voz triste.

— Realmente seria o certo, mas não o necessário – dona Bernadina diz, a olhando com amor.

Não digo nada, porque é a verdade. Não posso esquecer, que aquela mulher pode voltar e possivelmente me ameaçar. Mas como ela vai saber que ele está comigo?

Suspiro, em meio à um ciclo de indecisões.

— Temos que comprar algumas coisas para o bebê – dona Bernadina fala.

— É verdade, amor.

— Vocês querem ir agora para o centro?

— Sim. – As duas dizem em uníssono, fazendo-me suspirar.

Duas mulheres e uma criança no centro.

Tenho a sensação que isso não vai dar certo.

Deus que me ajude.

## Capítulo 23

OLAVO PEIXOTO

**L**ouco! Eu vou ficar louco! Dona Bernadina vai me enlouquecer!

Eu tenho certeza.

Para começar, ontem quando fomos comprar as coisas para o bebê, elas me fizeram levá-las para todos os cantos do centro da cidade. Compraram roupas, móveis, mamadeiras... tudo que o bebê possa vir a precisar. Sem contar o leite especial.

Não pense que eu estou achando isso ruim.

Pelo contrário, estou amando cada momento, mas o problema é que não tenho paciência para passar horas dentro de uma loja, enquanto elas rodeiam tudo, atrás dessas coisas. Me entregaram o bebê dormindo e entraram em um monte de lojas. Resumindo, estou falido. Não tenho mais nenhum centavo em meu bolso. O que me restou, foram as contas para pagar no próximo mês, porém faz parte.

Eu quero ter filhos, tenho que saber lidar com isso.

Continuando... na madrugada o bebê acordou chorando, com fome e dona Bernadina, começou a chorar pensando que ele estava com dores e eu não sabia se pegava o bebê ou a consolava. Michelle ficou deitada, afinal, ela estava muito cansada. Andou muito, durante toda a tarde.

Um tempo mais tarde, ela acordou enjoada e foi direto para o banheiro.

Sei que é normal isso acontecer no início da gravidez, mas me assustei. Fiquei todo o tempo ao lado dela, passando um pano molhada por seu pescoço.

Dona Bernadina, ao ver a movimentação, se levantou e foi até o quarto. Viu como Michelle estava vomitando e foi fazer um chá. Não sei o que tinha nesse chá, que Michelle melhorou e voltou a dormir.

Tudo bem.

Para terminar, essa manhã, acordei com dona Bernadina batendo na nossa porta, dizendo que o café estava pronto. Bom, devo confessar que nesse momento, fiquei muito feliz. Mas essa felicidade acabou, quando fui para a lavanderia, colocar nossas roupas na máquina. Não sei o que essa senhora fez, que as roupas que estavam dentro da máquina, estavam todas manchadas.



TODAS. Sem exceção. E adivinhe só de quem era essas roupas...

Se você imaginou que eram minhas... Bem, você acertou.

Se eu fiz ou falei alguma coisa?

Até fiquei com vontade, mas quando a vi dando mamadeira para meu filho...

Desisti.

Ela só está querendo ajudar e eu estou sendo um idiota mimado.

Suspiro.

Saio dos meus devaneios e observo o carpinteiro colocar uma porta no lugar. A obra já está perto de ser concluída.

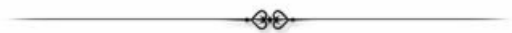
— Olavo – alguém me chama de algum lugar da obra.

— Sim?

— Senhor, onde é para colocar o cimento que acabou de chegar?

Voltando ao trabalho.

Afinal, tenho filhos para sustentar.



— Michelle, veja se a mamadeira está muito quente.

— A temperatura está boa, tia.

— Então, me dê.

— Não, tia. Eu dou a mamadeira para ele.

— O pegue. Seu marido está demorando.

— Não tia, ele já deve estar chegando.

Sorrio.

Do quarto, dá para se ouvir o que as duas estão falando. Cheguei a pouco tempo e resolvi não as incomodar, já que estão cuidando do bebê.

Bebê... Precisamos dar um nome para ele e registrá-lo logo.

Tiro minha roupa e vou para o banheiro, vendo meu peito todo suado. Hoje, o dia foi puxado demais até. Ligo o chuveiro e entro debaixo, deixando que a água escorra por meu corpo, tirando todo o estresse e o cansaço do dia...

— Amor? – Michelle me chama, com sua voz se fazendo presente aqui no banheiro.

Tiro o sabonete do meu rosto e olho em direção da entrada, tendo o prazer de a ver entrando no banheiro. Ela está linda como sempre.

— Aqui – digo, a olhando.

— Chegou a muito tempo? – pergunta, me olhando de cima a baixo. Parando seu olhar em meu peito, o que me faz sorrir. Passa a língua pelos lábios e coloca a mão na cintura.

— Não, cheguei agorinha – digo, sorrindo.

Seu olhar para o meu corpo, é intenso.

— Do que está rindo? – pergunta, me encarando.

— Da tua cara.

— O que tem de engraçado nela? – pergunta, indo para a frente do espelho, me rendendo uma risada. Desligo o chuveiro, quando sabonete já não faz parte do meu corpo e, então, vou até ela.

Quando estou perto o suficiente, a abraço por trás, olhando-a pelo reflexo do espelho.

— A forma como você estava me olhando com desejo.

Desço a mão por sua barriga até o cós de seu short.

Suspira.

— Sempre estou com desejo de você – diz, me olhando pelo reflexo. Olha para minha mão em seu cós e sorri.

— Você pensou em algum nome para nosso filho? – pergunto, abrindo o botão do seu short.

— Thomaz – disse, sorrindo.

— O nome do seu tio?

— Sim, eu sempre quis colocar o nome de algum filho meu, com o nome dele – diz, sorrindo. Desço seu short e calcinha juntos. Ela, os tira de seus pés e os joga de lado. A viro, para que fique de frente para mim e a beijo. O beijo começa com calmo, depois se intensifica. Posso sentir o calor surgir de dentro do meu ser. Ela me causa esse calor.

Ela é o motivo desse calor.

O desejo. Aquele desejo sempre presente quando ela está por perto. Estou o sentindo nesse momento dominando o meu ser.

Michelle, arranha minhas costas com suas unhas e geme em minha boca. *Vou ficar louco com essa mulher.* A levanto, fazendo com que ela entrelace suas pernas em minha cintura e os braços em meu pescoço. A coloco sobre a parede e ataco seu corpo.

Mordo seu lábio inferior e aperto sua cintura, ouvindo-a gemer.

Subo minhas mãos por seu corpo, até chegar em seus seios, apertando-os e ela sorri.

— Você sempre teve tara por meus seios e pela minha bunda – diz, olhando em meus olhos.

— Sim e você sempre gostou.

Distribuo beijos por seu rosto, descendo até seu pescoço. Deixo a marca de uma mordida, para que ela lembre quem esteve por aqui amanhã. Volto a atacar sua boca e a subir sua blusa. Ela esfrega sua boceta em meu pau duro, em busca de atrito e, porra, eu amo quando ela faz isso. Posso sentir o quanto está molhada, o quanto está sedenta de desejo.

— Amor – geme, em minha boca.

— O que você quer, minha vida? Me diz – falo, descendo meu braço até o meio de suas pernas, para estimular seu botão implorando por atrito.

— Quero você, Olavo. Você – geme, de olhos fechados e apertando os músculos de meus braços.

— Você já me tem, amor. Já me tem. Sou todo seu.

Michelle abre os olhos e me olha intensamente. Pega meu pau com uma de suas mãos e o esfrega em sua boceta, provocando uma onda de sensações por todo meu corpo. Porra!

Sinto o sangue pulsar em meu pau. Ele a quer, eu a quero.

Afasto-me o suficiente para colocar meu pau em sua entrada. A provoco, o esfregando de seu clitóris até sua entrada, enquanto ela observa todo o movimento que faço. Resolvo acabar com essa provocação e a penetro.

Sentir sua carne contra a minha... Essa bocetinha apertada... Me deixa louco.

Essa mulher me deixa louco.

Ela pede que eu a penetre mais rápido e eu faço. A penetro rápido e com força, do jeito que ela gosta. Do jeito que nós gostamos.

— Olavo! – Michelle me grita, da sala.

Estou na cozinha, ajudando Dona Bernadina a fazer um lanche para nós. Ela me mandou descascar laranjas para fazer o suco, enquanto ela prepara a massa para fazer um bolo. Levanto-me da cadeira, deixando as laranjas em cima da mesa e vou ver o que ela quer. Quando chego na sala, a encontro de cara fechada, olhando para meu celular.

— Oi, amor – digo, a olhando.

— Por que a filhote de gambá da Francisca está te mandando mensagem? – pergunta, me olhando. Sorrio, com o apelido. — Qual o motivo do sorriso? – pergunta, arqueando a sobrancelha esquerda.

— O apelido que você deu a ela – digo, sorrindo.

Pomposo aparece correndo na sala e sobe em cima do sofá, ficando ao lado da minha mulher. Ela sorri e o coloca em seu colo.

— Você não respondeu minha pergunta – diz, me olhando séria.

— Eu não sei – digo, sinceramente.

— Como não sabe? – rosna.

— Eu não sei, Michelle. Nem sabia dessa mensagem.

— Chegou agora pouco – diz, com o maxilar travado.

— E eu estava na cozinha – digo, me aproximando dela.

— E como ela descobriu seu número?

— Michelle, eu não sei. Qual o propósito das tuas perguntas?

— Entender porquê essa mulher vive atrás de você, sendo que você vive a dispensando – diz, séria.

— Isso eu também quero entender – digo, me sentando ao seu lado.

Essa conversa bem aqui está tomando rumos, que eu não estou gostando muito e, até onde eu a conheço, vamos acabar brigando sendo que não tem nenhum sentido tudo isso aqui.

— Será que não entende mesmo, Olavo? – semicerra os olhos.

— Michelle, nunca te dei motivos para duvidar de mim. Não acredita no que eu estou falando, não é? – pergunto, magoado.

Como ela pode duvidar de mim? Será se não dei provas suficientes do meu amor?

Eu sempre fiz de tudo para demonstrar meus sentimentos por ela, mas pelo que eu estou vendo não é suficiente. Nunca é.

Fico muito triste, que a mulher que é tudo na minha vida, não acredita em mim.

— Não é isso. Você está distorcendo...

— Chega, Michelle. Você já fez o seu ponto – digo, me levantando.

Vou para a cozinha, terminar de descascar as laranjas e quando acabo, as coloco perto de dona Bernadina, essa que me encara com um olhar que diz o quanto está perdida no meio do que acabou de escutar, mas não me deixa levar por isso. Desvio meu olhar e lavo minhas mãos, saindo da cozinha, logo em seguida.

— Meu filho, já vou cortar o bolo, venha aqui – dona Bernadina pede.

— Estou com dor de cabeça. Boa noite.

Despeço-me e vou para meu quarto. Me deito e fico pensando em tudo que está acontecendo na minha vida.

O que eu não fiz para que minha mulher não acreditasse no amor que sinto por ela?

## Capítulo 24

OLAVO PEIXOTO

**O**lavo! – Michelle me chama, distribuindo beijos por meu rosto.

Por que não confia em mim? Por que não acredita em mim? Por que ainda está comigo? Sem confiança, o que é um relacionamento? Droga!

Preciso sair um pouco, arejar as ideias.

A afasto de perto de mim e me levanto. Ela rola para o outro lado e se levanta também. Me segue até o guarda-roupas e me observa vestir uma calça jeans e uma camisa.

— Para onde você vai? – pergunta, avançando para perto de mim.

— Sair.

Pego um par de sapatos, vou para a cama, me sento e o calço.

— Você não vai sair, Olavo – rosna, colocando as mãos na sua cintura.

— Sim, eu vou – digo, olhando em seus olhos.

Vejo medo refletido em seus lindos olhos.

*O que está acontecendo?*

— Não vai – afirma, me olhando firme, fazendo-me suspirar.

— Por que eu não iria? – pergunto, me levantando e indo até a mesinha pegar minha carteira e chaves.

— Porque eu não quero que você vá! Olha, eu sei que eu exagerei. Me desculpa, não quis fazer parecer que não confiava em você.

— Mais tarde eu volto – digo, caminhando até a porta, mas antes que eu possa chegar até a mesma, ela me puxa e me agarra, fazendo com que eu pare meus movimentos.

— Não, Olavo. Fica aqui – implora, com seus olhos ficando marejados. Como eu posso enfrentá-la? A vendo toda frágil?

Respiro fundo, desistindo do que quer que estivesse passando pela minha mente.

Tiro os sapatos, a calça e a camisa, ficando apenas de cueca em sua frente. Pego as roupas que retirei e as levo novamente para o guarda-roupas. Me viro e saio do quarto, tendo-a no meu encalço.

— Amor, vamos conversar – pede, andando atrás de mim.

— Me deixa, Michelle.

— Não, você é meu.

— Nossa, que visão maravilhosa! – dona Bernadina diz, quando me vê entrando na cozinha. Droga! Já tinha esquecido dela aqui. — Quando decidi que viria passar um tempo com vocês, não poderia imaginar que teria seu marido pelado na minha frente, Michelle.

— Não estou pelado.

— Mas, está quase – Michelle diz, sorrindo.

Reviro os olhos.

— Poderia ficar – dona Bernadina fala, se abanando com as mãos. — Eu não me importo em ficar olhando esse corpo cheio de tatuagens o dia inteiro... – ela para e sobe seu olhar para meu rosto. — Você tem alguma escondida?

Oh meu deus! Essa mulher é louca e vai me enlouquecer!

Sinto uma pontada de dor de cabeça, tudo o que eu precisava agora.

Suspiro, tentando não gemer alto.

Viro, voltando para o meu quarto e tranco a porta. Preciso ficar um tempo sozinho. Tenho que pensar. Preciso colocar minha cabeça em ordem.

Como Francisca descobriu meu número? Por que fica me perseguindo? O que diabos ela quer comigo? Por que minha mulher não acredita em mim?

O que eu fiz? O que eu não fiz?

— Olavo! Abre essa porta, amor. Vamos conversar – Michelle grita, do outro lado da porta.

— Depois – digo, me deitando na cama.

—Não, agora! – suspiro e me levanto, já sabendo do seu estado de oscilações de humor.

Caminho até a porta e a destranco. Michelle entra, fecha a porta e me empurra na parede, fazendo-me arregalar os olhos e puxar uma longa respiração devido a surpresa que me causou.

— O que você...

Ela não permite que eu diga mais uma palavra, calando-me com um beijo que exala fúria e desejo. Os dois misturados em uma boca só, meu Deus

O que está acontecendo com essa mulher?

Retribuo o beijo na mesma intensidade que ela o conduz. É isso que ela faz comigo. Me distrai com seus beijos, fazendo com que eu esqueça de tudo, mas eu não posso me deixar levar. É por isso que, eu me afasto, mesmo que uma dor dilacerante esteja rasgando meu peito.

— O que eu fiz? – pergunto, a encarando.

— Como assim?

— O que eu fiz ou não fiz, para você não confiar em mim? No amor que sinto por ti?

— Eu confio em você, Olavo. Eu só perdi o controle, me desculpa.

— Perdeu o controle, por quê? Eu não tenho nada com a Francisca e nem quero ter. Não sei por que ela me persegue.

— Eu sei, amor. Eu sei. Só esquece isso, por favor.

— Esquecer... – suspiro, balançando minha cabeça, já sentindo a decepção bater contra o meu corpo.

— Sim.

— Vou tentar.

Encaro os seus olhos e ela sorri, mordendo o lábio inferior.

— Te faço esquecer rapidinho...

— Sério?

— Sim – sussurra, aproximando seus lábios dos meus novamente.

— Como?

Ela não responde.

Sorri e se ajoelha, levando o seu olhar para a minha cueca. Abaixa-a e me olha.

— Relaxa e goza, meu amor.



## Capítulo 25

MICHELLE PEIXOTO

DOIS MESES DEPOIS

Não estou aguentando! Não estou me suportando!

Suspiro, procurando por calma... Calma!

Ultimamente, não sei nem o que é isso.

Olavo e tia Bernadina, estão me enlouquecendo, com o excesso de proteção deles. Não posso fazer isso, não posso fazer aquilo.

Não suporto isso.

Meu humor, está bem oscilante. Sei que estou abusando muito e deixando Olavo maluco, mas o que posso fazer se ele provoca?

Mentira, na maioria das vezes, ele não provoca.

Ele tem me ajudado muito com Thomaz, com nossos bichinhos, com tia Bernadina... para ser bem sincera, Olavo tem me ajudado em tudo. Ele sempre ajudou. Sempre esteve por perto, sempre deu a atenção que eu precisava, sempre me dando amor, carinho... Ele é tudo para mim. Ele faz de tudo e mais um pouco para mim.

E eu o amo muito.

Agora, estou sentada em uma cadeira de uma loja de roupas de bebês, com Thomaz em meus braços dormindo, enquanto minha tia está andando de canto a canto da loja, procurando por mais roupinhas para Thomaz. Ele está gordinho, as bochechas fofinhas, o cabelo pretinho... meu bebê está ficando lindo. Com quatro meses, está mais esperto, encantando-nos sempre com seus sorrisos lindos e sem dentes. Principalmente a Olavo. Meu marido é apaixonado por ele.

Olavo, realmente o vê como um filho e isso me deixa tão emocionada, que só em lembrar, me dá uma vontade enorme de chorar. Saio de meus devaneios, como a aproximação da minha tia sorridente.

— Minha filha, comprei várias roupinhas para ele. Esse menino, não vai ficar sem roupa nunca. Temos que passar no supermercado para comprar algumas coisas que está faltando em casa e também o leite dele - diz, olhando para Thomaz.

— Tudo bem, tia. A senhora ainda vai comprar alguma coisa? - pergunto, a olhando.

— Hoje não. Temos que ir, já está tarde. Ainda tenho que preparar o almoço e colocar o lanche dos gatinhos e dos cachorros - diz, sorrindo e eu a sigo, sorrindo como uma boba que estou agora.

— Eles estão muito comilões. Hoje mesmo, vou levá-los no veterinário. Tem umas vacinas para eles tomarem - digo, ajeitando com cuidado Thomaz em meus braços.

— Vou com você. Irá precisar de ajuda, tenho certeza.

— Vou mesmo, tia.

Uma atendente vem em nossa direção, segurando várias sacolas e entrega algumas para minha tia. Ao ver que ela não consegue carregar todas, pede a moça que a ajude até no carro. Ela sorri e concorda muito simpática. Vai conosco até o carro, deixa as sacolas no bagageiro, se despede de nós e se vai.

Sorriso. *Gostei dela.*

Coloco Thomaz em sua cadeirinha, fecho a porta e entro no lado do motorista. Dou partida no carro e dirijo em direção ao supermercado, com tia Bernadina falando sobre como eu deveria me controlar mais vezes, para não explodir perto de Olavo. Assunto bem aleatório, mas tudo bem.

Quando chegamos no supermercado, vamos direto procurar as coisas que faltam. Tia Bernadina, pega tudo que falta e coloca no carrinho. *Ela não demora, pega o que precisa e sai.* Sorrio, pensando que eu não consigo ser assim.

Vamos para o caixa e logo somos atendidas. Uma moça ajuda a colocar as coisas nas sacolas, nos ajuda com o carrinho até o carro e a colocar as coisas no bagageiro. Agradecemos e entramos no carro. Dou partida e dirijo rumo à minha casa.

Estaciono o carro, em cima da calçada já em frente à minha casa e desço. Tia Bernadina, desce em seguida.

— Eu pego Thomaz e você tira as sacolas. Pega aos poucos, para não pegar muito peso. Você sabe, está grávida - diz, olhando para minha barriga. Já está começando a apontar e eu estou tão feliz. Não está muito em evidência, mas eu consigo perceber a diferença quando olho no espelho.

— Tudo bem, tia - digo, sorrindo.

Ela abre a porta do passageiro e tira meu bebê da cadeirinha, com cuidado para não o acordar. Abre a porta e entra na casa. Suspiro. Abro o bagageiro do meu carro e pego três sacolas. Antes que eu coloque o pé dentro de casa, uma voz fina e irritante de uma pessoa mais irritante ainda, me chama.

Francisca.

— Vizinha! - reviro os olhos.

Ninguém merece.

— Diz, Francisca - falo, impaciente.

— Como você está?

— Como você está vendo, estou em pé. Vá direto ao ponto, Francisca.

— Onde está, Olavo?

Ela está me provocando... Ela vai levar o dela, hoje... Respira, Michelle...

Respira...

— Meu marido está no trabalho. Você deveria saber, já que sabe da rotina dele, melhor que eu - alfineto com um simples sorriso nos lábios.

— Olavo, é alguém importante...

Importante?

Importante?

Oi?

— Importante?

— Sim, para mim, ele é e ele sabe disso, mas por sua culpa, não temos uma relação mais próxima.

Por minha culpa?

Rio alto, jogando minha cabeça para trás.

— Querida, se enxerga. Olavo, não está nem se importando com você. Ele não quer nenhuma aproximação com você... Ele não precisa.

— Você que não permite, sua idiota! Para segurar ele, adotou um bastardinho e está grávida de outro!

Não pensei, a raiva me veio com força total e quando fui perceber, já tinha dado um belo de um tapa na cara dela. Essa puta!

— Quem é essa mulher, Michelle? - tia Bernadina pergunta, surgindo de não sei onde.

— Uma puta oferecida que vive dando se oferecendo para o MEU marido. Ela não entende que ele NÃO A QUER. NÃO QUER E NUNCA VAI QUERER - rosno, alterando o meu tom de

voz, para que a rua toda seja capaz de escutar. Coloco o dedo indicador em seu rosto. — Não ouse, chamar meus filhos de bastardos, sua puta de merda. Você não tem decência para falar deles, escutou?

— Ela teve a coragem de chamar meus netos de bastardos? - tia Bernadina pergunta, incrédula. Se aproxima de Francisca e fica frente a frente a ela, que está com a mão no rosto. No lugar em que eu acabei de lhe dar a bofetada.

A dias ela me provoca. Merecia mais, por ter falado dessa forma dos meus filhos!

— Menina, você é tão bonita, uma moça que poderia se dar ao respeito e parar de correr atrás dos homens alheios...

— Minha senhora, foi essa mulherzinha aí que tirou ele de mim! - rosna, me encarando.

— Tirei? Eu não te tirei nada! Ele nunca foi seu! Nunca! E nem vai ser. Ele me ama! A gente tem uma família! Toma vergonha nessa tua cara e vai procurar o que fazer! - digo, irritada.

Sinto um calor subir por meu ser...

— Você não o deixa se aproximar de mim, idiota! Ainda o prendeu com esses dois BASTARDOS! PUTA! - grita, descontrolada. Tia Bernadina, dá uma bofetada em sua cara. Depois outra.

E outra, outra.

Francisca se afasta, tentando desviar dos tapas, mas é em vão.

— Sai, sua velha louca!

— Oferecida! Isso que você é! - tia Bernadina diz, ofegante.

Me aproximo dela e a afasto dessa mulherzinha.

Algumas pessoas se aglomeram ao redor, acho que por causa da gritaria. Uma mulher, se aproxima de Francisca e a tira dali, fazendo-me respirar fundo.

Meus nervos estão a flor da pele.

Sinto uma tontura.

— Você está bem, minha filha? – minha tia pergunta, preocupada.

— Vamos entrar.



Tia Bernadina, preparou vários chás, ligou para Olavo, fez almoço... tudo de uma vez. A mulher não para, meu Deus.

Olavo, quis sair do trabalho e vir até aqui, mas eu o convenci que não precisava, até porque já tinha passado tudo.

Quando a tarde chega, dou um banho em Thomaz, o arrumo e o deixo em cima da cama sob o olhar atento de minha tia, o que me faz sorrir. Vou atrás dos meus bichinhos e os pego, os colocando dentro de suas gaiolas. Me dói o coração em vê-los dessa forma.

Presos.

Não consigo parar de pensar na cena que Francisca deu hoje. Totalmente desnecessário. Aquela mulher é louca.

Olavo, importante... Importante...

Importante, vai ser minha mão na cara dela, se ela vier se oferecer para ele novamente. Puta!

— Tia, a senhora traz o Thomaz? - pergunto, levando meus bichinhos até o carro.

— Levo!

Quando termino de os colocar dentro do carro, abro a porta traseira e espero por tia Bernadina. Depois que ela o coloca na cadeirinha, entra e nós vamos para a clínica veterinária.



\_ Como você está? - Olavo pergunta, ao entrar em casa.

Meu Deus! O homem mal entra em casa e já vem me atropelando com perguntas.

— Estou bem, Olavo - digo, suspirando.

Estou sem uma gota de paciência. Ele que não venha me encher o saco!

— O que aconteceu, com aquela louca? - pergunta, se sentando ao meu lado. Reviro os olhos.

— Ela disse que você é importante para ela e que eu não deixava vocês dois se aproximarem - digo, olhando para minhas unhas.

— Ela é louca?

— Puta! Tia Bernadina, deu uma surra nela - digo, sorrindo ao me lembrar da cena.

— Meu deus!

— Ela disse que nossos filhos são bastardos e que eu os usei para te prender a mim.

Ele me olha com os olhos arregalados, estando claramente chocado.

— Essa oferecida de merda! - esbraveja, se levantando. Abre a porta da rua e sai, o que me faz arregalar os olhos. Me levanto e vou atrás dele.

— Para onde você vai, Olavo?

— Coloca essa vagabunda, em seu devido lugar!

## Capítulo 26

OLAVO PEIXOTO

**A**gora essa mulher dos infernos conseguiu me tirar do sério! Que porra passa na cabeça dela? Não entende que não quero nada com ela?

E ainda tem a coragem de ofender meus filhos?

Caminho a passos largos e firmes, até o outro lado da rua, onde fica a casa de Francisca. Já abusei essa mulher!

Quando estou em frente à sua casa, toco a campainha e em pouco tempo ela abre a porta. Assim que vê que sou eu que está em pé em sua frente, abre um largo sorriso, abrindo mais a porta.

— Vizinho! – fala, com aquela voz irritante.

Reviro os olhos.

— Não quero que você volte a incomodar minha mulher, entendeu? – rosno, sentindo meu coração se acelerar aqui no meu peito.

— Eu? Ela é louca...

— Você não tem o direito de falar dessa maneira dela e muito menos dos meus filhos, sua oferecida! Eu não quero nenhum tipo proximidade com você. Eu não quero e nunca quis! Você é capaz de entender isso?

— Eu sei que ela te envenenou contra mim, mas eu quero que você saiba, que eu gosto muito de você, que por mim nós seríamos bons amigos...

— Você é ou se faz de surda? Eu não quero nenhum tipo de relação com você! Seja de vizinho ou de amizade, entendeu?

— Foi ela, não foi? Foi ela que te mandou vir aqui e falar tudo isso...

— Minha mulher não mandou que eu fizesse nada. Estou aqui, porque quero, porque estou cansado das tuas perseguições, porque estou cansado de VOCÊ!

— Você está falando isso, porque ela está atrás de você? – sussurra, olhando por trás dos meus ombros.

Essa mulher está se fazendo de desentendida ou ela tem problemas de entender as coisas?

— EU não quero saber de você! EU sou casado! EU amo minha mulher! AMO. MINHA MULHER. Não quero você! Não quero você como amiga, muito menos como vizinha. E não estou falando isso, porque Michelle está atrás de mim, estou falando isso porque eu estou farto de ter você na minha vida, porra! – digo, exasperado.

— Se você não fosse casado com ela, você não interessaria por mim? – diz, mordendo o lábio e dando uma volta.

Que porra!

— Você não faz o tipo de mulher que me interessaria! Apenas uma mulher me interessa.

— Sério? E quando ela estiver com mais de seis meses de gravidez? E estiver gorda? Feia? Mesmo assim vai estar interessado por ela? Caso não esteja, estarei aqui a tua espera – diz e fecha a porta na minha cara. Essa puta! Levanto o braço para bater novamente na porta, mas Michelle o segura.

— Ela é uma louca e cínica. Não vale a pena, meu amor. Vem, vamos para casa – diz, puxando meu braço, até que entramos em casa. Posso ver que chamei a atenção de muitas pessoas, pois eles estão atentos nos olhando.

Respiro fundo para não explodir.

— Que gritaria foi aquela? – dona Bernadina pergunta, nos olhando com Thomaz em seus braços. Ela está dando mamadeira para ele. Meu filho, está bem grandinho, lindo e gordinho.

Me aproximo dela.

— Olavo, foi tirar satisfações com a vagabunda da Francisca – Michelle diz, se sentando no sofá.

Observo meu filho se alimentar.

— E aí? – dona Bernadina pergunta, tirando a mamadeira da boca dele e me dando Thomaz, para que eu segure. Quando o tenho em meus braços, ela me entrega a mamadeira e coloca novamente na boca dele. Thomaz, assim que sente a mamadeira em sua boca, começa a chupá-la avidamente, fazendo-me sorrir.

Que menino guloso.

— Olavo falou um monte de coisas para ela, que foi o mesmo de nada, porque ela não entende o que ele fala.

Desde a hora que dona Bernadina me ligou, informando que Michelle tinha passado mal, por causa de uma discussão com Francisca, que eu estava como um louco para voltar para casa, cuidar da minha mulher, dos meus filhos e colocar aquela mulher no devido lugar dela, mas eu



não sei o que fazer, para que ela entenda que eu não quero nada com ela. Mulherzinha ridícula. Ela só pode ser doente!

Se bem que deveria ser doente por outra pessoa, não por mim, inferno!

Tenho muito que me preocupar, para estar me importando com essa idiota.

Suspiro.

Termino de dar a mamadeira para meu filho e o levanto, apoiando-o em meu ombro, para que ele arrote.

Michelle e dona Bernadina, me observam em silêncio.

— Você pega ele direitinho, meu filho – dona Bernadina fala, sorrindo.

— É verdade – Michelle fala, me encarando. — Além de cuidar dos nossos animais, de lavar as roupas, de lavar louças, cuidar da casa, quando não está trabalhando... – diz, com lágrimas escorrendo por seu rosto.

Arregalo os olhos.

O que foi isso?

— Amor, você está sentindo algo? – pergunto, caminhando até estar ao lado dela.

— Estou sentindo que você vai abusar de mim – diz, soluçando.

— Claro que não, amor.

— Claro que sim! Não me chama de amor!

Dona Bernadina pede Thomaz e o leva para o quarto, saindo do nosso campo de visão. Fecha a porta e fica lá dentro com ele. Suspiro e me sento ao lado de Michelle. Levanto seu corpo e o coloco em meu colo. Ela afunda a cabeça em meu pescoço e chora.

Chora, chora, me bate, soluça...

— Michelle, calma. Eu nunca vou abusar de você. Nunca vou te deixar...

— Quando eu estiver feia, vai procurar outra que te proporcione prazer e te dê tesão – diz, batendo em meu peito.

— Que absurdo, Michelle! Claro que isso não vai acontecer! Eu te amo. Você escuta o que eu falo? – ela me olha, me olha, me olha e começa a sorrir.

É louca, louca.

— Você me chamou de surda – diz, gargalhando. A encaro.

Do que ela está rindo?

— Não me olha, assim! Sorri também – diz, fazendo me cosquinhas.

Mulher bipolar, meu Deus.

Pego seus dois braços, prendendo-os para trás, com uma das minhas mãos. Com a outra mão puxo seu cabelo, aproximando sua cabeça de meu rosto. A beijo com amor, fazendo com que ela coloque suas pernas do lado de minha cintura.

— Eu não me importo que vocês fiquem se pegando, mas eu preciso de uma ajudinha aqui no quarto – dona Bernadina diz, sorrindo. Michelle, sai de cima de mim rapidamente. Sorrio, mordendo meu lábio inferior. — Os cachorros fizeram cocô perto do berço. Olavo, isso é trabalho para você – diz, se vira e sai.

Suspiro.

— É melhor você ir, amor – Michelle diz, sorrindo.

— Quando eu voltar, você me paga, sua danada.

## Capítulo 27

OLAVO PEIXOTO

**O**lavo! Se apresse. Vou perder a consulta - Michelle fala, da sala.

— Amor, espera um pouco que já vou - digo, terminando de colocar ração para os nossos bichinhos.

— Olavo, só temos trinta minutos para chegar no hospital - fala, impaciente.

Está ansiosa para chegar logo ao hospital, para sua ultrassonografia.

— Amor, a gente chega lá antes disso - digo, tentando acalmá-la.

— Olavo, te conheço. Você só vai querer sair de casa na hora da consulta e não é assim. Não quero ser a última e não posso deixar minha tia aqui sozinha, para cuidar de Thomaz.

Termino de colocar a comida para eles, troco a água e os coloco na varanda, para que não atrapalhem dona Bernadina. Hoje, ela acordou um pouco irritada, brigando com a gente por tudo. Me acordou cedo para limpar a sujeira que os cachorros fizeram na cozinha, dizendo que não era para a gente deixar eles dormirem dentro de casa. Eu não falei nada, porque ela está zangada, mas não concordo. Aprendi com meu casamento, que devo ficar calado em momentos como esses.

— Michelle, chame um táxi. Eu vou com você. Olavo fica cuidando de Thomaz. Estou cansada de ouvir você o chamando - dona Bernadina fala, saindo do quarto e entrando na varanda, onde estou.

— Dona Bernadina eu já...

— Não quero saber, Olavo. Michelle, não te chamou apenas uma vez. Você fica - diz, me encarando.

Arregalo os olhos.

O que faço, com essas duas mulheres?

Ambas bipolares e completamente loucas, mas eu não vou discutir de forma alguma. Aprendi e aprendi muito bem a lição, que mulher quando está irritada, até o diabo tem medo. Vou ficar aqui na minha mesmo, enquanto que elas duas vão até lá.

— Mas...

— Não tem "mas". Meio dia, você faz o leite para o bebê, deixa esfriar e dê para ele. Antes do almoço, dê um banho nele, o tempo está quente. O deixei no berço. Está acordado.

— Tudo bem - concordo.

Que bicho a mordeu hoje?

— Ótimo. Michelle, já ligou para o táxi?

— Já está chegando, tia – minha mulher diz. Vem até onde estou com dona Bernadina, e se aproxima de mim. Deposita um beijo em meus lábios e sorri.

— Ela está "virada" hoje - sussurro.

— Sim - diz, reprimindo um sorriso.

Dona Bernadina, sacode a cabeça e sai da cozinha. Ficamos sorrindo, da impaciência dela, até que ela grita, chamando minha mulher, avisando que o táxi chegou.

Suspiro.

—Qualquer coisa que você precisar, me liga – diz e me beija. Sai da varanda, rapidamente e em poucos segundos, escuto o barulho da porta de entrada sendo fechada.

Solto os cachorrinhos para que voltem para dentro e vou para o quarto pegar meu filho. Ele está usando apenas fralda.

— Cadê o bebê do pai? - pergunto, afinando a minha voz. Ele sorri para mim, mostrando sua boca sem dentes.

Sorriso lindo. Só podia ser meu filho, mesmo.

O tiro do berço e o aconchego em meus braços. Pego um lençol de cima da cama e um travesseiro pequeno. Vou para a sala e estendo o lençol no chão. Desajeitadamente, arrumo o lençol e o coloco em cima. Apoio sua cabeça no travesseiro e me sento na sua frente.

O que faço agora? Ele não dá nenhum trabalho.

Vou ficar aqui, olhando para ele?

Poderia fazer o orçamento que dona Carmen pediu.

— Filho, fica quietinho, que não vou demorar - digo e me levanto. Corro para meu quarto, pego meu notebook, o projeto da casa dela e canetas. Volto rapidamente para perto de meu filho, vendo que ele ficou quietinho como pedi.

Sorriso.

— Menino obediente, do pai.

Ligo o notebook e abro o projeto, o deixando em cima do sofá, atrás de mim. Felpudo, o gatinho preto com pintinhas brancas e bem peludo, se aproxima de Thomaz e começa a brincar com a pontinha do lençol que está dobrada.

Sorrio.

Thomaz o olha e sorri.

Volto minha atenção para o computador e verifico meus e-mails. Tem dois e-mails de dona Carmen. Depois os leio.

Pego o projeto e começo a trabalhar...



Algo me distrai do meu trabalho...

Olho para Thomaz e o vejo olhando para mim e com suas mãozinhas na boca.

Respiro fundo e sinto um cheiro... Cheiro de cocô.

— Thomaz? Você fez cocô, meu filho?

O encaro. Ele sacode as perninhas e faz careta, querendo chorar.

Sorrio.

Deixo o computador de lado, pego meu filho do chão e o levo para a lavanderia.

Vou lhe dar um banho.

Ligo a torneira da pia, tiro a fralda suja e jogo no lixo, que Dona Bernadina colocou ao lado do armário, onde ficam os produtos de limpeza.

Quando a pia está cheia, verifico a temperatura da água, o coloco dentro e começo a banhá-lo. Seu rosto adere algumas pequenas caretas e, então, ele começa a chorar.

— Calma, meu filho. Papai já está acabando.

Seu choro se intensifica e ele começa a bater as perninhas na água, me molhando. Rapazinho zangado.

— Pronto. Acabou, rapaz - digo, tentando acalmá-lo. Pego uma toalha do varal, o enrolo e o aconcheço em meus braços. Ele se acalma.

Levo-o para seu quarto, o coloco na cama e coloco dois travesseiros ao seu lado, para que não caia, quando se mexer. Procuro por fraldas e as encontro na gaveta do seu armário. Para quê

esconder isso aqui?

Onde está o talco?

E o remédio para assaduras?

E o creme para o corpo?

Que droga, não sei de nada!

Onde essas mulheres colocam as coisas?

Escuto o toque do meu celular, fazendo-se presente no ambiente, mas onde está essa outra droga que não estou vendo aqui?

Corro para a sala e o encontro em cima do sofá. O pego e atendo, sem olhar quem está ligando.

— Diga – falo, caminhando de volta para o quarto, onde meu filho está. Tiro minha blusa molhada e a jogo no chão.

— Amor, está tudo bem aí? - minha mulher pergunta, sorridente.

— Onde você guarda o talco do Thomaz? - pergunto, procurando no armário.

— Na última prateleira do armário dele.

Tinha que ser! Não iria encontrar nunca.

Vou até a mesma e pego o talco. Vejo que o creme e o remédio para assaduras estão na mesma prateleira. Pego tudo que preciso e vou para a cama, onde Thomaz está, sorridente e sapeca, olhando para o teto.

— Como vocês estão?

— Estamos bem. Eu estava trabalhando e ele brincando com felpudo.

— Cuidado com os pelos de felpudo em Thomaz.

— Eu sei - digo, apoiando o celular no ombro e enxugando o corpinho do meu filho com as mãos livres. — Já foi consultada?

— Tem duas mulheres na minha frente e tia Bernadina está muito impaciente – sussurra, fazendo-me sorrir.

— O que aconteceu com ela, hoje? - pergunto, vendo que ele está quase seco.

Depois que acabo de enxugá-lo, pego o remédio para assaduras e passo em suas dobrinhas, nas pernas e bumbum.

— Parece que alguém está chegando na casa dela e ela não gosta muito da pessoa. Não quer em sua casa perto de suas coisas.

— Pergunta se ela não quer ir para a casa dela - digo, abrindo o talco e passando em seu corpinho.

O pó faz com que eu espirre.

— Ela não quer. Já perguntei - viro sem querer o talco e ele cai na cama. Rola até que cai no chão, sem dar tempo para que eu o pegue. — Amor, dá um pouco de água para Thomaz e mais tarde, faz o leite para ele.

— Tudo bem, amor. Eu já sei - digo, abrindo a fralda e levantando o quadril de meu filho. Ele vira para o lado, tornando meu trabalho difícil. — Filho, fica quietinho, para o papai colocar sua fralda. - O viro novamente, para que ele fique com as costas na cama. Quando vou colocar a fralda embaixo dele, novamente ele se vira. — Filho, se acalma - digo, o virando e segurando em sua barriga, para evitar que ele se vire novamente. Michelle, sorri e eu coloco o celular em cima da cama. Ele começa a fazer esforço para se virar e quando percebe que não vou deixar que ele se vire, começa a chorar. — Meu filho, ajuda o papai e fica quietinho. Papai só quer trocar sua fralda. Vai ser rapidinho - levanto seu quadril rapidamente, coloco a fralda embaixo dele, abro as abrinhas e a coloco. Thomaz continua chorando. — Pronto, meu amor. Foi rapidinho, viu? - digo, beijando sua barriguinha. Ele para de chorar e começa a sorrir. — Cadê o bebê mais lindo do papai? Não quer trocar de fralda, por quê? - Cheiro sua barriguinha, o fazendo dar gargalhadas. — Menino lindo do pai.

Olho para meu celular e o pego, vendo que está ligado, ainda em chamada com Michelle.

Já tinha esquecido que estava falando com Michelle. Pego o celular e coloco no ouvido.

— Que lindo.

— Meu marido poderia ser assim.

— Ele é um fofo.

— O entendo perfeitamente, meus filhos são do mesmo jeito.

— Coitado dele.

— Queria ter um marido que cuidasse dos nossos filhos.

— Não quer emprestar seu marido para nós?

Um monte de mulheres falando ao mesmo tempo me deixa confuso. De quem elas estão falando?

— Amor? - a chamo.

— Olavo, meu amor, você conquistou todas as mulheres que estão do meu lado.

Meu rosto adere um tom vermelho ao escutar sua declaração.

— Michelle, sua bruxa, o que você fez?

— Coloquei no autofalante.

— Michelle Peixoto? - uma mulher a chama.

— Sou eu! Amor, é minha vez. Tenho que ir - diz e desliga.

Essa minha mulher é louca!



Thomaz começa a chorar.

Será se fez serviço novamente? Suspiro e me levanto.

Dessa vez, o coloquei deitado em seu carrinho, de frente para a televisão, que está passando desenhos animados, enquanto termino de fazer o orçamento.

— O que você aprontou agora, rapazinho?

O tiro do carrinho e o coloco em meus braços.

Não sinto nenhum cheiro de cocô.

Então o que pode ser?

— O que foi? Está sentindo algo?

Olho para o relógio e vejo que já falta dez minutos para o meio dia.

Está sentindo fome.

— Vou preparar seu leite, não precisa chorar.

Ele se acalma em meus braços. Apoia sua cabeça em meu ombro. Suspiro. Tem como não se apaixonar por um bebê lindo assim? Só podia ser meu filho mesmo. Caminho para a cozinha, para que eu possa preparar o seu leite.

Começo a procurar as coisas para fazer o leite para meu filho, e acabo desarrumando tudo. Tudo fora de lugar e eu tenho certeza que, se a dona Bernadina vê uma coisa como essa, eu com certeza, vou acabar apanhando. Quando eu acabar de fazer, arrumo.

Preparo o leite e o coloco no fogo, para esquentar, mas antes que ele comece a ferver a campainha toca, fazendo-me suspirar dramaticamente.



Vou rapidamente para o portão de entrada e o abro, tendo a visão de Kino bem na minha frente.

— Que tipo de amigo é você? Não liga mais para os amigos, some, não quer nem saber se estou vivo ou morto, não vai mais para a academia...

— Olha o drama, Kino. Você não é nenhum inválido - digo, abrindo mais a porta para que ele entre. — Entra e fecha a porta.

Ele faz o que eu digo e sorri alto, acompanhando-me, quando me viro, voltando para a cozinha.

— E esse bebê? Como cresceu desde a última vez que o vi! - sorrio.

— Sim, ele não vai continuar do mesmo tamanho pelo resto da vida – digo, revirando os olhos e ele me encara.

— Idiota - sorrio.

— Estou preparando o leite dele - digo, o olhando, quando alcançamos a cozinha. Ele sorri e concorda, sentando-se à mesa, com o olhar no fogão.

— Acho que é melhor você tirar o leite.

Droga!

O leite subiu! Vai sujar o fogão todo!

— Segura Thomaz - peço. Ele se levanta, o pega de meus braços e se senta novamente com ele.

Corro para o fogão e desligo o fogo. Levo a panelinha até a pia e pego um copo. Despejo o leite no copo e logo em seguida na panelinha. Fico despejando de um para outro até que tenha esfriado um pouco. Coloco o leite na mamadeira e a fecho.

— Ei, rapazinho! Como você cresceu! Daqui uns dias vai estar correndo e chamando "Titio Kino".

Sorrio.

— Que nada! Vai chamar " papai", não é bebê de pai?

Kino o levanta e começa a brincar de aviãozinho com ele. Thomaz gargalha, aprovando a brincadeira do tio.

Sorrio, acompanhando-os.

Escuto a porta da frente se abrindo e os cachorros começam a latir, empolgados.

Michelle e dona Bernadina.

— Estavam sentindo saudade? - fala, com os cachorrinhos. Sorrio. — Cadê meu bebê, que eu estou escutando só as gargalhadas? - grita, batendo as mãos.

— Cozinha! - digo.

Ela aparece e sorri, ao ver Kino brincando com Thomaz.

— Vejo que está muito bem. Olá, Kino.

— Olá, Michelle.

— Como foi a consulta, amor? – perguntando, encarando-a com ansiedade.

— Está tudo bem comigo e com nosso bebê - diz, passando a mão por sua barriga.

— Que bom - digo, aliviado.

— Deixa que eu dou mamadeira para ele - Michelle diz, caminhando até mim. Rodeia minha cintura com seus braços e beija meu ombro. Pega a mamadeira, vira um pouco de leite em sua mão e prova.

— Está bom? - pergunto.

— Quente. Sai, deixa que eu esfrio.

— Olavo! Olha o que teu cachorro está fazendo - Kino diz, rindo.

Olho para o canto da cozinha e vejo pimposo brincando com minha camisa. Aquela que eu tinha jogado no chão, porque estava molhada.

Suspiro.

— Pimposo! Solte - ele rosna e balança o rabo. Nem adianta que eu fale. Ele já rasgou mesmo.

O que eu faço com esses cachorros? Vou acabar ficando sem roupas!

## Capítulo 28

OLAVO PEIXOTO

Não me irrita, Olavo! Faz o que estou dizendo – fala, irritada.

— Michelle, não. Você é louca? Isso vai cair! - digo, segurando a caixa cheia de brinquedos que Kino comprou para nossos filhos.

— Não vai, Olavo. Para de discutir. Coloca isso em cima do guarda-roupa - diz, colocando uma mão na cintura e a outra apontando para o guarda-roupa.

— Amor, deixa que eu vou colocar no canto, perto da cama de Thomaz - digo, calmamente.

— Não, Olavo. Vai ocupar o lugar que eu poderia colocar outra coisa!

Ela respira fundo.

— Michelle deixa a caixa no canto que é melhor...

— Chega! Parem os dois! Coloca essa caixa embaixo da cama e pronto - dona Bernadina fala, irritada, e eu arregalo os olhos.

— Mas tia...

— Chega, Michelle! Você está brigando com Olavo sem motivos. Pare – dona Bernadina fala, irritada com Michelle.

— Tudo bem - diz e sai do quarto, soltando fumaça pelo nariz.

— Esses hormônios de Michelle são complicados. Você tem a paciência de um santo, meu filho - diz, sorrindo.

— É minha mulher - digo, dando de ombros.

— Posso ver que você a ama muito e eu fico muito feliz por isso - diz, me fazendo sorrir. — Você vai ficar segurando essa caixa o dia todo?

Arregalo os olhos.

— Não - digo, com timidez se arrastando por todo meu corpo. As palavras dela me desconsertaram.

Coloco a caixa embaixo da cama e me sento na mesma. Thomaz está dormindo tão sereno.

— Vá chamar, Michelle. A janta está na mesa - diz e sai do quarto.

Deposito um beijo na bochecha do meu filho e saio do quarto, deixando a porta aberta. Procuro por ela e a encontro deitada na cama do nosso quarto, mexendo no celular.

Me aproximo e sento no cantinho da cama, ao seu lado.

— Amor, vamos jantar? - pergunto, a olhando, mas me ignora. — Michelle - a chamo. Ela continua com sua atenção no celular, me ignorando. Respiro fundo. —Michelle, você precisa se alimentar. Levanta - digo, mas sou ignorado novamente.

Não tenho paciência para isso.

Pego o celular de sua mão e me levanto.

— Está louco? Devolve meu celular! - fala, irritada.

— Depois que você jantar, te devolvo - digo, calmamente.

— Depois o caralho! O quero agora! - se levanta e coloca as duas mãos na cintura.

— Quando acabar o jantar, te dou - digo, me viro e saio do quarto.

Ela me segue.

— Seu idiota! Não sou nenhuma adolescente e você não é meu pai! Me devolve essa droga do celular! - rosna.

— Você está agindo como uma adolescente. Uma criança mimada, que quando não tem o que quer fica fazendo birra. Agora, para com isso e vai se alimentar. Meu filho ou filha precisa comer.

Ela me fuzila e passa por mim, pisando duro, fazendo-me suspirar.

Esses hormônios estão acabando com minha sanidade. Minha mulher está ficando mais louca do que já era. Faz parte.

Vai passar, isso vai passar.

Michelle, se senta de uma vez na cadeira, pega seu prato e coloca comida no mesmo com brutalidade. A encaro.

— Michelle?

— Me deixa em paz! - grita, irritada.

O que está acontecendo com essa mulher?

— Pare de grito, minha filha. Não tem motivos para você estar assim - Dona Bernadina fala, olhando para ela.

— Não tem? A senhora tem certeza? - pergunta, com a voz trêmula.

— Amor, o que está acontecendo com você? - pergunto, caminhando até ficar ao lado dela.

— Já falei para me deixar em paz - diz, me encarando. Aceno e saio de perto dela. Coloco comida no meu prato e vou para a sala. Me sento no sofá e como, enquanto assisto televisão, decidido a não me irritar com as birras de Michelle.

Escuto-as conversando na cozinha, mas não me pronuncio. Quando acabo, vou para a cozinha, coloco meu prato na pia, pego um copo, encho de suco e bebo. Michelle fica me encarando, mas não diz nada. Olho para o prato dela e quando vejo que já acabou de comer, pego o celular dela do meu bolso e o coloco em cima da mesa, do seu lado.

Sem dizer uma palavra, me viro e volto para a sala. Sento-me no sofá e fico assistindo a novela que está passando no momento. Lembro do orçamento que tenho que concluir e me levanto, para pegar meu computador, que está na mesinha do meu quarto. Quando o pego, volto para a sala e dou continuidade ao meu trabalho.

Um tempinho depois, Michelle senta ao meu lado e fica observando a televisão. Sorrio. Ela quer falar comigo, mas o seu orgulho está a roendo por dentro. Não falo nada e continuo com minha atenção no computador.

Dona Bernadina, se junta a nós na sala, para assistir à novela. A mulher é uma noveleira de plantão.

Quando a novela acaba e o jornal começa, Dona Bernadina se levanta para lavar as louças, deixando eu e Michelle sozinhos.

— O que você está fazendo? - pergunta, olhando para a tela do computador.

— Um orçamento para dona Carmen. Ela já me mandou dois e-mails, cobrando - digo, sem olhá-la.

— Quem é essa? - pergunta, encostando sua cabeça em meu ombro.

— Uma cliente da construtora. - digo.

— Hum.

Suspiro.

Termino o orçamento, envio para dona Carmen e desligo o computador. O coloco de lado e me encosto no sofá. Michelle, pega uma almofada, a coloca em meu colo e deita.

Sorrio.

— Faz cafuné, amor - pede, dengosa.

Hormônios.

Faço o que ela pede e um tempinho depois, ela está dormindo.

Dona Bernadina, volta para a sala e se senta no outro sofá. Olha para nós dois e sacode a cabeça, sorrindo.

— Vocês não têm jeito – diz e desvia seu olhar para a televisão.



— Olavo - alguém me chama e eu suspiro, desejando só voltar a embarcar no carrossel dos sonhos.

— Hum - resmungo.

Quero dormir.

— Amor - sussurra, perto de meu ouvido.

— Que horas são? - pergunto, me virando, ainda de olhos fechados.

Não quero acordar. Meu corpo está pesado, querendo dormir.

— Acorda, amor - pede, mais uma vez.

Abro os olhos e a encaro.

— O que foi, Michelle? Está sentindo algo? – pergunto, com preocupação rondando minha mente.

— Estou sentindo remorso pela forma que venho te tratando - diz, com os olhos cheios de lágrimas.

— Amor, não se preocupa com isso. Eu entendo, são os hormônios da gravidez - digo, suspirando.

— Você vai acabar se cansando de mim e me deixando - diz, com as lágrimas descendo de seus olhos, molhando seu rosto.

Sorrio.

— Não vou cansar de você nunca, Michelle - digo, olhando no fundo de seus olhos.

— Você é um homem maravilhoso. Eu tenho medo... Daqui uns dias, vou estar imensa, horrível e você não vai mais sentir tesão por mim, como a Francisca disse - diz, soluçando.

— Amor, isso não é verdade. Pare de pensar nisso. A Francisca é uma doente de merda. Ela falou aquilo para te atingir. Eu te amo. Quando vai entender isso? - pergunto, colocando minhas mãos em cada lado de seu rosto.

— Me sinto insegura - diz, fungando.

— Não deveria. Já te provei inúmeras vezes que você é a única mulher que tenho interesse. Nenhuma outra me causa o efeito que você causa. Não se magoe assim - digo e ela chora mais.

O que faço?

Não sei o que fazer nessas situações.

— Eu te amo, Olavo. Amo muito mesmo. Me desculpa por tudo - enxugo suas lágrimas e deposito um beijo em seus lábios.

— Eu também te amo, minha vida. Não tenho do que te perdoar - digo, sorrindo. — Vem, vamos deitar.

A puxo para meus braços e fecho os olhos, aproveitando a dádiva que é ter a mulher que eu amo nos meus braços...

# Epílogo

OLAVO PEIXOTO

CINCO MESES DEPOIS

**E**stou ansioso.

Muito mesmo.

Ando de um lado para o outro, esperando que algum médico venha me dar notícias de minha mulher.

Ela entrou em trabalho de parto hoje, quando estávamos vindo do veterinário. Michelle, insistiu muito para ir comigo, levar nossos bichinhos, que de 'inhos' não tem nada, para o veterinário, tomar vacina. Os cachorros, estão enormes, fazendo estrago na casa. E os gatos? Quando se juntam com os cachorros, a festa está feita.

Dona Bernadina, ficou em casa cuidando de Thomaz, que também está bem grandinho, gordinho e zangado, como a mãe. Sorrio.

Qual será o sexo do bebê? Será um menino, parecido comigo ou uma menina, parecida com minha mulher?

Michelle, não quis nos dizer o sexo do bebê. Ela disse que vai ser uma surpresa e ela sabe que não gosto de suspense. Fez de propósito.

O enxoval, ela comprou sozinha e escondeu tudo. Nem dona Bernadina sabe o sexo do bebê.

Suspiro.

Ela gosta de maltratar.

Quando Michelle entrou na sala de parto, eu liguei para Dona Bernadina, avisando-a que Michelle já estava na sala, sendo preparada. Dona Bernadina disse que ia dar um banho em Thomaz, chamaria o táxi e viria para o hospital, trazendo a bolsa que Michelle arrumou, com as coisinhas do bebê.

Sorrio.

Ela comprou uma bolsa amarela.



Uma bruxa mesmo.

Uma enfermeira se aproxima de mim.

— Senhor Olavo Peixoto?

— Sou eu.

— O senhor gostaria de ficar com sua esposa? Estamos esperando que ela esteja dilatada o suficiente para que possamos realizar o parto.

— Claro - digo, nervoso.

— Me acompanhe, por favor.

Ela me leva até um quarto, no final do corredor. Vejo que minha mulher está deitada em uma maca, com um vestido azul de hospital.

Entro no quarto e vou para seu lado.

— Como isso dói!

— Calma, amor. Vai dar tudo certo.

— Claro que vai! Disso eu sei, porra! Eu quero que essa dor acabe! - rosna.

— Amor, pensa que é para o nosso filho vir para os nossos braços.

— Eu sei disso, Olavo! E é filha! – diz, com seu lindo rosto ficando vermelho.

— Filha?

— Sim.

— Uma menina?

Acho que posso estar um pouco sem ar...

— É, Olavo!

— Vou ser pai de uma menina? - pergunto, tentando me controlar.

Vou ser pai de uma menina.

— Está surdo? Já falei que sim - fala, irritada, fazendo-me sorrir.

— Michelle - digo e a beijo. Encho seu rosto de beijos.

— Ahhhhh - grita.

— Te machuquei? - pergunto, preocupado.

— Não! Está doendo, Olavo! Doendo!

— Calma, amor. Vou ser pai de uma menina.

— Se prepara para quando ela estiver grandinha e aparecer em casa com namorados - diz, sorrindo fracamente.

— Michelle, ela não vai namorar - digo, sério.

— Até parece - diz, revirando os olhos.

Eu mato qualquer moleque que se aproximar de minha menina.

Ela não vai namorar.

Vou ensiná-la a não querer saber disso.

Minha filha, não!

— Te amo, Michelle. Te amo, muito - digo, beijando seus lábios.

Ela sorri.

— Também te amo, besta – sorri, para que, logo em seguida, uma careta enorme surja em seu rosto. — CHAMA A PORRA DESSE MÉDICO! EU VOU MORRER DE DOR, PORRA!

**Continua...**